



UMA COLETÂNEA A VOZ DE MULHER

Ele tem sempre o melhor

Larissa Santos Novais



Ele tem sempre o melhor

Larissa Santos Novais

Coletânea de textos publicados originalmente no blog www.avozdemulher.com.br,
apresentados em ordem cronológica.

Direitos autorais

© 2026 Larissa Santos Novais. Todos os direitos reservados.

Este e-book pode ser compartilhado gratuitamente, desde que permaneça completo, sem alterações e com a autoria preservada. É proibida a venda, a modificação, a supressão de créditos ou a reprodução parcial para fins comerciais sem autorização expressa da autora.

Textos publicados entre maio de 2015 e outubro de 2019. Primeira edição digital, 2026. Salvador, Bahia, Brasil.

As referências bíblicas e citações presentes nos textos foram mantidas conforme a publicação original.

Sumário

Alegre te louvo por teus grandes feitos	9
Mais do que jóia	12
Vazamento de Água, Vazamento de Fé	16
Convite	20
O senhor me mostra forte	24
Mulheres em situação de risco	27
Alegria de viver... porque mesmo?	33
Revisitações	36
Revisitações pt.2	40
Revisitações pt. 3	45
Rivotril	53
Sephora	58
Você tem medo de que(m)? – pt.1	62
Você tem medo de que(m)? – pt.2	66
Maturidade	69

Trilha sonora	72
O caos e a asa delta	76
(In)certezas	80
Enquanto isso...	83
Nada a ver	87
Infinitamente mais	91
Cuidado!	95
Nada de maquiagem!	100
Minha velha mãe	104
Solange	107
Assalto	111
Quatro estações	114
Uma dúzia de ovos	118
Há dias...	121
#NinguémManda	124
Gracioso	128
Mude o mundo	133
Porque não chorar?	137

Deus não tem nada haver com esse...	141
O que é milagre?	144
Dior	148
Números	152
Djavan	156
Pausa para uma reflexão – pt. 1	159
Pausa para uma reflexão pt.2	163
VIPode	168
Para Clio	172
Nódulo de tireóide	176
Labor	180
Última lição – pt. 1	184
Última lição – pt.2	188
Processos	192
Redenção	196
Deus do improvável	199
Uma coisa é uma coisa...	203

Santander	207
Tome posse!	211
O pulo do gato	215
Deus sabe o que faz	219
Elas duas	223
Uma certa mulher	226
Maria	231
Um dia, muitos dias	235
Como assim?	239
Nem só, nem mal acompanhada	242
Cara ou coroa	246
Mudei	250
Medida certa – pt.1	254
Medida certa – pt.2	258
Re-co-me-çar – pt. 1	262
Re-co-me-çar – pt. 2	266
SURF	270
LIDIA	274

RENOVO	278
PARA O ANO NOVO	280
A GRAÇA DELE BASTA... (parte 1)	283
A GRAÇA DELE BASTA (parte 2)	287
MEMÓRIA CURTA	291
CHUVA DE “BENÇA”	295

TEXTO 01

Alegre te louvo por teus grandes feitos

1 de maio de 2015



“Alegre te louvo por teus grandes feitos
Firmado estarei, sempre Te louvarei
Incomparáveis são Tuas promessas pra mim”

Esse trecho da música “Aclame ao Senhor”, gravada pelo Diante do Trono em seu primeiro CD, chamou a minha atenção de forma especial hoje. A caminho de Vitória da Conquista para o feriado prolongado de 1 de Maio, viagem motivada pela maior tragédia que já vivi (afinal, no dia 02 de Maio completaria 06 anos de casamento, e agora, aos 29 anos, me encontro viúva nesta data), cansada e sem conseguir dormir me vi ouvindo essa canção.

Comecei a pensar como é fácil cantar esses versos quando, por exemplo, se é aprovada em um concurso; ou quando se compra o apartamento, o carro; quando se nasce um filho... Mas e hoje? Nessas circunstâncias seria plausível dizer que estou alegre pelos grandes feitos do Senhor? Pensar nisso me remeteu à última segunda-feira à noite, quando o Senhor me levou a reler a história de Abraão. Nos versículos 14 e 15 do capítulo 13 de Gênesis a Bíblia diz: “Disse o Senhor a Abrão, depois que Ló separou-se dele: “De onde você está, olhe para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste: toda a terra que você está vendo darei a você e à sua descendência para sempre. (Gênesis 13:14-15 NVI)”.

Nesse momento, Abrão (nem era Abraão ainda) não se encontrava, nem de longe, numa situação confortável. Ló havia se separado dele. Nos capítulos anteriores, a Bíblia diz que Abrão teve que entrar em guerra por causa de Ló; ele já havia ido ao Egito onde mentiu dizendo que Sarai era sua irmã, e quase entrou em grandes problemas. O Senhor já havia prometido a Abrão fazer dele uma

descendência numerosa. Mas isso ainda era uma promessa. Abrão estava aqui vivendo em um contexto absolutamente desfavorável. Mas, o Senhor fala com ele para ele olhar a terra 'DE ONDE ELE ESTAVA! Daquele lugar, daquela circunstância onde ele se encontrava naquele exato momento, afastado de Ló, em um estado pós-guerra, ainda sem Isaque no colo; era justamente desse lugar que Deus o convidava a contemplar aquilo que Ele ainda iria fazer. E Abrão creu e isso lhe foi imputado por justiça.

Não precisamos esperar o melhor cenário para crer que as promessas do Senhor são incomparáveis! É de onde nós estamos, é desse contexto duro, árido, de separação, de um estado pós-guerra (e eu sei exatamente o que é isso), que o Senhor nos convida a contemplar o que ele ainda vai fazer! Por isso é possível, mesmo que com lágrimas nos olhos, repetir...

“Alegre te louvo por teus grandes feitos
Firmado estarei, sempre te louvarei,
Incomparáveis são tuas promessas pra mim”.

TEXTO 02

Mais do que jóia

11 de maio de 2015



Nunca houve um 11 de Maio como o de ontem. Onze de Maio de 2015. Completei trinta anos. Penso que, assim como chegar aos quinze, alcançar trinta anos de existência é uma conquista e ao mesmo tempo um desafio para a maioria das mulheres. E como me incluo no grupo “maioria” da maior parte das coisas, comecei este ano considerando como marcar essa data tão especial.

Comentei com Jorge em Janeiro que este ano gostaria de ganhar uma joia. Ele logo me olhou meio de canto, com um certo apertar de lábios que escondia um tímido sorriso. Li daquela reação um típico “essa Larissa... mas no fundo você sabe que eu vou te dar”. E provavelmente ele daria.

Mas não tivemos essa oportunidade: nem ele de procurar aquela que mais se parecesse comigo nem eu de abraçá-lo, rir, chorar e agradecer. O Senhor preparou um 11 de Maio de 2015 bem diferente. A despeito de tudo, não sei com que coragem e paz (e não tenho mesmo como saber, pois, como fui lembrada hoje, “*a paz do Senhor EXCEDE todo entendimento*”) fui a um shopping e decidi, eu mesma, comprar a tal joia. Me detive em uma loja onde, depois de experimentar muitos modelos, me vi encantada com o conjunto de brincos e corrente que usava. Era aquela! De tão feliz que estava, já saí da loja usando aquilo que, para mim, representava a ciência de que a dor que me aflige não apaga o meu valor. A minha angústia não anula a importância que tenho para Deus. A tribulação não me impediria de agradecê-Lo pela dádiva da (minha) vida. Voltei para casa e já encontrei algumas amigas aguardando. A noite se desenrolou como uma celebração do privilégio de se ter um Deus diante do qual nada é maior. Nem mesmo a morte! Como alguém muito bem definiu: “ontem à noite o Senhor nos visitou!”

E hoje, 12 de Maio, ainda carregando aquela paz estranha de tão inexplicável, saí de casa radiando esperança, fé e mesmo alegria! Esta, talvez dissessem alguns, durou pouco. Cerca de uma hora e meia após ter chegado ao trabalho, despreziosamente coloquei a mão na minha orelha direita (hábito o qual definitivamente não tenho) e me dei conta que estava sem um dos brincos! Nervosa, perguntei mais alto que de costume dentro de uma UTI pelo meu brinco. Mais que perder um objeto de não desprezível valor financeiro, havia perdido um marco importantíssimo pra mim. Olhamos em tudo ao redor, voltei por todos os locais por onde havia passado no hospital, mas não o encontrei. Retornei à minha unidade de origem e disse ao Senhor que eu tinha plena certeza de que aquilo não era um castigo, de que Ele sabia da importância daquilo pra mim e que eu não iria praguejar. Afinal, eu sei o que são perdas muitíssimo maiores. A primeira coisa que me veio ao coração foi que Ele (Deus) não iria permitir que o diabo roubasse aquilo que Ele havia me dado. E o Senhor definitivamente não estava falando do objeto! Estava falando da paz, da alegria, do refrigério que havia derramado sobre a minha alma. À tarde, logo antes de sair do hospital, liguei pra uma amiga comentando que não havia encontrado e que iria à loja para averiguar se algo podia ser feito por mim. Ela havia passado o dia em oração e eu retruquei que não esperava mais encontrá-lo. Voltei direto ao shopping e enquanto conversava com a vendedora que havia me atendido no dia anterior, recebi uma ligação de uma das colegas do hospital informando que o brinco havia sido encontrado! Era minha dracma! Voltei ao hospital de imediato e o resgatei. No carro novamente, já de volta pra casa, agradei repetidas vezes ao Senhor. E ele então falou comigo pela segunda vez: “Eu sou capaz de fazer coisas improváveis”! Sim, achar

aquele brinco depois de quase seis horas de perdido, em um leito de UTI (onde ele poderia ter sido descartado sem ser notado, sobretudo por ser pequeno) era muito improvável!

Mais um dia Deus se mostrou grande e misericordioso! Perder um brinco não é uma maldição, um carma ou nada do tipo. É uma possibilidade de quem vive e tem brincos. Assim como é possível se perder maridos, filhos, empregos e tantas outras coisas. Mas há algo muito especial, cujo valor excede o de qualquer jóia (e aqui não me refiro à mulher virtuosa): é a possibilidade de ser cuidada por um Deus que acalma a tempestade e acha brincos perdidos na UTI. O Deus que toma e também que dá! O Deus que tem um amor do qual NADA pode nos separar!

“Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”. Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. (Romanos 8:35-39 NVI)

TEXTO 03

Vazamento de Água, Vazamento de Fé

4 de dezembro de 2015



Não sei quanto a você mas, à revelia do meu ciclo hormonal, meu humor muda (e geralmente para pior) mais rápido do que eu gostaria. Para além do meu humor, minha fé muitas vezes acompanha o vai e vem das circunstâncias da vida. Em um dia me sinto a mulher da fé que ordena uma montanha sair de um lugar a outro. No dia seguinte posso não ser capaz de encontrar no meu coração nem sequer o tal grão de mostarda.

Essa semana foi assim. Iniciei a minha rotina muito empolgada, cheia de fé e esperança...até haver um vazamento de água no apartamento. Pode ser difícil acreditar, mas um cano por onde escorria água levou também parte do meu bom ânimo.

Talvez por ser agora total e plenamente dona da casa, me vi diante de um prestador de serviço que me cobrava um preço aviltante por aquilo que seria necessário fazer. Não tive coragem nem tempo para buscar outros orçamentos e não me vi capaz ao menos de negociar o pagamento – atribuições que nos últimos 6 anos nunca me couberem. Sempre tive ao meu lado um homem que me protegia, por assim dizer, desses afazeres. Negociador desinibido, era capaz de conseguir abatimentos até em casa de câmbio!

Agora porém éramos eu, apenas eu, e o funcionário. Esbocei um ar de decepção, mas nada além disso. E passei o restante do dia triste, não só por tal situação trazer novamente à tona a minha solidão e escancarar diante dos meus os olhos um grande “se vira, Larissa!”, mas também por uma sensação de ter desapontado o Senhor.

Me senti como uma criança que se prepara para a apresentação de final de ano da escola e na hora “H”, diante dos pais, não consegue

executar o número! Senti como se a minha tristeza naquele dia desapontasse o meu Pai celestial. Eu já não tinha a mesma empolgação do início da semana. Me vi como o protótipo perfeito das pessoas que têm o “ânimo dobre”, embora não seja nesse contexto que o apóstolo Tiago traga essa expressão em sua carta.

Foi então que o Espírito Santo sussurrou em meus ouvidos: *“Larissa, eu não espero de você empolgação; eu espero fidelidade”*. Fiquei mais constrangida ainda. Como pode Ele me amar assim? Quer dizer que mesmo eu não executando o número de grandíssima fé, Ele me entendia? Será que ainda assim Ele me acolhia?

Era isso mesmo. Minha capacidade de sair da montanha para o vale em alguns dias não impressionava o Senhor. Ele me conhece. O salmista discerniu isso tão bem que disse que o Senhor *“conhece a nossa estrutura; lembra-se que somos pó”*. (Salmo 103:14).

Empolgação muitas vezes passa. Deus sabe disso. Talvez por esta causa a Bíblia diga que devemos ser fiéis (não necessariamente em todo o tempo empolgadas) até a morte e receberemos a coroa da vida! Apocalipse 2:10.

Lembra-se da parábola contada por Jesus (Lucas 18:10-14)? Dois homens foram ao templo orar: um fariseu (o empolgado) exibiu a Deus seu curriculum de fé. O outro, publicano, não tinha coragem de levantar os olhos ao céu tamanho seu constrangimento e pedia a Deus que tivesse misericórdia dele pois era pecador. Foi este, o humilhado, o constrangido, quem saiu daquele templo justificado; foi ele quem teve a oração ouvida! O Senhor não quis a empolgação

do fariseu, mas viu sinceridade e fidelidade naquele publicano ao reconhecer-se pecador.

Pensando em tudo isso (e ainda carregando uma certa melancolia no coração), pude me recordar da tradução do Salmo 100 que nos convida a entrar na presença do Senhor com ações de graças e, logo em seguida, reconhecer que Ele é bom!

Certamente um bom teólogo poderia escrever um livro para explicar o que significa ser fiel (para com Deus) até a morte. Eu diria que não se trata de nada além de reconhecer a bondade do Senhor em todo o tempo apesar das circunstâncias muitas vezes serem as mais sombrias e ser capaz de perceber que há (muitos) motivos para entrar por suas portas com ações de graças!

Se um dia houver um novo vazamento, seja de água ou de fé, que eu até perca a euforia, mas jamais negue o Senhor. Ele é bom e sua misericórdia dura para sempre!

TEXTO 04

Convite

11 de dezembro de 2015



Boa noite, minha amiga e irmã! Tudo bem?

Iria começar esse texto-convite a partir de um acontecimento do mês de Setembro deste ano, mas justamente em função daquilo que ele trata preciso retornar um pouco e partir de Fevereiro.

Eu havia terminado a residência médica em Cardiologia treze dias depois daqueles enormes pontos de interrogação e exclamação aportarem em minha vida. Ainda muito perplexa pelo que havia acontecido e tendo no trabalho uma fonte de sedação para a dor da alma, desejei muito iniciar atendimento de consultório. Seria uma atividade profissional nova e que também traria um acréscimo na renda.

Foi então que o Senhor me falou que isso iria acontecer, mas não naquele momento, e sim em um tempo mais próximo ao final do ano, “lá para Setembro, Outubro...”, nas palavras Dele (pausa para um comentário: às vezes eu acho Deus muito claro em suas palavras; às vezes acho que estou louca ao pensar que o ouço).

De fato, na primeira quarta-feira de Setembro lá estava eu sentada numa poltrona, com material de trabalho em mãos e conferindo a agenda para chamar o primeiro paciente.

Desde então, tenho recebido muitas pacientes (muitAs, pronome no feminino mesmo), que procuram atendimento com Cardiologista por sintomas de palpitações, dor no peito ou até no corpo todo, por julgarem ser de origem cardíaca. Muitas delas são jovens e quando começam a contar suas histórias vejo que tudo se trata de ANSIEDADE.

E é sobre isto que gostaria de compartilhar com você. A ansiedade do meu coração no início do ano era aplacar a dor através do trabalho. Mas aquele que “faz tudo formoso em seu tempo” (Ec 3:11) havia preparado local e modo.

Tenho caminhado com algum êxito na vida profissional neste ano de tantas dúvidas e inquietações. Mas de forma recorrente preciso lembrar-me que não é necessário andar ansiosa por “COISA ALGUMA mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus.” (Filipenses 4:6).

Entendo com certa clareza o drama de algumas das minhas pacientes. Confesso que muitas vezes minha vontade é propor a elas momentos de oração mais do que solicitar um exame.

Reconheço que temos muitos motivos para ficar ansiosas. Contudo tenho aprendido (ao menos tentado) que as razões para não me exasperar diante das adversidades da vida são muito mais consistentes do que a imensidão dos meus impropérios.

O Deus que me convida a não andar ansiosa é aquele que “falou, e tudo se fez” (Salmo 33:9); aquele que sabe o fim desde o começo; aquele que tem “toda autoridade no céu e na terra” (Mateus 28:18).

Se é nas mãos desse Deus que me coloco, então é mesmo possível, embora quase nunca fácil, descansar em sua gloriosa e doce presença.

O ano de 2015 está quase terminando e hoje me sinto menos capaz de me envolver em grandes questões, deixando minha alma sossegar

no colo do Senhor, como uma criança amamentada no colo de sua mãe, nas palavras de Davi no Salmo 131, versículo dois.

E você? Está ansiosa por alguma coisa? Também anda tendo palpitações? Deseja se juntar a mim para, através de orações e súplicas e, com ações de graças, apresentarmos nossos pedidos a Deus?

Então apareça aqui em casa no dia 18 de Dezembro, à noite. Lembra? É uma sexta! A última desse ano em que nos reuniremos aqui com este propósito! Chegue quando quiser (a partir das 19h, pois antes disso não estou em casa).

Quem sabe em 2016 seremos menos ansiosas e mais capazes de sossegar no colo do Pai...

P.S1.: não precisa trazer comida; traga apenas seu coração!

P.S2: não fique ansiosa! Dia 18 de Dezembro vai chegar!

P.S3.: se você estiver tendo palpitações, procure um Cardiologista!

TEXTO 05

O senhor me mostra forte

18 de dezembro de 2015



Meninas, boa noite!

Neste último domingo, em meio a muita dor no corpo, imensuravelmente mais ainda dor na alma, vontade enorme de dormir (depois de uma semana muito dura de trabalho) e também de chorar, me deparei com essa palavra contida na ministração do Pastor Elson:

“Os olhos do Senhor continuam a passar por toda a terra para mostrar-se forte, QUANTAS VEZES FOREM NECESSÁRIAS, para os que têm o coração perfeito para com Ele”.

Isso foi bálsamo para o meu coração! E hoje, mais uma vez, o Senhor se mostrou forte, e por isso escrevo a vocês.

Tenho repetidas vezes pedido às irmãs que orem pelas questões burocráticas ainda relacionadas à morte de Jorge. No último encontro aqui em casa mencionei que a minha oração vinha sendo para que o Senhor não permitisse que essas questões adentrassem 2016. Pois bem, precisamente hoje uma importante parte disto foi finalmente concluída! Glória a Deus! E no domingo, enquanto eu pensava em procurar um “Ben-Hadade” na história, o Senhor me lembrou que eu podia confiar Nele.

Curiosamente, desde o dia 05 deste mês de Novembro, eu e outras quatro amigas estamos jejuando e orando em prol especificamente de uma delas (pude compartilhar – com permissão dela – na última sexta sobre sua dor, no corpo e na alma). Quando decidimos iniciar esse jejum, pedi ao Senhor uma direção a respeito de como deveria fazê-lo. A resposta que obtive foi tirar um item específico da minha

alimentação e... não orar por mim mesma, apenas por elas e por outras pessoas e situações por quem eu vinha orando!

Argumentei com Deus que as minhas necessidades eram muitas e que eu precisava orar por elas. Mas o Senhor me lembrou que Ele continuaria cuidando de todas as minhas necessidades e não era dependente das minhas orações para agir.

Pois bem, começamos o jejum e desde então voltei a experimentar dias muito difíceis neste tempo de luto. Dias de muita dor, de muita angústia. Mas o Senhor tem sido absolutamente presente! E hoje ele mais uma vez provou que é fiel às suas palavras!

Lembrei-me de Jó, que teve a sorte mudada enquanto orava pelos seus amigos!

Então gostaria de agradecer a vocês pelas orações que têm feito por mim e, especificamente, pelo aspecto burocrático/jurídico da questão. Não está tudo resolvido, mas hoje já estou com boa parte do caminho andada, com essa etapa findada agora à tarde! Louvado seja o Senhor!

Que Ele se mostre forte também na vida de cada uma de vocês!

Abraço enorme!

TEXTO 06

Mulheres em situação de risco

28 de dezembro de 2015



É bem provável que ao ler o título acima de imediato você tenha se remetido àquelas situações angustiantes de mulheres subjugadas pela prostituição; mães solteiras; vítimas de abuso sexual e de violência doméstica; presidiárias e tantas outras que vivem em situação de grande vulnerabilidade social, física e emocional.

Mas não é exatamente a estes riscos que me refiro. Creio que embalada por uma conversa que tive com uma amiga este final de semana, externando sua preocupação com uma outra jovem, fiquei pensando no quanto muitas mulheres tidas como “normais” estão expostas a riscos que as tornam vulneráveis por toda uma vida. O que chamo de mulheres normais são aquelas que trabalham (fora de casa, apenas em casa ou com jornada dupla), são casadas ou vivem uma relação conjugal, muitas vezes bem-sucedidas financeiramente; têm momentos de lazer; até frequentam a igreja, mas cujo estado de aparente normalidade esconde um iminente abismo para seu ser.

Porém, se não há os tais riscos que a sociedade e a mídia tanto exploram, o que poderia ser tão ruim? Se não há privações de qualquer natureza, o que poderia ameaçar as mulheres normais?

Penso que uma das coisas que mais coloca uma mulher em situação de risco é não saber guardar o seu coração (Provérbios 4:23). Não são poucas as que ignoram o fato de que é dele que depende toda uma vida! Frequentemente esse texto é aplicado às pessoas solteiras. Creio que ele vá muito além de simplesmente esperar o tempo de despertar o amor. Mesmo porque algumas traduções trazem esse texto como “guarde os seus pensamentos”! Quantas mulheres comprometidas em um relacionamento afetivo, mas não conseguem proteger seus pensamentos; não conseguem confiar seus propósitos

e sonhos à soberania e bondade do Senhor. Não guardar o coração implica em caminhar com as próprias pernas, o que pode levar a locais tenebrosos.

Outro risco grande no qual incorremos é não saber falar. E isso se dá de duas formas: ou porque falamos mal (da maneira inadequada) ou porque falamos demais (infelizmente, sei bem as consequências de falar demais!). Já conheci pessoas que falam absolutamente tudo que pensam, e quando o fazem ainda acreditam estarem dando o melhor de si. A Bíblia nos orienta a falar do jeito certo (“como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” – Provérbios 25:11 – e *“a resposta branda desvia o furor mas a palavra ríspida desperta a ira”*). E também nos orienta a falar a quantidade certa: *“...quem controla a língua é sensato”* (Provérbios 10:19).

E se há risco em não saber falar, há risco também em não saber ouvir. Não cito agora a Bíblia, mas o ditado popular que sabiamente diz que quem não ouve conselho ouve “coitada”. Quantas de nós poderíamos ter evitado situações vexatórias se tão somente tivéssemos dado ouvidos aos bons e boas conselheiros (as) que temos à nossa disposição. Agora sim citando a Bíblia, ela nos lembra que *“quem sai à guerra precisa de orientação, e com muitos conselheiros se obtém vitória”* (Provérbios 24:6). Particularmente, tenho sido muita abençoada nesse meu tempo de grande tensão em alguns momentos por receber conselhos de amigas maduras e fiéis. Afirmo indubitavelmente que ouvi-los tem feito grande e boa diferença!

Preciso citar também o risco de não saber/conseguir empenhar a palavra. Ilustro com uma situação que vivi essa semana. Há um jovem que rotineiramente fica no semáforo ao fim da minha rua no final da tarde pedindo ajuda enquanto aparenta auxiliar os carros a estacionar. Por morar no mesmo lugar há pouco mais de seis anos, acabei tendo alguma familiaridade com esse menino. Pois bem, na semana passada ele me pediu dinheiro desta vez para comprar seu presente de Natal. Eu disse a ele que ao invés de dar o dinheiro eu daria o presente. Ele logo disparou que queria só uma camisa, uma bermuda e uma sandália. Só isso. O sinal abriu e eu disparei para o trabalho. No último sábado, enquanto eu estava no shopping comprando roupas pra mim, o Senhor me lembrou que eu DISSE ao garoto que daria o presente! E se eu havia dito eu precisava cumprir. Não me delongarei em divagações sobre este tema mas creio que uma das coisas que mais nos leva, mulheres, a não empenhar nossa palavra não é tanto a mentira proposital, embora isso ocorra! Mas trata-se de ter falado apenas por uma questão de conveniência. Foi conveniente para mim ter dito a ele que ao invés do dinheiro daria o presente. Não gastei um centavo naquele momento, o sinal abriu e eu fui embora. Mas o Senhor não nos chama a ser convenientes, mas sim...fiéis! Ele não quer empolgação, quer fidelidade, lembra?

Lembro também do risco da falta de diligência. Chame de chatice ou como queira, mas aprendi isso lavando os pratos do almoço de casa aos domingos. Como obviamente não tínhamos secretária em casa nos finais de semana, ao chegar do culto do domingo pela manhã almoçávamos em família e depois...pia de pratos sujos (como se isso fosse o trabalho todo do mundo, não é?! Mas me deem um desconto, eu era adolescente)! E ao menor sinal de preguiça ou desgosto em

fazer aquilo minha mãe sabiamente me dizia: “Lara, a Bíblia diz...” (pausa: agora veja como uma mãe ensina a filha adolescente a lavar pratos bem lavados: “a Bíblia diz que...”. Minha gente!!). Então, a Bíblia diz em Eclesiastes 9:10 que tudo que vier às nossas mãos para fazer deve ser feito conforme todas as nossas forças. Minha mãe fazia questão de enfatizar o “tudo”, o que inclui lavar os pratos do almoço de domingo, e o “todas as forças”, ou seja, faça bem feito! Ao menos se esforce para fazê-lo! Quantas de nós podem estar correndo o risco de, por exemplo, perder o emprego que tanto pediu a Deus simplesmente porque tem faltado diligência. Tem faltado fazer o tudo conforme todas as forças! Embora, obviamente, não é falta de diligência que faz muita gente estar desempregada! Citei apenas um exemplo de possibilidade para isso.

Por fim, a maior situação de risco em que uma mulher pode viver é não temer ao Senhor! Se é com sabedoria que se edifica a casa, ela começa justamente por respeitar a Deus! Essa foi uma explicação que calou em meu coração quando eu ainda criança me perguntava tanto o que significava temer ao Senhor. Pois bem, me parece que nada mais é do que respeitá-lo, honrá-lo por quem Ele é! Isso talvez se misture com servi-lo, amá-lo e obedecê-lo!

Afinal, como disse Salomão, “...*aqui está a conclusão: teme a Deus e obedece aos seus mandamentos, porque isso é o dever (é o essencial) para todo homem*”.

(Eclesiastes 12:13).

E porque não dizer, para toda mulher?

P.S: prometo que esse foi o último texto de 2015!

P.S2: lembra do menino do semáforo? Entreguei o presente dele hoje e sabe qual foi a reação dele ao receber??!! ———>>>>>
“Obrigado”. Tudo bem, o importante foi que cumpri a palavra que havia empenhado para com ele!

P.S3: quanto às mulheres naquelas situações de risco do primeiro parágrafo do texto, sejamos instrumentos da graça, justiça e misericórdia de Deus para com elas! P.S4: Feliz 2016 de novo!

P.S5: até hoje lavo pratos bem lavados!

P.S5: até hoje lavo pratos bem lavados!

TEXTO 07

Alegria de viver... porque mesmo?

1 de janeiro de 2016



Para ser fiel à maneira como contamos o tempo, deveria dizer que comecei o ano de 2016 de joelhos e em lágrimas. Era literalmente assim que me encontrava nos primeiros minutos deste novo ano. Inevitável. Se o relógio determina mudança no calendário, pontua também o retrospecto dos últimos 365 dias, retrospecto este que para mim, hoje, trouxe peso de luto (ainda tenho que usar esta palavra) mas também lembranças de motivos, em maior número do que seria capaz de imaginar, para dizer “obrigado, Deus”.

Entretanto, cerca de quatro horas após esta cena, ainda com uma forte sensação de peso na cabeça pelas poucas horas de sono, acordei para trabalhar e quase de imediato uma expressão aportou em meus pensamentos: “alegria de viver”.

Confesso que não foi suficiente para deixar-me mais alerta para as horas de plantão que se seguiriam mas serviram ao menos para me tirar de casa um pouco mais leve.

Talvez os mais estudiosos das ciências da alma, se é que existe ciência para ela, queiram me rotular com algum diagnóstico. Afinal, quem pode estar na virada de ano chorando pela dor da ausência e poucas horas depois estar esboçando um sorriso pela tal alegria de viver? Foi então que entendi o que o profeta Jeremias quis dizer quando escreveu que gostaria de trazer à sua memória aquilo que lhe dava esperança (Lamentações 3:21) diante de um cenário de desolação. Jeremias sabia que tinha um Salvador!

Ele atesta essa certeza logo no versículo seguinte, ao afirmar que é graças ao grande amor do Senhor que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis! Quem tem um Salvador sabe

que não há problema, luto ou luta, que esvazie o trono da graça de Deus de misericórdia para nos sustentar nos dias maus.

Quem tem um Salvador sabe que o novo ano pode trazer consigo más notícias, perdas, acúmulo de problemas, mas não pode trazer nada que fuja à soberania do Cristo.

Quem tem um Salvador chora à meia noite e ri, até de si mesma, algumas horas depois pois a misericórdia desse Deus já bateu à sua porta ainda que não tenha percebido.

Quem tem um Salvador, que é bom, descansa sob seus cuidados, sabendo que só as mãos do Bom Pastor podem conduzi-la aos pastos verdejantes e águas tranquilas onde toda ovelha deseja estar.

Se em 2016 alguém te perguntar o porquê da alegria de viver, não titubeie, se esta é a verdade na sua vida: “porque eu tenho um Salvador, o qual é Jesus”!

P.S1: Feliz Ano Novo (de novo!)

P.S2: palavra dada é palavra cumprida: como já estamos em 2016, já podia escrever de novo!

TEXTO 08

Revisitações

1 de janeiro de 2016



Este ano relutei um pouco em acatar a ideia de ano novo, vida nova. Postura contraditória, pois apesar de saber que a vida é, sim, um *continuum*, sempre julguei importante fazer marcos, pontuar datas. E a mudança de ano no calendário sempre foi dos grandes marcos que gostei de fincar.

Foi. Nunca um verbo nesse contexto precisou estar tanto no pretérito perfeito. Talvez por já ter vivido a experiência de passar a noite de Réveillon trabalhando, ou ainda que não o estivesse na noite, estaria no dia seguinte. Mas nesta virada para 2016 talvez eu tenha sido capciosamente conduzida pelo meu inconsciente a não querer aceitar que viria vida nova (embora com enorme anseio para que 2015 acabasse!).

Entretanto, poucas folhas no calendário de 2016 haviam se passado e eu já me via com certa agonia em parar um pouco. Precisava de férias, ainda que curtas. O ano de 2015 foi por demasiado denso pra mim e de todas as maneiras que podia ter sido.

Fui obrigada a enlutar. Trabalhei muito. Enfrentei processo seletivo, prova de título. E tudo isso debaixo de um turbilhão interior que em muitos momentos achei que fosse aniquilar-me. Decidi então que tiraria férias de apenas uma semana, pois era o tempo que dispunha; que o faria logo nesse início de ano; e que o faria sozinha.

Em pouquíssimos dias eu estive certa de que descansar de tudo que havia feito e acontecido em 2015 era imprescindível!

Inicialmente iria para um local até então desconhecido pra mim, no Sul da Bahia. Porém, após uma conversa que tive com meus pais

(apesar de grandinha, achei importante ouvi-los; na verdade, queria a anuência deles para viajar), acabei parando numa pousada no meio da mata, literalmente falando, bem de frente para a praia e com uma lagoa ao fundo, na região da Baía de Camamu.

Local lindíssimo, tranquilo, excelente para aquilo que eu intencionava: descansar o corpo e organizar, na medida do possível, a mente e o coração. Porém sabia que estava diante de um potencial problema. Se até aqui você achou que seria o fato de estar só, confesso que essa não foi a minha maior preocupação, a despeito de uma das minhas amigas psicólogas ter se surpreendido com essa minha iniciativa.

Meu maior potencial problema era como enfrentar estar, de novo, em uma região onde já havia posto meus pés, porém muito bem acompanhada, realizando um sonho e em clima quase que de lua de mel. Seria revisitar um passado de muita alegria e satisfação, mas agora sem a presença daquele que foi o grande responsável por esses sentimentos.

Na estrada depois de ter deixado o aeroporto de Ilhéus, a caminho de Maraú, lembrei-me que em Janeiro de 2011, escrevi na minha lista de sonhos e projetos para aquele ano que gostaria de conhecer Itacaré. Alguns dias depois lá estávamos eu e Jorge desfrutando de toda a beleza do lugar e da companhia um do outro.

Passei pela mesma estrada. Vi morte no caminho. Não de pessoas, graças a Deus, mas de animais. Mas a morte esteve de alguma forma diante de mim. Continuei viagem, peguei estrada de chão, trilha no mato até chegar à pousada.

Aqui fiquei e grata a Deus pela oportunidade de aqui estar. Os dias até que poderiam estar sendo de profunda solidão e pesar. Mas graças Àquele que faz novas todas as coisas (Apocalipse 21:5), não têm sido. Como descrevi para uma amiga, têm sido dias de surpreendente paz e alegria, como também de muita reflexão.

Sei que há aquelas que evitam o passado por este ser motivo de dor e/ou vergonha. Mas possa ser que haja aquelas que não o revisitam por ele ter sido por demasiado bom e impossível, por assim dizer, de ser vivido novamente. Escolhi arriscar. E não me arrependo. Estive agora sozinha em praias e locais turísticos onde estive outrora muito bem acompanhada. Não houve lágrimas, embora se as tivesse derramado, não haveria nenhuma ilegitimidade nisso.

Não precisamos nos esconder do passado, tenha sido ele ruim, vergonhoso ou bom demais diante de um presente de dor. Tenho aprendido que é possível olhar para trás com gratidão a Deus, recolhendo os pedregulhos para a pavimentação de um novo futuro.

Ainda que o passado tenha sido fabuloso e o presente seja de dor, caminhando com Emanuel, Deus conosco, é possível revisitá-lo. Em Cristo, as coisas velhas se passaram (tenham sido boas ou ruins). Ele tem feito tudo novo (2 Coríntios 5:17)!

P.S.: posso ilustrar isso de forma bem pratica, mas fica para Revisitações parte 2.

TEXTO 09

Revisitações pt.2

1 de janeiro de 2016



(Sugiro que antes, durante ou após a leitura desse texto você ouça a música “Eu te agradeço”, do CD Preto no Branco. Segue o link: <http://youtu.be/eiJ-9wg5W9g>).

Vencida a chegada a este pequeno paraíso escondido, escolhi inicialmente a segurança daquilo que já era hábito. Era meio, quase final da tarde do dia 04 de janeiro, uma segunda-feira. Dormi e, após acordar, fui à sala de ginástica e corri na esteira íngreme (muito mais do que imaginei estar, mas isso é assunto para talvez outra escrita). Voltei ao quarto e segui uma rotina digamos, normal: banho, jantar, leitura e sono.

No dia seguinte me arvorei a um passeio de quadriciclo pela região. As instruções eram simples: “você pega a trilha, Larissa, e pode ir até Barra Grande. Vá sempre pela trilha. Lá tem um restaurante tal onde você pode almoçar. Pode voltar à hora que quiser: se tiver escuro, é só ligar o farol”.

Instruções dadas sobre como operar o veículo, capacete na cabeça e bolsa com alguns poucos pertences, dentre eles um livro, amarrada com uma corda, lá fui eu saindo pelos portões da pousada. À minha direita, o mar de ondas bravas típicas de dias chuvosos. À minha esquerda, mata Atlântica. E sobre minha cabeça, um sol tímido e muitas plantas. Passei por muita areia, cascas secas de côco. Passei por carros e outros quadriciclos. Recebi buzinação no meio do mato. Quase capotei umas três vezes.

Taquicárdica boa parte do tempo, creio eu, em algum momento me perguntei porque fazia aquilo. Porque me aventurar por uma estrada desconhecida, embora tida por segura, num veículo que eu nunca

tinha dirigido e sozinha? As respostas vieram muito rápido. Na verdade, as respostas eram outras perguntas. Porque não fazer? Se a vida me tinha me colocado em rumos aparentemente tão incertos, solitários e de novas descobertas, não seria esse passeio uma tradução perfeita de tudo isso?

E me vi feliz, mais uma vez rindo de mim mesma. Depois de cerca de uma hora pilotando, cheguei ao tal restaurante. Ficava no final de uma ladeira de areia fofa que desembocava numa praia. Desta vez uma praia de águas muito tranquilas, quase paradas, de onde se avistava outras ilhas da região. Estacionei meu “quadri” (a essa altura já éramos íntimos!) e me sentei.

Vi pessoas fazendo Stand Up Paddle, casais enamorados na água e fora dela, amigos fazendo farra e crianças sujas de areia. Vi um cachorro passeando e meninas novas remando caiaques. E o sol, já não tão tímido, dando mais vida a todo esse cenário.

Foi aqui que pensei, uma vez mais nestes últimos pouco mais de dez meses, que a vida se impõe. Por mais dura, cruel, árida e torturante que seja a morte, a vida se impõe. Ela pede passagem.

Quase todas essas coisas que vi pessoas fazendo eu já pude experimentar em algum momento passado, acompanhada de um grande amor. Mas agora eu me via desfrutando – de forma diferente, é verdade – da vida real que agora tenho, a qual me convida a (re)viver e (re)construir o meu mundo.

Reviver e reconstruir exige muito esforço e uma fé eu diria pouco maior que um grão de mostarda. Honestamente não encontro nada

disso em mim mesma em boa parte do tempo. Talvez por isso tenha sido tão bom ser lembrada essa semana o texto de Daniel 11:32 – “O povo que conhece o seu Deus se tornará forte e fará proezas”.

Quando apenas conseguir viver já se torna uma proeza, enxergo mais claramente a dimensão da minha fraqueza e a imensidão da graça e misericórdia do Senhor. Depois de ter tomado banho naquele mar calmo, olhando toda aquela beleza ao meu redor e dizendo ao meu Pai Celestial, entusiasmada, que Ele havia feito tudo aquilo, tomei meu caminho de volta

Desta vez, o sorriso era mais fácil. Deixei o vento contrário bater no meu rosto e levar a viseira de Maressa (ela me emprestou sem saber). Parei o quadri no meio do caminho, desci correndo, peguei a viseira, dei muita risada e continuei trilha adentro rindo muito e cantando, quase numa cena Hollywoodiana: “Eu te agradeço por toda graça que me deu, por todo amor que ofereceu, sem eu merecer”.

Na volta, me perdi em uma parte da estrada e quase capotei uma única vez. Fiquei no quase, ainda bem! Cheguei de volta à pousada ainda com céu claro, como pretendia, e muito, muito feliz. Tenho certeza que esse passeio não era de longe o tipo de proeza do qual Daniel falou, mas conhecendo o meu Deus, tenho experimentado a proeza de viver e ser feliz quando nada parece contribuir para isso.

“A tempestade se passou

Quando eu ouvia só trovões

Brilhou o sol tão lindo e me aqueceu

Depois da chuva que me encharcou

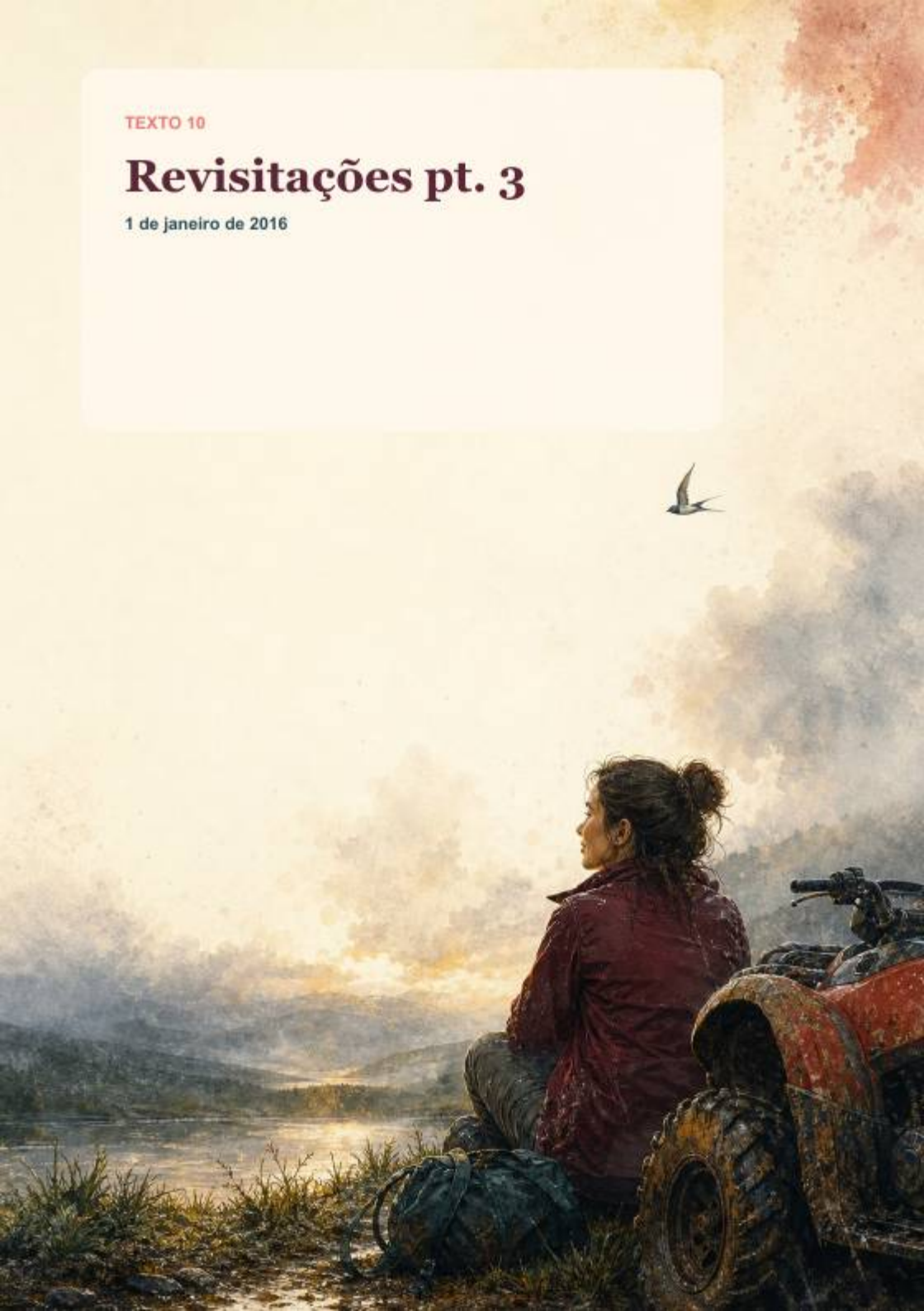
Eu te agradeço

Só te agradeço...”

TEXTO 10

Revisitações pt. 3

1 de janeiro de 2016



(Sugiro que antes, durante ou após a leitura desse texto, você ouça a música

“Morada”, do CD Preto no Branco. Segue o link:

<http://youtu.be/Lfqgbbqbt8>)

Creio estar bem sedimentado no senso comum, nos tratados de Psicologia psicológicos e Neurologia, que vivências fortes e positivas produzem o que chamam tecnicamente de reforço. Nada mais é do que o famoso gostinho de quero mais, quando somos impulsionados a experimentar emoções semelhantes novamente. Não é de se espantar que dada a emoção perene e amarga em boa parte do tempo que a vida se tornou para mim desde 15 de Fevereiro de 2015 e a bela aventura, como já descreveram, do quadriciclo, eu estivesse não necessariamente desejosa, mas ao menos disposta ao “quero mais”.

Pois bem, amanheceu o dia seguinte, novamente com uma chuva leve como nos demais. Seria o meu último dia inteiro de permanência no local e, dadas as condições climáticas, resolvi que ficaria na pousada para seguir com a leitura já bem atrasada de Ouça o espírito, ouça o mundo, de John Stott. Não seria uma opção ruim nem entediante, já que leitura fascina e o local era de uma beleza e silêncio convidativos.

Porém teimoso, o sol raiou mais forte no meio da manhã e eu me lembrei da proposta de um dos rapazes da pousada no dia anterior. Havia um passeio de barco muito interessante na região. Meu único problema é que todos os hóspedes que intentavam fazer o passeio já haviam saído e, caso eu decidisse seguir o roteiro, ainda estava

disponível uma embarcação, no caso uma lancha rápida, só para mim. Obviamente, o custo dessa saidinha de lancha também seria só meu!

Pensei (não muito, confesso) e fechei negócio! Em poucos minutos lá ia montada em um quadriciclo, agora como carona, trilha adentro na direção oposta à que havia percorrido no dia anterior. Em pouco mais de 15 minutos chegamos ao Porto Jobel, onde me aguardavam Queen Laura, esse era o nome da minha lancha, e Altimar, meu marinheiro. Permitam-me chamá-los de minha e meu. Abro aqui parênteses para dizer que toda mulher deveria ter o direito constitucional de ter um dia que seja na vida de rica! Faz bem e não é pecado! Fecha parênteses.

Permitam-me primeiro apresentar-lhes Altimar. No nosso primeiro contato ele esbanjou muito mais simpatia do que entusiasmo. Como ele mesmo se descreveu para mim, é um homem da água. Seu pai era pescador e sua avó parteira na pequena ilha onde moravam. No dia em que sua mãe entrou em trabalho de parto, o pai dele a colocou em um barco para ir até a ilha mas Altimar resolveu não esperar pelas mãos da avó e nasceu no meio do caminho. E desde então, palavras dele, nunca mais saiu da água.

Aprendi com Altimar que Maria Velha é o nome que os locais dão a uma espécie de garça que é bem menor, de penugens pretas e mais esperta que as garças comuns que conhecemos. Segundo ele o motivo da esperteza é que, diferente da garça ordinária que pára estanque em um local do mangue aguardando que os peixes venham até ela, a Maria Velha procura as pequenas poças espalhadas pela costa onde peixes pequenos se acumulam e fica mais fácil

capturá-los. A Maria Velha nunca fica com fome. Mas a garça comum às vezes volta de barriga vazia. Nesse momento Altimar encurvou todo o corpo, colocando ambos os braços para a frente e os entrelaçou, me mostrando como era uma garça de barriga vazia. Acho que a Maria Velha leu Eclesiastes 11:4 – *“Quem fica observando o vento não plantará, e quem fica olhando para as nuvens não colherá.”*

Foi também com Altimar que aprendi que é na maré morta (veja que ironia), aquela ditada pela lua minguante (a lua mais sem graça, menos aguardada) a melhor época para se observar com clareza e nitidez os corais e peixes no fundo das piscinas naturais da região. Qualquer transliteração para a vida real não é mera coincidência. Não seria na época de maré morta da vida, quando a lua é pequena e de pouco brilho, que melhor enxergamos o que guarda o nosso interior?

Seguimos caminho e nossa primeira parada foi na Ilha da Pedra Furada. Altimar me deu duas sugestões: ficar o tempo que quisesse e tirar muitas fotos. Desci da lancha e, ilha adentro, comecei a recordar de como tinha sido ter estado ali sete anos atrás. Precisamente sete anos, pois minha primeira visita a essa ilha se deu entre os dias 06 e 08 de Janeiro de 2009 quando, na companhia de Jorge e quatro meses antes de nos casarmos, estávamos nessa região com a família de um grande amigo.

Foi então que, pela primeira vez, meus olhos lacrimejaram na viagem. Nenhuma lágrima quis se juntar ao oceano que estava ao meu redor, mas me diziam precisamente o porquê de estarem ali. Diante do furo na pedra, que naquele momento parecia simbolizar

um portal que separava duas realidades, olhei para trás e comecei a orar. E minha oração foi de gratidão a Deus por tudo que aconteceu ao longo desses sete anos que se passaram. Agradei por todas as viagens que fizemos, pelas risadas que demos, pelo que aprendi. Mas olhei também para a frente e disse a Deus que eu não sabia o que me aguardava nos sete anos que estão por vir.

Na verdade, nem tenho certeza se terei sete anos ainda de vida, mas pedi a Ele que não importam quantos sejam os dias de vida que ainda terei, que sejam todos vividos em Sua presença. Para as mais apreciadoras dos significados dos números na Bíblia, sete indica completude, perfeição. Será que estaria Deus marcando um tempo na minha vida, exatamente sete anos depois, exatamente no mesmo local onde eu estava? Não tenho resposta para essa pergunta, mas desejei ardentemente continuar olhando para a frente.

Depois de algum tempo e poucas fotos voltei para a lancha e seguimos apara a segunda parada. O local chamava-se Prainha, fazendo jus à pequena faixa de terra que formava a praia, um local agradabilíssimo para banho. Água morna e bem parada, quase todas as embarcações ancoravam ali, embora no momento em que lá chegamos houvesse apenas uma: Navegue com Jesus, era o nome do barco!

Inspirado por ele, fiz minha segunda oração. De barriga para cima e flutuando na água, agradei ao Senhor por ele estar navegando comigo ao longo de todo esse tempo. Agradei por Sua doce presença no meu barco ao longo deste quase um ano de avassaladora tempestade. E pedi a Ele que me ajudasse a continuar navegando em

Sua companhia e a nunca querer saltar do barco a menos que Ele convide para que o faça.

Novamente após algum tempo e poucas fotos, voltei à lancha e seguimos para encomendar nosso almoço em um restaurante na terceira e última parada, a ilha do Sapinho. Foi aqui que avistei outra pequena e inspiradora embarcação: Deus é fiel. Comecei minha terceira oração agradecendo ao Senhor por sua fidelidade. Não a mim (não consigo ver respaldo bíblico para Deus ser fiel a nós, mesmo porque o apóstolo Tiago vai dizer que se formos infiéis Ele permanece fiel, pois é Deus e não pode negar-se a si mesmo). Mas agradei por Ele ter permanecido fiel a si mesmo e às palavras que me disse até aqui. Lembrei da promessa que o Senhor me fez no dia 08 de Março de 2015, meu primeiro Dia Internacional da Mulher como viúva, quando Ele me disse que tinha graça suficiente para fazer de mim, em 2015, uma mulher alegre, bonita e profissionalmente bem-sucedida. Se você caminhou comigo um pouco que tenha sido neste tempo, é capaz de julgar se isso se cumpriu.

Nesta última ilha ficamos a maior parte do tempo. Almoçamos, e pude ver o cair da tarde trazer de novo nuvens pouco mais escuras e densas, como que anunciando chuva. Fiquei sentada contemplando aquele cenário. A maré começou a baixar. Vi folhas que caíam das árvores sendo arrastadas pela correnteza. E aqui me lembrei que nada acontecesse sem que Ele permita, inclusive o esvaír da vida e história de alguém. Agradei a Deus por sua soberania e poder.

Vi também uma pequena aranha andando célere sobre a lâmina de superfície de água. Talvez aqui tenha fixado pouco mais minha

atenção. Pensei em como aquilo parecia ser tão simples para aquele bichinho mas para Pedro, ainda que sob a voz de Jesus, foi um enorme desafio. E me vi pequena, impotente diante de um universo tão vasto e bonito, feito pelas mãos de um sábio e amoroso Criador.

Se Ele faz aranhas andarem sobre as águas, também pode me conduzir pela mão acalmando ventos e tempestades.

Terminei então orando a música “Morada”:

“Quando eu estava longe Ele me estendeu a mão

E na minha fraqueza Ele me fez ser forte

Quando me perdi ele me achou

Até o pardal encontrou casa pra morar

E a andorinha já achou o seu lugar

Eu encontrei um castelo

Feito pela tua bondade

Sustentado pelo teu amor

Iluminado pela tua glória

És a minha morada

Eu amo a minha morada

Jesus é a minha morada

Não importa o que tem lá fora”

TEXTO 11

Rivotril

13 de janeiro de 2016



Uma das primeiras coisas que ganhei de presente após a morte de Jorge, depois de abraços e lágrimas compartilhados, foi uma caixa de Rivotril. Duas, na verdade. Uma com comprimidos de 0,5mg e outra contendo comprimidos de 2mg. Era algo como que contendo uma instrução de “use essa nos dias de dor menor e esta outra nos dias de dor maior”. Rivotril é o nome comercial do Clonazepam, uma droga da classe dos benzodiazepínicos. Dispensando uma explicação farmacológica mais detalhada, nada mais é do que uma substância que age no sistema nervoso central produzindo efeitos sedativos, relaxantes musculares, ansiolíticos e anticonvulsivantes.

Nunca havia feito uso de tal medicação e a recordação que tenho do que aconteceu depois de ter ingerido naquela noite, meio que a contragosto, dois comprimidos de 0,5mg (acho que foi essa a quantidade que me deram), foi de estar deitada numa cama, com duas amigas me olhando a uma certa distância. Me lembro de lutar para que meus olhos não fechassem e implorava a elas, tentando estender um dos braços que parecia pesar uma tonelada, que não me deixassem dormir.

Perdi a luta e acordei no da seguinte sozinha no quarto, ouvindo a voz dos meus pais e me dando conta que eu deveria me preparar para o sepultamento. Não consegui falar muito. Findado aquele momento inexplicavelmente doloroso, mais um comprimido antes de pegar a estrada de volta para casa. Talvez assim eu tivesse uma noite leve e tranquila, de músculos relaxados e sem histeria.

Definitivamente aquela noite, assim como tantas outras noites, tardes e madrugadas, não foi assim. Estou certa de que não gritei na volta para casa e talvez tenha conseguido dormir. Entretanto, isso

nem de longe traduzia que por dentro as coisas estavam reparadas. Naturalmente, seria um equívoco ou mesmo incoerência da minha parte, como médica, dizer que a medicação foi inútil ou um exagero de quem se preocupou em comprá-la. Pelo contrário. Devemos ser honestas o bastante conosco mesmas para admitir que há momentos em que medicações como essa se fazem necessárias, e eu vivi tais momentos.

Um dos primeiros dos quais tenho lembrança foi o domingo, 08 de Março de 2015, precisamente o Dia Internacional da Mulher. O mesmo domingo em que Deus havia me falado coisas tão especiais e que eu havia decidido comprar sapatos novos para marcar, talvez, o início de algo novo para mim que seria o estágio de Ecocardiograma, o qual começaria no dia seguinte. Tudo parecia bem dentro do shopping até que a quantidade de casais e crianças ao meu redor, todo aquele ambiente de alegria generalizada me inundou. Comecei a chorar lá mesmo, no meio de todas aquelas pessoas. Fui trazida às pressas de volta para casa e me deram Rivotril.

Lembro-me também de uma noite de sábado em que um casal de amigos me visitou e teve a infelicidade de me encontrar em uma noite de dor maior. Chorava e gritava muito e, meio que em uma espécie de surto, insisti com eles que me deixassem procurar Jorge na dependência do apartamento, pois era o único espaço físico da casa onde eu ainda não havia vasculhado à procura dele. Ressalto aqui que neste dia já haviam se passado alguns meses de sua morte! Ganhei mais dois comprimidos de Rivotril. Como das outras vezes, parei de gritar, dormi e, exatamente como nas outras ocasiões, as coisas continuavam quebradas por dentro.

Sinceramente, não me recordo a última vez em que fiz uso dessa medicação. Talvez tenha sido precisamente neste dia citado no parágrafo anterior. Mas me recordo perfeitamente da última vez em que desejei fazê-lo. Foi um domingo, em que me sentia profundamente triste, profundamente só e profundamente desesperada. Sentia uma dor na alma que achei que fosse me matar. Torci para que isso acontecesse. Perguntei a Deus porque Ele não me levava também, já que suportar tamanha aflição estava se tornando impossível para mim. Segurei quatro comprimidos de Rivotril na mão e chorei durante horas, entrecortadas por alguns momentos de cochilo superficial ditado pelo extremo cansaço. Vi o dia passar fechada no meu quarto e fiquei quase 24h seguidas sem comer.

Daqueles quatro comprimidos que segurava, nenhum deles foi ingerido naquele momento. Talvez o cansaço tenha me feito adormecer. Mas sei de algo que me sustentou e me fez acordar na segunda-feira pela manhã e sair de casa para trabalhar: a graça e a misericórdia de Deus renovadas mais uma vez, derramando aquela paz que só Ele pode dar (João 14:27); aquela que, como a Bíblia diz, excede nossa capacidade de entender (Filipenses 4:7). Sim, eu também vivi dias de paz que nem eu saberia explicar!

Acabei de contar e resta apenas um comprimido de 0,5mg da caixa que continha trinta deles. A caixa com os comprimidos de 2mg se quer chegou a ser aberta. Contando que apenas nas primeiras 48h após a tragédia eu tomei quatro comprimidos e nas duas ocasiões citadas aqui mais quatro, foram usados até hoje, DEZ MESES E VINTE E OITO DIAS após, vinte e um comprimidos! Confesso que tomei um susto, pois não me recordava de ter usado vinte e um comprimidos até então!

Nenhum problema nisso! Mas sabe a que conclusão eu chego? Já se passaram trezentos e vinte e oito dias, para vinte e um comprimidos. Na maior parte dos dias não houve Rivotril. Mas em nenhum deles eu deixei de contar com a mão poderosa, a destra forte, do Deus que faz abundantemente além do que eu pude pedir, pensar ou imaginar!

“Àquele que é poderoso de realizar infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, de acordo com o seu poder que age em nós, a Ele seja a glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, por toda a eternidade. Amém!” (Efésios 3:20).

TEXTO 12

Sephora

2 de fevereiro de 2016



Sephora é o nome fictício que estou dando a uma paciente que atendi no consultório há cerca de duas semanas. Chegou à consulta atrasada e, creio por ter sido sua primeira vez na clínica, perguntou se ainda poderia ser atendida. Sem maiores problemas o foi. Entrou na sala um tanto quanto agitada, com seus cabelos loiros esvoaçando e, após sentar-se e me dizer que tinha trinta anos (mesma idade que tenho), me dirigi a ela perguntando como poderia ajudá-la.

A resposta de Sephora não me surpreendeu: “sei que você não é psicóloga, mas...”. E esse “mas” foi bem longo. A ausência de surpresa deve-se ao fato de eu já estar algo familiarizada ao fato de que muitas das minhas pacientes marcam consulta com cardiologista quando na verdade precisavam mesmo de uma psicóloga.

Sephora continuou: “Estou fumando feito uma louca desde que acabou para mim um relacionamento de sete anos, por iniciativa dele”. E riu de forma irônica. “Quero parar de fumar e acho que fazer uma atividade física vai me ajudar nisso, então vim para você solicitar meus exames e dizer se posso iniciar meus treinos”. Continuei, como cardiologista, e enquanto ouvia um dado clínico e outro, via Sephora rir de si mesma e pensar alto coisas como “ajudei a criar os filhos dele” e “eu não tenho condição de iniciar outro relacionamento agora; primeiro preciso cuidar de mim”.

Contrariando a orientação dos meus terapeutas (o oficial e a extra-oficial), acabei me denunciando a Sephora. Disse a ela que apesar de ter terminado um relacionamento de quase dez anos, sendo seis destes casada, eu não estava fumando feito uma louca.

Quando disse o motivo do meu término, Sephora não conseguiu esconder um ar de surpresa e tristeza. Apenas baixou a cabeça.

Terminamos a consulta, ela agradeceu, rimos juntas e pedi a ela que toda vez que pensasse em fumar para aliviar sua dor, lembrasse de mim. Conselho ridículo este já que eu também tenho meus recursos, por assim dizer. Não se trata de cigarro (as mais puritanas podem estar querendo apedrejar Sephora) mas, no meu caso, quantas vezes não me peguei tomando café feito uma louca para aplacar um pouco da ansiedade e tristeza.

Quantas de nós não estamos trabalhando feito loucas, estudando feito loucas, malhando feito loucas ou fazendo tantas outras loucuras para esquecer um pouco daquilo que nos causa dor. Passei o restante daquela quarta-feira pensando muito em Sephora e também em mim. Pensei em como é ruim sentir-se só e abandonada; às vezes até mesmo injustiçada.

E ao pensar na carteira de cigarros de Sephora e nas minhas muitas xícaras de café, lembrei de um conselho do salmista: “Melhor é refugiar-se junto ao Senhor do que depositar qualquer confiança na humanidade. Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar em príncipes!” (Salmo 118:8-9). O salmista que escreveu isso falava de um contexto bélico, em que ele podia encontrar proteção e salvação no seu Deus.

Na guerra diária pela sobrevivência (ainda que seja apenas uma sobrevivência emocional), cada vez que penso numa xícara de café quando me vejo perplexa, angustiada e sem saída, lembro-me do pedido que fiz a Sephora. Penso nos seus cigarros e fico com vontade

de dizer a ela o que eu deveria dizer todos os dias a mim mesma:
Sephora, Sephora, “melhor é buscar refúgio no Senhor...”.

TEXTO 13

Você tem medo de que(m)? – pt.1

14 de fevereiro de 2016



Essa pergunta bem que poderia constar na letra de “Comida”, música dos Titãs que fez muito sucesso há pouco mais de uma década. Ter resposta clara para ela talvez seja tão importante quanto saber do que se tem fome e sede. Mas já que a banda não arvorou propor resposta, ousou aqui fazê-lo.

Se tivesse que ranquear meus medos, certamente no topo do pódio viriam as baratas. Pronto, assumi! Basta uma delas para me fazer, por exemplo, subir no sanitário correndo risco de sério acidente, ficar ofegante, transpirar até molhar a roupa e mal conseguir falar depois. Mas graças a Deus pais servem também para nos tirar de cima do sanitário e aniquilar esses quase monstros.

Logo em seguida, com a medalha de prata, vêm o que chamo de pessoas más. E quando falo de pessoas más, constato que boa parte das vezes, infelizmente, tratase de mulheres más. Não falo da maldade fruto da presença de pecado que pode nos levar a, ainda que de forma não intencional, ferir alguém. Falo daquela maldade gratuita, aquela que muitas vezes brota de inveja ou ciúmes. Acabo de me lembrar aqui de José, cuja história é retratada no livro de Gênesis. Ele foi jogado no poço pelos irmãos apenas por ser o filho preferido de seu pai. José foi alvo de uma ação extremamente perversa apenas por ser quem ele era.

Esse tipo de maldade, honestamente, é capaz de me desestruturar. Já fui, ainda sou e sei que continuarei a ser alvo dela. E isso se manifesta sobretudo e quase que exclusivamente no ambiente de trabalho. Mesmo que se cometa o equívoco, coisa que lamento ainda fazer em alguns momentos, de querer agradar e distribuir simpatia, haverá alguém que vai te olhar torto e querer jogar no poço. Com o

perdão do trocadilho, atitudes assim quando a mim direcionadas me fazem ter reações muito parecidas com as que tenho diante de uma barata. Taquicardia, aperto no peito, vontade de sair correndo sem conseguir.

Faz algum tempo que reconheci o potencial destrutivo desse tipo de medo, o de quem pode (e não raras vezes quer) me fazer mal. Então pedi a Deus que me livrasse.

Não delas, necessariamente, mas do medo dessas pessoas. Descobri na Bíblia uma pergunta retórica feita pelo Salmista (de novo!): “O Senhor está comigo, não temerei.

O que me podem fazer os homens”? (Salmo 118:6). Aqui parece tão óbvio que estar na companhia de Deus nos possibilita não ter medo do que os homens e mulheres podem nos fazer!

Não que sejamos imunes ao sofrimento ou perseguição! Mas é que a bondade do Senhor é capaz de sobrepujar as intenções destrutivas que são direcionadas a nós. Foi assim com José. Trezes anos depois daquele poço, ele se tornou o segundo homem mais poderoso da nação mais poderosa do mundo à época. Hoje consigo até imaginar quão dolorosos foram esses trezes anos para José. Mas ao final, os nomes que ele deu aos seus filhos traduziam o que Deus tinha feito a partir daquele golpe que ele sofreu: Manassés, nome do mais velho, significa “Deus me fez esquecer todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai” e Efraim, “Deus me fez prosperar na terra onde tenho sofrido”. (Genesis 41: 51-52).

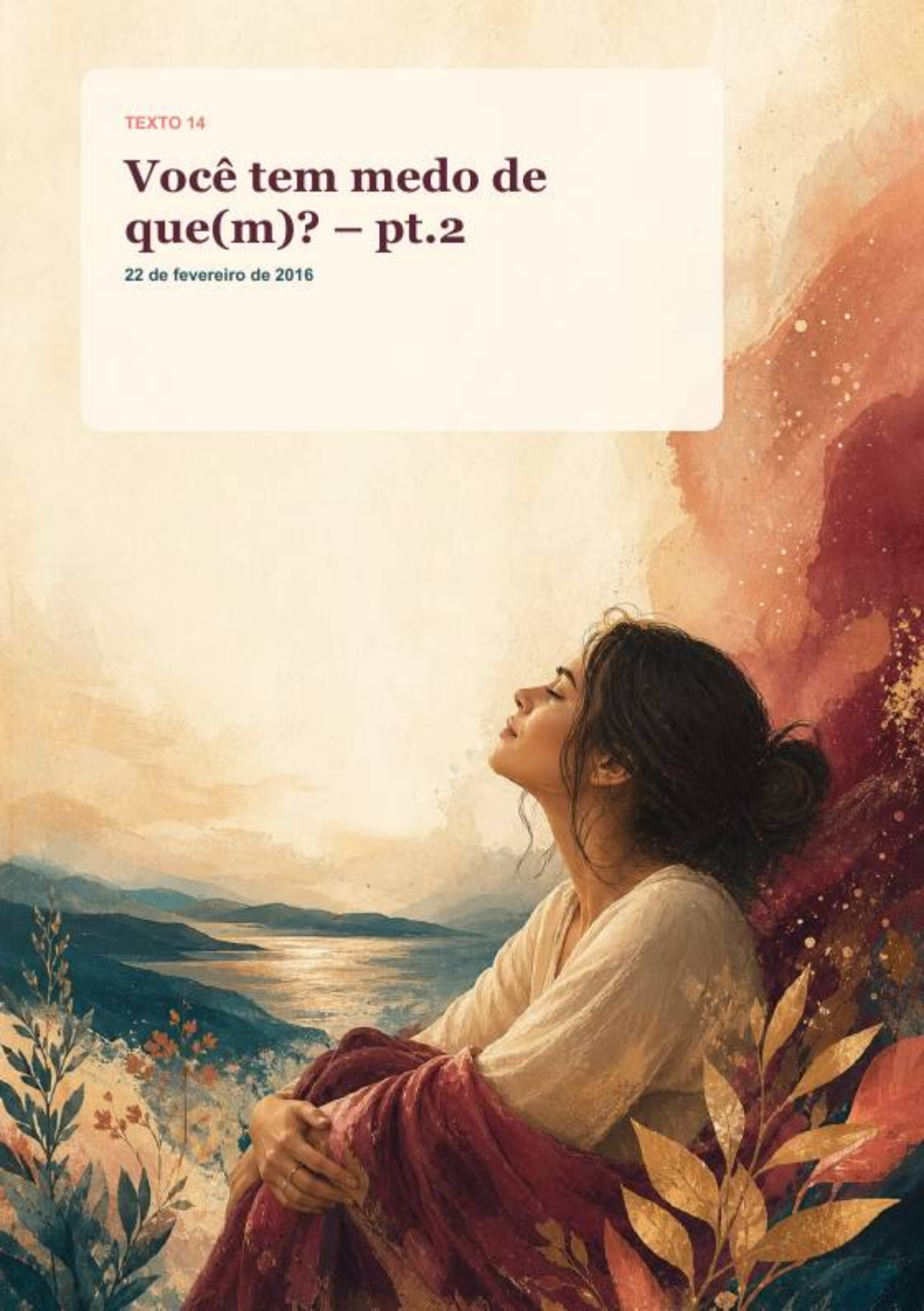
Amanhã, quando acordar para ir ao trabalho (e espero conseguir fazê-lo a despeito da data) vou me lembrar, caso encontre uma barata ou mulher que me ameace, que o Senhor está comigo! Isso não me torna melhor do que ninguém, mas me faz alvo da justiça e bondade daquele que conhece mentes (o que pensamos) e corações (o que sentimos).

Penso que no pódio do medo de muitas mulheres ainda deve haver lugar para o medo da solidão e da morte. Justíssimo. Mas isso são cenas para os próximos capítulos.

TEXTO 14

Você tem medo de que(m)? – pt.2

22 de fevereiro de 2016



É bem provável que no imaginário da maior parte das meninas não conste a possibilidade de viver uma vida solitária. Desde pequenas somos ensinadas que há um tal de príncipe encantado e que, seja beijando um sapo ou perdendo um sapatinho de cristal, em algum momento da vida vamos encontrá-lo. Acontece que no mundo real aquele que se nos apresenta nem sempre parece príncipe, muito menos encantado e a chance dele se quer existir parece tão remota e improvável quanto um sapo virar homem.

Quando nos damos conta dessa realidade geralmente ocorre uma de duas reações: bastou servir para dar a mão e ir ao cinema em um sábado à noite já estamos dizendo “sim”. Ou surge um pânico incontrolável diante da possibilidade de chegar à idade dos “enta” sem uma aliança na mão esquerda.

Posso estar equivocada mas creio que esse medo quase que generalizado da solidão é em certo sentido lícito. Outro dia desses me dei conta que foi o próprio Deus, aquele que nos formou, que disse não ser bom para o homem e, naturalmente também para a mulher, estar só (Gênesis 2:18). Como bem lembrou o bispo americano T.D. Jakes em uma pregação recente, Adão tinha Deus e mesmo assim o Criador viu que ele estava sem alguém que lhe fosse osso dos seus ossos e carne da sua carne. Precisamos de gente.

E quando falo gente isso não necessariamente significa namorado, noivo ou marido. É muito bom poder viver um relacionamento saudável com um homem capaz de nos fazer crescer, com quem nos identificamos e, um dos aspectos mais importantes na minha opinião, que saiba nos fazer sorrir! Mas algumas mulheres tornam esse relacionamento nitroglicerina pura quando não conseguem

abrir mão de determinadas convicções para que ambos amadureçam. Outras esquecem por completo boas e velhas amizades achando que o príncipe dispensa aquela saidinha com a(s) amiga(s) para comer, geralmente, doce!

A solidão que nos apavora é a mesma que nos ensina. Torna mais claras as nossas limitações e conflitos. Revela quem de fato somos e onde está a nossa esperança na vida. E quando bem aproveitada, nos leva a buscar socorro e refúgio em uma fonte ilimitada de graça e alegria.

A solidão pode ser uma escolha mas também uma imposição da Vida. Faça dela uma escolha se o estar acompanhada for meramente uma fuga de padrões ou mesmo uma resposta ao medo. E caso a vida a impuser este sacrifício (a maioria de nós a trata assim), aproveite-a como uma oportunidade de conhecer os pensamentos que Ele, Deus, tem a seu respeito; aqueles pensamentos de paz e não de mal para te dar um futuro e uma esperança (Jeremias 29:11).

E lembre-se: sair com uma boa amiga pra comer doce, salada ou pizza...é sempre bom!

TEXTO 15

Maturidade

5 de março de 2016



É muito provável que a palavra acima usada como título de um texto escrito por alguém de apenas trinta anos, a bem da verdade que já estou mais perto dos trinta e um, cause espanto. Mas posso tranquilizá-la de que o objetivo aqui é falar não de maturidade, mas justamente da falta dela.

Desconheço a definição Aureliana da palavra, mas para mim madura (tratemos apenas de nós mulheres) é aquela capaz de tomar decisões corretas a despeito do fervor das circunstâncias; engole os sapos que precisam ser engolidos; perdoa fácil; não descarta ninguém por não amá-la da maneira como gostaria embora ame profundamente de outras maneiras; poupa dinheiro quando este deve ser poupado e gasta quando deve ser gasto; ri com mais frequência do que se aborrece; fala e cala-se precisamente na hora correta.

Acho que acabo de descrever a mulher maravilha! E me vejo a antítese dela. Especialmente, nos últimos dias, por não ser capaz de tomar decisões sábias no fervor das circunstâncias e por não ter a devida competência em entender formas de amor diferentes daquelas às quais sou mais afeita. Essa falta de maturidade me empurra para uma complexidade de vida desnecessária e dolorosa, que ao invés de simplificar as relações as torna quase que fardos.

Quanto à capacidade de falar e calar-se na hora correta, já estava a ponto de desistir de adquirir essa habilidade mas graças a Deus lembrei-me que Ele é paciente e pode ensinar de novo e de novo a ter temperança e moderação, a ter o tal guarda à porta da boca, como Davi pediu no Salmo 141, versículo três.

Como eu gostaria de chegar aos trinta e um aninhos mais maravilhosa: mais simples, mais tolerante, falando com sabedoria e, quem sabe, ensinando (sabe-se lá o quê a sabe-se lá quem) com amor, como a mulher de Provérbios 31, especificamente nessa descrição do verso vinte e seis.

Que Deus não apenas me ajude, mas me faça amadurecer! Afinal, para Ele, “nada há que seja demasiado difícil” (Jeremias 32:17b).

TEXTO 16

Trilha sonora

7 de março de 2016



Desde que me entendo por gente, embora não saiba exatamente quando isso aconteceu, gosto de música. Aprendi a tocar um instrumento, conquanto não o faça com a habilidade com a qual gostaria, mas aprecio sobretudo ouvir bons sons. Ouço música quando estou bem e também quando não estou. E apropriando-me da expressão que aprendi anos atrás

com minha amiga Denise, as diversas seasons (estações) da minha vida têm cada

uma sua trilha sonora.

Lembro-me que na adolescência, internamente agitada pelas angústias de qualquer menina em muitos aspectos mal resolvida, me vi sendo tocada pelo álbum Águas Purificadoras, do Diante do Trono, à época recém-lançado. Ouvia repetidas vezes expressões como “há esperança para o ferido”, “tu és a fonte, Senhor”, “nada vai frustrar os planos do Senhor” e “à sombra de tuas asas eu posso descansar”, todas contidas em letras das músicas desse CD.

Nessa nova estação não tem sido diferente no que se refere a ter uma trilha sonora, mas com a atual peculiaridade de haver várias subestações dentro de uma maior, como pontos de parada de uma linha de metrô que, infelizmente, ainda não sei qual o destino final. E para cada ponto de parada Deus tem me dado, por assim dizer, uma música que consegue calar os anseios do meu coração para aquele lugar onde me encontro.

Um dos primeiros desses momentos se deu no dia 1 de Maio de 2015. Era véspera do que seria meu sexto aniversário de casamento e

eu havia feito uma longa e cansativa viagem de ônibus para Vitória da Conquista depois de uma aterrissagem frustrada. Saí de casa em Salvador antes das 5 da manhã e só cheguei na casa dos meus pais às 21h. Somados os cansaços físico e emocional, deitei cercada por edredons e amor. E lá estava Lucas, meu sobrinho de quatro anos quase completos.

Quando minha mãe o pediu para cantar uma

música para eu dormir ele espontaneamente fechou os olhos e começou a

balbuciar: “obedecer a Deus é sempre o melhor pois Ele é fiel e cumpre o que diz”.

Ali eu acabava de acrescentar mais uma faixa para o disco da minha nova vida. Ninguém disse a Lucas o que cantar mas o que saiu dos seus lábios foi me lembrar que Deus cumpre o que diz! Detalhe que essa música foi composta para crianças!

Numa outra ocasião, ao levá-lo de sua casa para a minha, perguntei se queria ouvir Diante do Trono (para crianças) no carro. Acho que eu mesma respondi e como já estava dirigindo fui clicando aleatoriamente no celular. Parei no CD Samuel e cliquei na primeira faixa que meus dedos puderam alcançar. Então ouvi: “não vou me entristecer, não! Eu posso me alegrar em Deus, pois ele escutou a minha oração(...). O Senhor ouviu o meu clamor, Ele já colheu as minhas lágrimas...”.

Mais uma faixa para meu disco! Desta vez, em um dia em que eu me sentia empurrando a vida com a barriga, fui lembrada que Deus já

tinha ouvido o meu clamor e colhido as minhas lágrimas! E hoje aqui, na mesma Vitória da Conquista, fui atraída pela melodia de uma

música que meu irmão ouvia. Descobri que tratava-se de Good, Good Father (em Português, “Bom, Bom Pai”) da banda americana Casting Crowns. Neste exato momento ainda me sinto empurrando a vida com a barriga embora talvez com um pouco (um pouco!!!) menos de esforço. Creio ser desnecessário explicar o que calou no meu coração. Apenas transcrevo abaixo a letra original da música em inglês com uma livre tradução dessas de internet.

Caso você não tenha ainda a trilha sonora de sua vida, acho um boa ideia pedi-la a Deus. Afinal, como disse Geraldo Azevedo (ao menos ouvi que a frase era de autoria dele), quem inventou o amor também inventou a música. Só não digo que ele está certíssimo por um

mero detalhe: Deus não inventou o amor (embora tenha sido ele que tenha

inventado a música). Ele simplesmente É AMOR! Ele é um Good, Good Father!

TEXTO 17

O caos e a asa delta

16 de abril de 2016



“No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz.” (Gênesis 1:1-3)

A Bíblia começa assim: do começo. Mas eu vou partir do final. Falo do final da última viagem que fiz. Foi ao Rio de Janeiro, onde permaneci por quatro dias. Inicialmente, seria uma viagem feita sozinha, logo após uma prova de título, que serviria para usar alguns pontos de programa de milhagem de uma companhia aérea que estavam por vencer, aproveitando para comemorar uma possível vitória na prova. Poderia ter escolhido outro destino, mas ir para o Rio atendia à exata quantidade de milhas que em poucos meses expirariam em um destino agradável.

A prova de título não aconteceu e a viagem não foi realizada sozinha pois meio que de última hora ganhei a companhia de uma amiga que gentilmente decidiu seguirme em uma jornada a princípio solitária. Mas no último dia acabei por minha conta mesmo, dadas as diferenças nos nossos horários de volta para Salvador. Foi aí que decidi firmemente fazer algo que já planejava desde que pensei na possibilidade da viagem: voar de asa delta!

As mais medrosas não me tenham como corajosa. Talvez altura estivesse em quarto lugar naquele meu ranking dos medos. A uma amiga que brincou comigo, ao ver a foto da montanha de onde eu voaria, que só teria coragem de fazer o mesmo com uma arma na cabeça, respondi que quando a vida te dá uma porção de adrenalina inimaginável (viúvez aos 29 anos considerando sobretudo de quem fiquei viúva), o melhor a fazer seria dobrar a adrenalina! O psicólogo

que me acompanha interpretou que no fundo eu buscava uma emoção positiva que talvez tivesse uma intensidade próxima daquilo que a palavra “emoção” passou a significar pra mim: basicamente, dor e sofrimento.

Ignorando a motivação, fato é que subi a montanha. Lá de cima, ao olhar o abismo enorme que me separaria da firmeza do chão, quase desisti. Mas resoluta, coloquei os equipamentos e lá fomos eu e Zero (meu piloto, como eles costumam chamar) em direção à rampa de decolagem. Voei e voei alto. Zero estava certo quando me disse enquanto eu fingia não ter medo de fazer aquilo, que no ar era tudo calmo e sereno. Com a mesma fração de segundos com a qual perdi o chão também experimentei uma sensação enorme de prazer e liberdade. Fiz até um 360 graus no ar, não importa o que isso signifique, nos poucos minutos em que ele me permitiu pilotar o equipamento. Aterrissamos bem e fiquei ainda alguns minutos trêmula até entrar no táxi e voltar ao hotel.

Nos minutos que se seguiram, já em terra firme, fiquei a pensar em quantos medos eu tinha que foram superados. Pude enumerar quantas coisas que pareciam impossíveis há um ano e dois meses foram realizadas. Quantas atitudes ousadas eu fui capaz de ter e quantas decisões que exigiam coragem e determinação foram tomadas. Minha vida havia se tornado um caos que abriu portas para caminhos novos. E tudo isso aconteceu graças à bondade, misericórdia e poder de Deus, aquele poder que a Bíblia diz se aperfeiçoar na nossa fraqueza (2 Coríntios 12:9).

E aqui eu volto a Gênesis. A Bíblia diz que no princípio a terra era sem forma e vazia. E não é assim que nos sentimos muitas vezes?

Absolutamente sem nenhuma forma e completamente vazias? Pois este talvez seja o cenário ideal para a voz do Todo-Poderoso bradar “Haja!”. O que era caos ganha vida e beleza. E se no meio do (seu) caos ele gritar “haja”, pode ter certeza: haverá!

TEXTO 18

(In)certezas

21 de abril de 2016



“Sim, Dra, vá direito ao assunto. O que a senhora quer mesmo dizer? Que minha mãe vai morrer? ”. Com essa pergunta fui interpelada ao conversar com a filha de uma paciente idosa internada em uma das UTIs onde trabalho, durante a passagem do boletim médico. Minha resposta não poderia ter sido mais óbvia: “morrer todos nós vamos, eu apenas não sei te dizer quando”. E continuei tentando explicar-lhe que, embora a morte da paciente não fosse algo iminente, seu quadro clínico inspirava certa preocupação.

Esse diálogo, novamente entre duas mulheres, me fez lembrar uma máxima do senso comum que afirma que a morte é a única certeza que temos na vida. Particularmente penso que experimentamos no nosso dia a dia mais dúvidas do que respostas certas. Talvez tenhamos também mais receios do que convicções. Embora façamos planos futuros, não há garantia de que nenhum deles se tornará realidade. Navegamos ao sabor das intempéries imprevistas e das tempestades anunciadas, esperando dias de bonança e estabilidade.

Reconheço que é muito provável que essa minha percepção esteja contaminada pelo acontecimento do último ano. Quando se experimenta uma realidade súbita de perda e imensurável sofrimento, o pessimismo tende a ser mais familiar do que a esperança de que dias melhores virão. E quando a perda se trata de, literalmente, morte de alguém amado, então essa noção de que nada é tão factual na existência humana quanto a morte se torna ainda mais vívida.

Acontece que para uma parte das pessoas há uma outra certeza na vida que não seja a morte. Falo das pessoas que acreditam em Jesus como criador de todas as coisas, Filho de Deus, Senhor do universo.

Esse grupo de pessoas deveria crer no que o próprio Deus disse que o povoalaria a seu respeito depois de passar por um período de grande turbulência. Está registrado no capítulo seis do livro de Oséias, dentre outras coisas, que “(...) como a alva, a SUA VINDA É CERTA” (Oséias 6:3).

Penso que essa vinda não diz respeito somente àquela traduzida em uma música como sendo prenunciada como um relâmpago que sai do Oriente e se mostra no Ocidente ou, em termos mais teológicos, da segunda vinda de Jesus. A vinda Dele também é certa e corriqueira para os nossos vários e repetidos dias de incertezas.

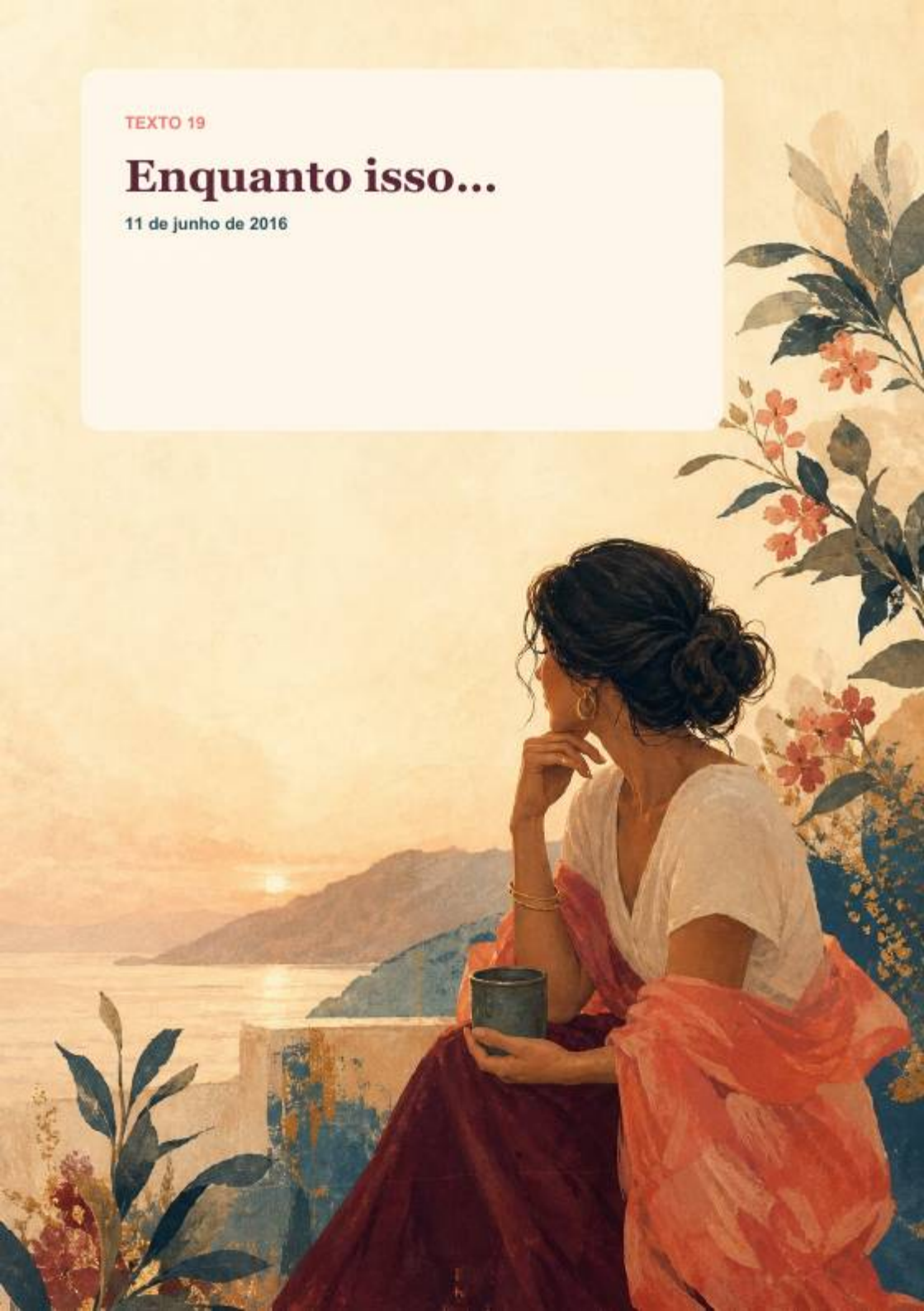
A vinda dele é certa trazendo provisão quando os nossos recursos, materiais ou emocionais, se esgotam. Sua vinda é certa nos dias em que achamos que vamos morrer de tanta dor, física ou na alma. A vinda dele é certa quando nos aproximamos dele implorando socorro e livramento. Sua vinda é certa quando não sabemos se devemos comprar ou vender. Ele vem para nos ajudar a discernir se devemos parar ou prosseguir. Ele também vem para nos fazer gerar aquilo que dizem ser impossível ser gerado. Dentro de casa, no trabalho, no trânsito, no hospital, Ele pode vir a qualquer hora e em qualquer lugar.

Decidi crer nisso. Então, se alguém me disser que a única certeza que podemos ter nessa vida é a morte, vou retrucar: “para mim, essa era a única certeza. Mas agora também tenho outra. Porque está escrito na Bíblia, e ela não mente, a vinda do meu Deus é certa! Na hora certa, no lugar certo, do mesmíssimo jeito que amanhã novo dia nascerá, Ele virá”.

TEXTO 19

Enquanto isso...

11 de junho de 2016



Na minha infância e início de adolescência gostava muito de assistir ao Castelo Ra-Ti-BUM, um programa educativo para crianças. Um dos quadros que eu mais apreciava era anunciado pela expressão: “enquanto isso, no lustre do castelo...”. Daí a atenção era retirada de Nino e seus companheiros e dirigia-se ao que acontecia no lustre, onde moravam três passarinhos que nos apresentavam sons de diferentes instrumentos musicais. Gostava da ideia de saber que acontecia algo importante – música! – no lustre mesmo quando ele parecia apenas um objeto de decoração.

Hoje já crescidinha, há muitos anos sem ver o Castelo Ra-TI-BUM, ainda penso e vivo a expressão “enquanto isso”. O que fazer enquanto a dor não passa, a saudade não diminui, a sorte não muda? O que fazer enquanto o emprego não chega, a casa não fica pronta, o filho não nasce? Há muitas possibilidades, mas a atitude de um homem em particular tem me inquietado e desafiado em fé.

Relendo a história de Abraão, descobri que uma coisa que ele sabia fazer eram altares (não tenho certeza se ele gostava, mas sei que ele fazia). Abraão é apresentado pela primeira vez no final do capítulo 11 de Gênesis como filho de Tera. Alguns versículos depois, já no capítulo 12, Abraão (aqui ainda Abrão) já é mostrado como alguém com quem Deus falava – “Ora, disse o Senhor a Abrão...” (Gênesis 12:1). E neste momento Deus fala com ele coisas muito especiais, dentre elas uma ordem de mudança: Abrão, saia daí e vá para um lugar outro que eu vou te mostrar.

E Abrão, sabido que era, “Partiu (se fosse hoje seria #partiu) como lhe ordenada o Senhor”. (Gn 12:4).

Nessas andanças, o versículo 7 do capítulo 12 registra que o “Senhor apareceu a Abrão e lhe disse...”. Após mais essa conversa, no mesmo local ele “edificou um altar ao Senhor, que lhe aparecera” (Gn 12:7). Abrão continua andando e ao chegar a Betel advinha o que ele fez? “Edificou um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor” (Gn 12:8).

O moço continuou a caminhar por ali, talvez contra o vento, sem lenço e sem documento e “mudando as suas tendas, foi habitar em Manre...e levantou ali um altar ao Senhor” (Gn 13:18). Quando da edificação deste terceiro altar, alguns anos já haviam se passado desde que Deus disse a Abraão que ele seria pai de muitas nações, que a descendência dele seria numerosa, que toda aquela terra que ele via seria dada a ele e às suas gerações futuras. Mas e o filho? Abraão edificava altares enquanto ele tinha apenas palavras saídas da boca de Deus ao invés de fraldas sujas para trocar!

Fico realmente impressionada com a capacidade deste homem em crer nas palavras de Deus! Pensando no significado desses altares, duas coisas me ocorreram: Abraão os edificava porque reconhecia a autoridade daquele que havia falado com ele. Se Abraão tivesse tido uma conversa com o compadre da esquina, talvez ela terminasse em churrasco, um abraço e até logo. Mas ele havia recebido o Deus Todo-Poderoso e, portanto, sua atitude de edificar um altar era como que um reconhecimento de que sabia quem Deus era. E justamente por isso, e aqui vai minha segunda impressão, Abraão agradecia. Deus não tinha a menor obrigação de falar com ele muito menos de prometé-lo coisas tão grandiosas, mas ainda assim o fez. O altar representa o reconhecimento de autoridade, mas também de

gratidão pela bondade de Deus para com aquele velho que se tornaria pai de muita gente.

Confesso que nestes dias estou muito mais para Sara do que Abraão. Numa dessas visitas de Deus ao seu marido, Sara ouviu de canto essa história deles gerarem um filho e a reação dela foi rir, incrédula daquilo. Ando assim, gargalhando de incredulidade no meu interior da possibilidade da vida melhorar, da dor passar e do sorriso ser fácil. Mas recebi há pouco dias um telefonema de outro continente de uma amiga me lembrando que Ele, Deus, ainda é El Shadai, o Todo-Poderoso.

Essa amiga ainda me trouxe uma terceira impressão sobre o significado dos altares: é uma forma de estarmos sempre nos lembrando do que Deus prometeu. Segundo ela, escrever para mim é uma forma de construir um altar. Como estou a duras penas tentando, enquanto isso, na solidão da minha casa...eis aqui um texto.

TEXTO 20

Nada a ver

22 de junho de 2016



No segundo semestre do ano de dois mil e treze, estando ainda casada, resolvemos fazer uma reforma no apartamento. Não daquelas de se pintar uma ou duas paredes e trocar alguns móveis de lugar. Foi uma reforma de, literalmente, derrubar o apartamento e construir outro. Ficamos três meses fora de casa enquanto todo o processo ocorria e precisamente no dia trinta de dezembro retornamos ao novíssimo lar. Considerando a dimensão do que foi feito, a obra se deu a passos de leopardo, mas não sem algumas poucas falhas.

Uma delas foi a não instalação de uma porta grande de vidro que no projeto original deveria separar o ambiente de dormir do closet. A pessoa (ir)responsável pela parte de vidros simplesmente desapareceu sem maiores explicações, deixando a peça encostada em uma das paredes do apartamento. Só há cerca de quinze dias, dois anos e meio depois de concluída a reforma, a peça finalmente se tornou aquilo para o que foi feita e posta no lugar. Durante todo esse período ela serviu apenas para ocupar espaço e causar risco de acidente, além de prejuízo financeiro. Mas o que isso tem a ver com Quiriate-Jearim? A princípio nada, mas explico-me.

Para assumir o território que Deus havia prometido a Abraão dar à sua descendência (já conhecemos essa história) a nação de Israel teve que entrar em guerra com alguns outros povos. Um deles era o povo filisteu que vez ou outra perturbava o coração dos judeus. Numa dessas batalhas, vencidas por Israel, a Arca da Aliança, objeto de extrema importância na vida religiosa do povo e, portanto, também para sua própria existência, foi devolvida pelos filisteus para Israel por eles acharem que aquele objeto extraviado para território inimigo era o que havia feito com que perdessem a batalha.

Passando de mão em mão, a arca acabou parando na cidade de Quiriate-Jearim. E no versículo dois do capítulo sete do primeiro livro de

Samuel (I Sm 7:2) a Bíblia diz que “...a arca ficou em Quiriate-Jearim, e tantos dias se passaram que chegaram a vinte anos; e toda a casa de Israel dirigia lamentações ao Senhor”.

Como os livros de Samuel são livros históricos, talvez o autor tenha registrado que os dias foram passando até completarem-se vinte anos apenas para encurtar a história; ou seja, uma maneira de dizer que nada de relevante aconteceu nesse período que fosse digno de registro. Porém todas as vezes que passo por esse versículo, sobretudo quando leio que passados esses dias que viraram vinte anos a casa de Israel ainda se lamentava, penso se isso não seria um alerta de que quando coisas importantes ficam fora de seus devidos lugares (a arca não deveria estar na casa de um morador de uma cidade; ela deveria estar em um tabernáculo!), podemos nos acostumar tanto a isso que o tempo passa, dias se tornam anos, e continuamos a lamentar.

É como aquele vidro: grande, pesado, dizem que caro, e que durante dias ficou encostado numa parede sem a menor utilidade, ao contrário, correndo o risco de causar danos. As circunstâncias mudaram drasticamente: a reforma foi feita com Jorge e conduzida por ele. Agora estou tendo que recolocar coisas nos seus devidos lugares (e como dói fazê-lo, perdoem-me o desabafo!) sozinha. Tantos dias se passaram desde 30 de Dezembro de 2013 que chegaram a dois anos e meio. E a porta continuou fora do lugar.

Ainda bem que foi só uma porta de vidro. Porque quando a arca, leiamo-la como correspondendo ao papel que a presença de Deus tem na nossa vida, fica fora do lugar os prejuízos são muito maiores. Se o vidro tivesse quebrado eu teria perdido no máximo algum dinheiro e talvez um pouco de sangue. Mas se a arca fica lá em Quiriate-Jearim por dias, isso pode se tornar tão natural e aceitável que os dias acabam virando anos, muitos anos. Tomara essa associação não passe de um devaneio meu. Tomara Chico não tenha nada a ver com Francisco. Mas na dúvida, permita-me ir colocar mais algumas coisas, a começar no meu próprio coração, nos seus devidos lugares. Não quero estar daqui a vinte anos ainda me lamentando.

TEXTO 21

Infinitamente mais

27 de junho de 2016



Desde que comecei a saga à procura de uma nova morada, saga esta que eu espero não transformar-se numa trilogia, tive algumas experiências bem interessantes. A principal delas foi na última visita em que fiz, por sinal o dia mais intenso até então de idas e vindas entre cinco imóveis no total. O penúltimo deles fica em um prédio para o qual sempre olhei com algum interesse. Por passar constantemente por ali, afinal fica no mesmo bairro onde moro atualmente e em uma rua por onde passo com frequência, eu julgava ser uma moradia privilegiada.

Pois justamente lá os corretores me levaram para olhar um apartamento. Ao final da visita tive duas surpresas. A primeira delas é que o prédio não era exatamente tudo aquilo que eu achava que fosse mas nem de longe era ruim! Em inúmeros aspectos ainda seria muito melhor do que onde moro. A segunda e maior surpresa é que aquilo que parecia ser um sonho tão distante, quase impossível, não estava tão longe assim do alcance das minhas mãos quanto eu supunha embora, verdade seja dita, hoje precisamente eu não teria dinheiro para comprar o tal apê.

Já na saída do prédio, enquanto agradecíamos ao porteiro, senti como se Deus fosse se aproximando de mim e, como um amigo que acompanhara todas as visitas naquela tarde, colocava a mão no meu ombro, dava um sorriso de canto e começava uma conversa longa e meio desconcertante (pra mim, obviamente). Vou tentar replicar parte dessa conversa ao tempo em que abrirei alguns parênteses para explicar as minhas reações. Para quem não acredita que Deus fala, ainda mais comigo, apenas imagine a cena como se ele falasse.

Papai do Céu: – Larissa, você é mesmo muito boba. (Não fiquei ofendida com o “boba”; espero que tenha sido sinal de intimidade).

Eu: – Boba? Porque?

PC: – Porque você tá impressionada só por achar que não é mais tão impossível assim como parecia morar aqui. Você realmente acha que tudo se trata se mudar de apartamento, não é? Mas isso é o mínimo do que eu quero e posso fazer.

Eu: – Mas essa brincadeirinha de mudar de apartamento foi ideia sua (e foi mesmo!) e, vou te contar, isso está me deixando preocupada e cansada! E outra coisa, eu não te pedi pra passar por nada disso! (Imagine que até aqui é como se nós estivéssemos andando com a mão Dele no meu ombro e então Ele parou, ficou de frente pra mim e me olhou serenamente).

PC: – Esse é seu problema. Você só enxerga a angústia de comprar um imóvel novo. E você sabe que isso pra mim não é nada! Eu posso te colocar em qualquer apartamento que eu queira mas não se trata disso! Eu quero te dar uma vida nova...

Eu: – Eu não te pedi uma vida nova. Aquela que eu tinha era boa demais, inclusive.

PC: – Mas eu vou te dar assim mesmo. O apartamento é só um detalhe insignificante disso. E pare de se preocupar...

Acho que até hoje eu ainda retomo esse diálogo em alguns momentos mas no final das contas eu entendi o que o Senhor queria me mostrar. Muitas vezes quando lemos Efésios 3:20, onde está

escrito: “Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós...” a interpretação mais imediata, simples e conveniente que se tem é de que se eu quero um fusca velho usado, Deus vai me dar um Corolla novo, “aleluia”! Se eu penso em ter um puxadinho, Deus vai me fazer vizinha de Ivete Sangalo na Morada dos Cardeais, “oh glória”! Afinal, não é Ele quem pode fazer infinitamente mais?

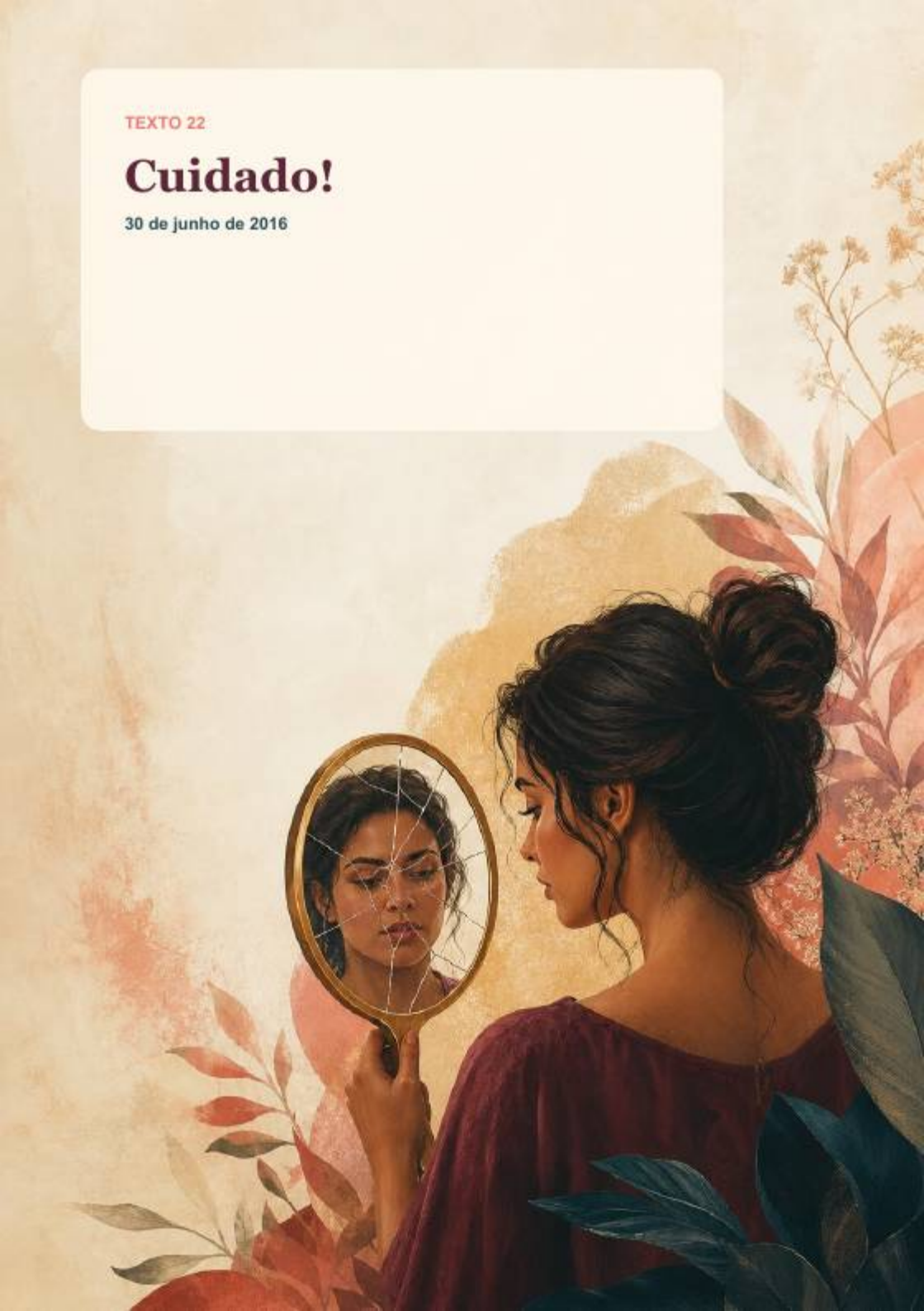
De fato, Ele pode fazer tudo isso! Ele pode dar o Corolla, a Morada dos Cardeais e o que mais Ele quiser. Mas o que Deus quer mesmo que entendamos é que os propósitos Dele naquilo que Ele faz é que são infinitamente maiores do que aquilo que conseguimos pensar ou imaginar. Enquanto você pensa em um salário melhor, Deus está pensando em abençoar mais gente através de você. Enquanto você pensa em simplesmente uma casa nova, Deus está te ajudando a depender Dele! Enquanto você conhece a dor de uma perda imensurável, Ele está pensando em expandir o Seu Reino.

Seria egoísmo desse Deus?! Só pensa em que dependamos Dele, no Reino Dele, tudo Dele?! Mas é justamente junto a Ele, fazendo parte do Seu reino, onde fica o lugar mais seguro para se estar. É como se fosse, assim, morar na Casa Branca, só que muito melhor. E ainda com a possibilidade de ter a versão abaianada de Michelle Obama, no caso eu, como vizinha. Já pensou?

TEXTO 22

Cuidado!

30 de junho de 2016



Foi no ano de dois mil e seis, em um congresso missionário para jovens universitários, que ouvi pela primeira vez – e foi da boca do Pastor Ziel Machado – a expressão “o ‘problema’ da oração é que Deus responde”. Eu diria que há uma extensão nesse maravilhoso problema das respostas de Deus que é o fato dele responder com criatividade. Gosto muito do verso bíblico que diz que a graça de Deus é multiforme (I Pedro 4:10) e certamente sua sabedoria também o é.

E foi no ano de 2016 que decidi contratar a prestação de um serviço regular em uma dada empresa. Depois de um curto período de contato com alguns dos profissionais que poderiam prestá-lo, escolhi a pessoa (a partir de agora designada como Pessoa) que ao meu ver preenchia os pré-requisitos de um profissional qualificado para aquele serviço. Expostas as condições, fechei o contrato – aqui já ciente do fato de Pessoa ser homossexual, o que obviamente não era um óbice.

Passado algum tempo, comecei a ficar um pouco inquieta com o fato de Pessoa não saber que eu sou cristã, ou crente mesmo, como queiram. Me sentia desconfortável em estar com Pessoa de forma regular, há alguns poucos meses, e ela não saber quem é o grande amor da minha vida (falo de Papai do Céu). Deixo claro que essa minha inquietação não se devia ao fato de Pessoa ser homossexual, mas simplesmente por entender que todos, inclusive eu, precisam conhecer o amor de Deus. Eu até já me apresentei algumas vezes no local da prestação de serviço vestida com camisas onde estava escrito “Deus me ama” ou “Seja Sal e Luz”, mas Pessoa não estava nem aí.

Até que algumas semanas atrás, ao chegar em casa após encontrar-me com Pessoa na empresa para a prestação do serviço me olhei no espelho e vi a frase Seja Sal e Luz estampada na minha roupa. Dei um sorriso leve e enquanto tirava a camisa pensei comigo mesma (eu juro que só pensei, eu não estava orando!): “é Deus, arranja uma coisa melhor porque essa história de camisetinha não está funcionando”! Mas, sabe como Deus é, meu pensamento virou uma oração.

Poucos dias depois, lá estava eu aguardando Pessoa, que chegou visivelmente abatida e angustiada, a ponto de seu semblante chamar a atenção de alguns colegas de trabalho. Pessoa me cumprimentou e após algumas poucas palavras meio desanimadas me informou que pegaria carona comigo para voltar para casa pois estava sem carro. Sabida e esperta que sou (já, já você verá que Deus é mil vezes mais), eu comecei a articular tudo. Armei o circo todo na minha cabeça e pensei que seria a oportunidade perfeita. Enquanto estivéssemos no carro eu daria um jeito, na minha cabeça bem indireto, de abordar Pessoa sobre meu relacionamento com Jesus.

Mas sem muitas delongas Pessoa começou a abrir o coração. Falou do quanto estava triste, que não tinha conseguido se alimentar naquele dia e tudo isso por conta de problemas no seu relacionamento. Eu de novo só pensei em o porquê de Pessoa ter decidido falar de problemas de relacionamento logo comigo! Pessoa continuou até que me olhou e disse: “Oh, Larissa, eu vou assumir logo para você...” e explicitou que ela estava falando de um relacionamento homossexual.

Naquele exato momento eu me lembrei do meu pensamento em casa cerca de três dias antes, quando eu pedi a Deus que me ajudasse a mostrar o amor Dele para com aquela pessoa. Era muito estranho Pessoa se sentir à vontade (ou será que foi só angústia mesmo?) para me dizer algo tão íntimo e desafiador de ser dito, já que nosso relacionamento não era de amizade, mas meramente profissional. Mas ali Deus estava respondendo àquele pensamento/oração de poucos dias antes no segredo do meu quarto.

Minha primeira reação, quase que impensada, foi dizer a Pessoa uma outra frase que ouvi do mesmo Ziel Machado no mesmo congresso em 2006, quando ele nos relatou que um jovem de sua igreja o havia procurado dizendo ser homossexual, mas que não praticava o homossexualismo por amor a Cristo. Pessoa levou um susto e finalmente descobriu que eu era “crente”. Fiquei triste porque logo depois veio a pergunta, da parte de Pessoa, com um olhar meio assustado, se eu iria desfazer o contrato por causa disso. Imediatamente disse que não, mesmo porque eu já sabia.

Aqui Pessoa quase caiu de costas e continuamos a conversa entre desabafos e risos até Pessoa me perguntar se eu era casada. A carona de fato aconteceu, mas o tema do caminho de volta para casa foi a minha resposta a Pessoa de como meu casamento terminou. Ela se solidarizou à minha dor, me desejou superação a tudo isso e me agradeceu por não tê-la rejeitado, descendo então do carro.

Fiquei alguns dias pensando nessa história tão inusitada e ao mesmo tempo encantada sobre como Deus respondeu de forma tão linda e criativa ao meu pedido de ajuda para demonstrar o amor Dele a alguém. Lembremos que a maravilha da oração é que Deus

responde, e muitas vezes o faz de maneiras que não perpassam a nossa limitada imaginação. Eu construí uma carona armada e Deus me deu uma declaração tão pessoal. Você pode estar pedindo um marido, e Deus antes vai te dar mais responsabilidades; ou um emprego novo, e Deus vai fechar o cerco contra você no atual para que você, antes de crescer profissionalmente, seja mais humilde. Você pode pedir um filho e Deus pode te dar mais Dele mesmo antes do filho.

Não sei. Só estou fazendo especulações. Afinal, não temos resposta para tudo. Mas uma coisa aprendi direitinho: ao orar (aliás, até ao pensar), cuidado! Deus responde...e é criativo!

TEXTO 23

Nada de maquiagem!

5 de julho de 2016



Na última sexta-feira, estando de plantão em uma das UTIs onde trabalho, enquanto fazia a evolução dos pacientes ao lado do colega, o vi olhar subitamente em direção a um dos seus pacientes e perguntar: “o senhor está se sentindo bem”? A pergunta havia sido dirigida a um rapaz que estava agachado junto ao leito de uma das pacientes internadas, durante o horário de visita dos familiares. A paciente estava de fato grave, sedada, respirando com suporte mecânico, com sondas e cateteres em todo o corpo.

Olhei e vi o rapaz com as mãos no rosto. A resposta dele foi bem curta e engasgada: “estou com vontade de chorar”. Quase que instantaneamente, um dos membros da equipe o retrucou: “o senhor tem que ser forte. Ela precisa de você agora”. Ser forte? Fiquei com vontade de meter o meu bedelho na conversa e o apoiar para que chorasse, e chorasse muito, e chorasse alto se assim tivesse vontade (respeitando, claro, a privacidade das demais famílias).

Não seria possível contar quantas vezes desde 15 de fevereiro de 2015 não consegui ser forte. Já chorei na praça de alimentação de um shopping lotado. Chorei na porta de um setor do hospital, vestida de jaleco, com a pecha de “doutora” com um corredor inteiro de pacientes olhando para mim. Já chorei sozinha no conforto desta mesma unidade onde estava na sexta-feira. Já chorei no meio dessa mesma UTI, entre todos os meus pacientes, sob o olhar dos demais membros da equipe, simplesmente por um colega de faculdade que eu não encontrava há algum tempo ter me visto e abraçado externando solidariedade. E já chorei copiosamente no playground do prédio de uma amiga enquanto a aguardava descer para me encontrar.

Incrível como somos exigidas a sermos fortes diuturnamente. Parece que se tornou vergonhoso assumir fraquezas, dores, solidão. Não bastasse maquiagem para a pele, agora parecem sorrateiramente sugerir maquiagem para a alma. Há que se esconder as manchas do rosto, mas também as feridas do coração?

Lembro-me então de um dos episódios da vida terrena de Jesus relatados nos evangelhos. Diante da notícia da morte de Lázaro e vendo o choro de suas irmãs, Jesus pergunta onde estava o corpo do seu amigo. Quando as pessoas então vão mostrá-lo o local, sabe qual foi sua reação? Ele não deu dois tapinhas nas costas de

Marta, dizendo “fique calma, querida. O Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, Todo-

Poderoso está aqui. Vai dar tudo certo”! Ainda que soubesse que daria tudo certo; ainda que Ele mesmo já tivesse provisão para o final dessa história, João capítulo 11, versículo 35 registra simplesmente que Jesus...chorou.

Naturalmente, não pretendo aqui advogar que necessariamente se faça como eu: que se chore no shopping, no trabalho, ou coisa assim. Apenas penso que devemos assumir para nós mesmas e às vezes também para os outros que não está dando nada certo! Assumir que está difícil mesmo, que ainda dói, que ainda dá vontade de chorar. Assumir que nem sempre é tão fácil de crer quanto parece e deveria. Acho que precisamos aprender com Jesus a dizer que nossa alma está angustiada até a morte quando ela assim o estiver, lembrando que esse momento de tamanho sofrimento se deu na companhia de três amigos mais íntimos, não no meio da multidão.

Para a pele, não falam opções: vá de MAC, Mary Kay, O Boticário, Natura, Avon e o que mais desejar. Disfarçar as imperfeições do rosto pode trazer de mal, quem sabe, alguma reação alérgica. Mas para o coração, para a alma, nada de maquiagem!

Prefiro seguir o conselho do profeta Jeremias, o chorão: “Levante-se, grite no meio da noite, quando começam as vigílias noturnas; derrame o seu coração como água na presença do Senhor...” (Lamentações 2:19a).

TEXTO 24

Minha velha mãe

9 de julho de 2016



Da minha mãe, que de velha não tem nada, nem mesmo a idade ainda, herdei algumas coisas e também aprendi tantas outras. Aprendi, por exemplo, que Deus não mente. Esse foi inclusive o primeiro aspecto do caráter de Deus ao qual fui apresentada, e foi Dona Mara quem fez essa introdução. Aprendi também que devia ler a Bíblia todos os dias e durante um tempo fui incentivada a tentar gravar um versículo por semana. Via minha mãe orar por mim todas as noites antes de dormir. Ela até me contou uma vez que disse à mãe de uns amigos nossos que ela deveria olhar pelos filhos estando os mesmos ainda acordados, para que soubessem o que ela estava fazendo.

Dona Mara conseguia convencer como ninguém que dar banho nos cachorros era algo quase que divino. Naqueles sábados de sol em que tudo que uma adolescente queria era correr para o clube, ela tinha o argumento perfeito: “Lara (ela me chama assim), a Bíblia diz que o justo zela pela vida dos seus animais”. E diz mesmo! Isso está escrito em Provérbios 12:10. E lá ia eu, muito contrariada, perder umas duas horas para deixar Dingo, Petit e Funny cheirosinhos. Lembro-me de uma outra ocasião em que fiz uma brincadeira com minha irmã, ainda bem novinha, que a fez chorar bastante. Quando minha mãe veio me perguntar o porquê daquela atitude, eu logo tentei evadir da bronca com um simples “foi só uma brincadeira, minha mãe”. E Dona Mara me saiu de lá com Provérbios 26:18,19: “Como o louco que atira brasas e flechas mortais, assim é o homem que engana o seu próximo e diz: ‘eu só estava brincando’!”. E assim eu fui crescendo. Quando a surra era inevitável, nunca apanhava sem saber a razão para aquilo e sem ser lembrada de que “quem se nega a castigar seu filho não o ama” (Provérbios 13:24) e também

que “a vara da correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe” (Provérbios 29:15). A irmã de uma amiga minha, ouvindo essas histórias, até criou um novo provérbio! Rimos muito quando ela resumiu tudo em leiarás, orarás e apanharás! Um outro amigo disse que se tivesse sido criado assim ele provavelmente iria odiar a Bíblia. É uma reação plausível, pois para alguns poderia traduzir uma grande opressão. Mas para mim, felizmente, foi e continua sendo motivo de querer amar os estatutos do Senhor ainda mais.

Já não moro mais com Dona Mara há quinze anos, mas continuo sendo alvo do seu amor e de suas orações. Essa semana liguei para ela e conversamos um bom tempo e pude compartilhar sobre algumas questões relacionadas à venda do apartamento e a mudanças que eu gostaria que acontecessem na minha vida profissional. Trocamos algumas ideias sobre um e outro assunto. E no final ela me lembrou que quando as circunstâncias se tornam muito difíceis e desfavoráveis do ponto de vista da ação humana, esse então é o cenário perfeito para as ações sobrenaturais de Deus.

Segundo disse Dona Mara na última terça-feira, quando tudo parece fácil de ser resolvido com os meus próprios recursos, a tendência é que os créditos pela conquista sejam meus. Mas quando eu sei que estou de mãos atadas e então o Senhor simplesmente faz acontecer, eu tenho certeza de que foi a ação dele e não minha; e a glória é somente Dele. Ela então terminou o telefonema reiterando que me amava e que continuaria orando por essas questões.

Graças a Deus por minha velha mãe.

TEXTO 25

Solange

14 de julho de 2016



Desta vez o nome não é fictício. Solange é o nome real da minha babá. Isso mesmo, o pronome não está errado; é minha babá, não dos meus filhos. Mesmo porque não os tenho. Solange é a pessoa que cuida, e muito bem por sinal, da minha casa e também de mim em muitos sentidos desde junho de 2009. Solange começou a trabalhar conosco por indicação de alguém muito próximo a mim, indicação esta aceita embora eu pessoalmente não tivesse qualquer referência da qualidade do seu trabalho. Admitido sem a menor hesitação que não me arrependo nem por um segundo!

Mas a história poderia ser diferente. Na quinta passada, enquanto almoçava e conversava com ela, ri sozinha lembrando-me de que cerca de dois a três meses depois que começou a me ajudar, Solange disse que queria conversar comigo. Muito desajeitada (e ela assim o é até hoje, o que a torna também especial) ela disse que estava ganhando pouco, o que sinceramente me assustou. Não pelo conteúdo de sua colocação, mas pela coragem dela em a expor com tão pouco tempo no novo emprego. Covarde que sou, e também por reconhecer que poderíamos dar um salário melhor, preferi não entrar em grandes argumentações. Perguntei a ela quanto ela achava que deveria ganhar ao que ela respondeu que não sabia (agora você veja!) mas achava o salário em vigor pequeno. Propus então um reajuste, o qual ela aceitou e desde então mantemos uma relação que hoje é muito mais de amizade e parceria, do que simplesmente empregatícia.

Fiquei o restante do almoço pensando em quantas bênçãos Deus já teve para mim que se apresentaram inicialmente como um desafio, um desconforto, ou até um incômodo. Tem bênção que quando surge não tem cara de bênção. Não tem gosto de bênção, mas ainda

assim o é. Nem eu nem Solange fazíamos a menor ideia do que seria o nosso futuro e dos vínculos que seriam criados; ela não fazia ideia da dor e solidão que me veria experimentar nem eu, talvez, do quanto fosse precisar de alguém como ela em dias tão difíceis. Naquela época eu era uma menina amarela de vinte e quatro anos, recém-casada, recém-formada e recém dona-de-casa. Era muita coisa nova para uma pessoa (imatura) só e eu preferi evitar conflitos. Em certo sentido, eu não queria ter o trabalho de tão rápido ter que procurar outra pessoa. Solange ainda não havia tido tempo hábil de me convencer que valeria a pena dar o aumento. Mas o fato de tê-lo feito me proporciona até hoje ser muito abençoada pelo trabalho dela.

Enquanto almoçávamos hoje ela me lembrou de que algumas coisas estavam em falta na casa. Começou a fazer a lista do supermercado e eu disse que assim que terminasse a refeição iria fazer as compras. Como já havia dito que estaria de plantão à noite, ela sugeriu que eu deixasse para ir quando tivesse mais tempo e descansasse o restinho da tarde. Não demorou para ela mesma concordar que eu não tenho esse tempo todo para escolher o dia de ir ao supermercado. Saí de casa já me despedindo pois sabia que quando voltasse não a encontraria mais. Voltei com as sacolas e quando entrei no meu quarto a roupa que uso para dar plantões noturnos estava passada e dobrada em cima da minha cama e meu almoço para o plantão de amanhã devidamente embalado na geladeira.

Há sete anos, para Solange era só um pedido de aumento após menos de três meses no emprego novo. Para mim era a realidade desconhecida de lidar com um pedido desses. Agora está mais do que claro que ela é uma bênção para mim e espero também o ser

para ela. Ainda bem que o aumento foi dado em dois mil e nove.
Hoje ela não precisa nem pedir.

Graças a Deus por Solange.

TEXTO 26

Assalto

18 de julho de 2016



Felizmente nunca passei pela dolorosa experiência de ser assaltada à mão armada. Já tive uma pequena corrente de ouro roubada em plena luz do dia, dentro de um ônibus em Salvador, há alguns anos. Tudo não passou de um grande susto e dos prejuízos financeiro e emocional, já que o objeto me tinha sido dado pela minha mãe como presente de aniversário de quinze anos. Por outro lado, já perdi as contas de quantas vezes sofri outro tipo de assalto. Devo assumir que não é tão incomum quanto gostaria que fossem as inúmeras tentativas de assalto as quais o meu coração sofre.

Quando falo do coração, refiro-me a pensamos, sentimentos, emoções. É quase que diária a minha luta para não ceder aos gritos que emergem, suponho, da minha alma, contrariando alguns valores, princípios e até mesmo desejos. É como se repentinamente alguém surgisse impondo: pense isso, não pense aquilo, faça aquilo, não faça aquilo outro. A última vez em que isso se deu foi há alguns poucos dias, quando me ocorreu que deveria me afastar de todas as minhas amigas casadas, especialmente daquela mais próxima, já que essa não é uma realidade que eu vivencio. É como se houvesse uma arma apontada para o meu coração e alguém dizendo: “você não percebe que não tem mais nada a ver com essas pessoas? Será que ainda não se tocou de que esse tipo de amizade não é para você? Se afaste dela”.

Foi então que decidi reagir, o que os especialistas em segurança fortemente contraindicam quando se trata de assaltos reais, por assim dizer. E a minha reação, para surpresa própria, foi tentar ser razoável! Quando se trata de sentimentos e emoções nós mulheres temos muita dificuldade em sermos razoáveis, o que significa sermos “conforme a razão, comedida, moderada, acima do medíocre,

aceitável”, segundo definição do dicionário. Ora, se durante todo este tempo nenhuma das minhas amigas casadas se recusou a caminhar o luto comigo, porque logo agora eu deveria me afastar delas? Se a mais próxima, em especial, nunca se mostrou desconcertada ao meu lado, porque rejeitá-la?

Não sei se foram estes argumentos, mas o tal assaltante recuou. Terminei o dia e a semana convicta de que me esforçaria para não deixar meu coração ceder a pensamentos e sentimentos tais como esse. A cada tentativa de assalto que meu coração sofrer, vou procurar abrigá-lo sob a proteção da razoabilidade – preferencialmente bíblica – vencendo a lógica muitas vezes estúpida de uma alma ainda sob reparos. Seja inveja (eu não tenho o que ela tem...), sejam necessidades (eu preciso mais do que ela...), sejam sonhos (ela conquistou o que eu tanto sonhei em ter), que tudo eu submeta ao crivo do Pastor das almas. Tento, desde que me entendo por gente, deixar meu coração banhado em águas tranquilas. Mas aos trinta e um aninhos ainda concluo que só o Bom pastor pode me levar até lá.

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida”. Provérbios 4:23.

TEXTO 27

Quatro estações

21 de julho de 2016



Apreendi mais cedo que parábola vem do grego *parabole*, que significa “colocar de lado” e é a expressão usada para designar “uma história simples e curta na forma de um tipo, figura ou ilustração com dois níveis de significado”, segundo comentário da Bíblia da Mulher. Fiquei um pouco mais confortável quando li sobre dois níveis de significado, já que recentemente me vi extrapolando, embora talvez essa não seja a qualificação mais adequada, o ensino da Parábola do Semeador, mesmo porque ela é a única para a qual a Bíblia registra uma explicação dada pelo próprio Jesus.

A explicação que se segue à parábola registrada em três dos quatro evangelhos é muito clara ao expor que se tratava das diferentes possíveis reações ou dos diferentes possíveis desdobramentos na vida de quem ouvia o Evangelho. Basicamente, haveria aqueles que não compreenderiam o que ouvissem e o maligno tiraria a palavra do coração da pessoa. Haveria também os que ouviriam, prontamente receberiam, mas, por não terem raiz, os problemas da vida tirariam a alegria pelas Boas Novas. Haveria ainda os que ouviriam, mas as coisas terrenas (sobretudo o fascínio pelo dinheiro), tornariam o Evangelho infrutífero na vida daquela pessoa. Por fim, haveria os que não apenas ouviriam, mas compreenderiam e frutificariam. Esses são aqueles cujos corações são considerados “boa terra”, e a semente então dá seus muitos frutos.

Pois aqui mora o problema. Não por ter lido novamente essa história, mas há algumas semanas, e por diversas razões, me dei conta de que meu coração já passou por todas essas estações. Digo não no que tange à aceitação ou não do evangelho; isto já seria fato consumado, mas refiro-me à receptividade que dou a sementes outras que o mesmo Jesus quis e ainda quer plantar na minha vida.

Para ser mais clara, exemplifico. Diante de circunstâncias adversas, sobretudo quando se trata de perdas (grandes e trágicas) é muito comum ouvir de diferentes fontes expressões de ânimo e esperança. Coisas como “isso vai passar”, “tenha calma, você ainda é muito nova mas vai dar tudo certo” são muitas vezes ditas como forma de amenizar parte da dor.

Confesso que para um coração cheio de espinhos criados pela própria vida, sem raiz pois o seu solo fértil para sonhos e realizações foi subitamente removido, essas expressões muitas vezes geram uma reação de aspereza mais até do que de alívio. Ao menos comigo foi assim em alguns momentos. Houve dias em que diante de uma mensagem amigável, minha vontade era de responder “porque não é com você”, “seja forte você” e até “então deixa Deus tirar o seu marido para você experimentar da bondade Dele”. Então me dei conta que essa reação se dava não apenas para com os meus (minhas) amigos (as) terrenos, mas também para com o meu melhor amigo!

Percebi por diversas vezes Ele próprio querendo gerar novos sonhos, novas perspectivas, novos projetos no meu coração. E eu simplesmente rejeitava. Me prendia tanto a um passado lindo e quase perfeito, que me recusava ao menos a tentar olhar para frente. Afinal, pensava eu, o que de tão bom poderia estar esperando por mim se o que eu experimentei até aqui foi tão especial? E Deus insistia várias e várias vezes para que, ainda que em meio à dor de perceber que o passado recente havia sido tão maravilhoso mas ainda assim era passado, eu olhasse para Ele. A tentativa dele era para que eu confiasse a Ele o meu futuro tanto quanto entregava a dor do meu presente. Que eu pudesse crer que Ele ainda é poderoso

o suficiente para me abençoar e fazer feliz, e pode fazê-lo das formas mais criativas e impressionantes que só o criador do Universo tem.

Foi então que me vi, como diria a letra da linda música de Jorge Camargo, “no silêncio do meu quarto, a sós com Deus, à meia luz...”, fazendo a seguinte oração:

“Senhor, torna o meu coração uma terra fértil para as sementes que você ainda quer lançar na minha vida”. Eu ainda tenho alguns espinhos por aqui; ainda há algumas pedras no solo e sei que cabe muito mais areia nesse terreno eu diria acidentado que é o meu coração. Mas espero que Ele tenha ouvido mais esse pedido. Como uma amiga me disse que acompanhava esses textos como quem acompanha uma série de TV, acho que aqui termina a primeira temporada. Espero que a segunda, caso exista, seja reflexo dos bons (e muitos frutos) dessas sementes.

TEXTO 28

Uma dúzia de ovos

31 de julho de 2016



Faz alguns poucos dias, voltava para casa no início da noite depois de um dia de idas e vindas entre trabalho, academia, entrega de documentos, entrega de roupas, recebimento de outras roupas e, finalmente, mercado. A cabeça estava prestes a explodir de dor e não podia esperar por entrar em casa, embora já previsse a saga de retirar tanta coisa de dentro de carro.

Já no bairro onde moro e bem próximo a um ponto de ônibus, uma mulher atravessou a faixa de pedestres subitamente, me obrigando a frear o carro de forma meio brusca, embora sem maiores problemas já que o carro vinha em baixa velocidade. Ela terminou a travessia tranquila. Mas ao ouvir o som de sacolas escorrendo do banco de trás para o piso, só me veio à mente uma cena e a exclamação: “os ovos”! Logo me lembrei que havia uma dúzia de ovos separada em uma das sacolas, que provavelmente havia se deslocado no momento da freada.

Nada mais óbvio do que os ovos terem se espatifado. Frágeis que são, certamente não iriam resistir ao impacto. Acho que minha dor de cabeça até aumentou, porque além de muitas sacolas, teria de carregar uma com ovos quebrados até o lixo. Depois de ter posto tudo dentro do apartamento, procurei logo pela sacola que estivesse mais melada. Para minha enorme surpresa, achei a grade com os doze ovos inteiros. Procurei um resquício que fosse de clara e gema pelo plástico, mas não encontrei. Eles surpreendentemente sobreviveram ao impacto do freio. Mais aliviada, comecei então a transferi-los para o compartimento da geladeira específico para tal, quando observei que em apenas um deles havia uma fissura na casca, mas que não chegava a expor o seu conteúdo.

Enquanto terminava de acondicionar os ovos e começando a guardar os demais itens da compra, me ocorreu uma frase dita por Jesus na sua, chamada, Oração Sacerdotal, aquela feita por Ele em favor dos discípulos pouco tempo antes de morrer. Uma das coisas ditas por Jesus foi: “Enquanto estava com eles, eu os protegi e os guardei no nome que me deste. Nenhum deles se perdeu, a não ser aquele que estava predestinado à perdição...” (João 17:12). Achei bem interessante: Jesus havia protegido o guardado aqueles que o Pai havia dado a ele.

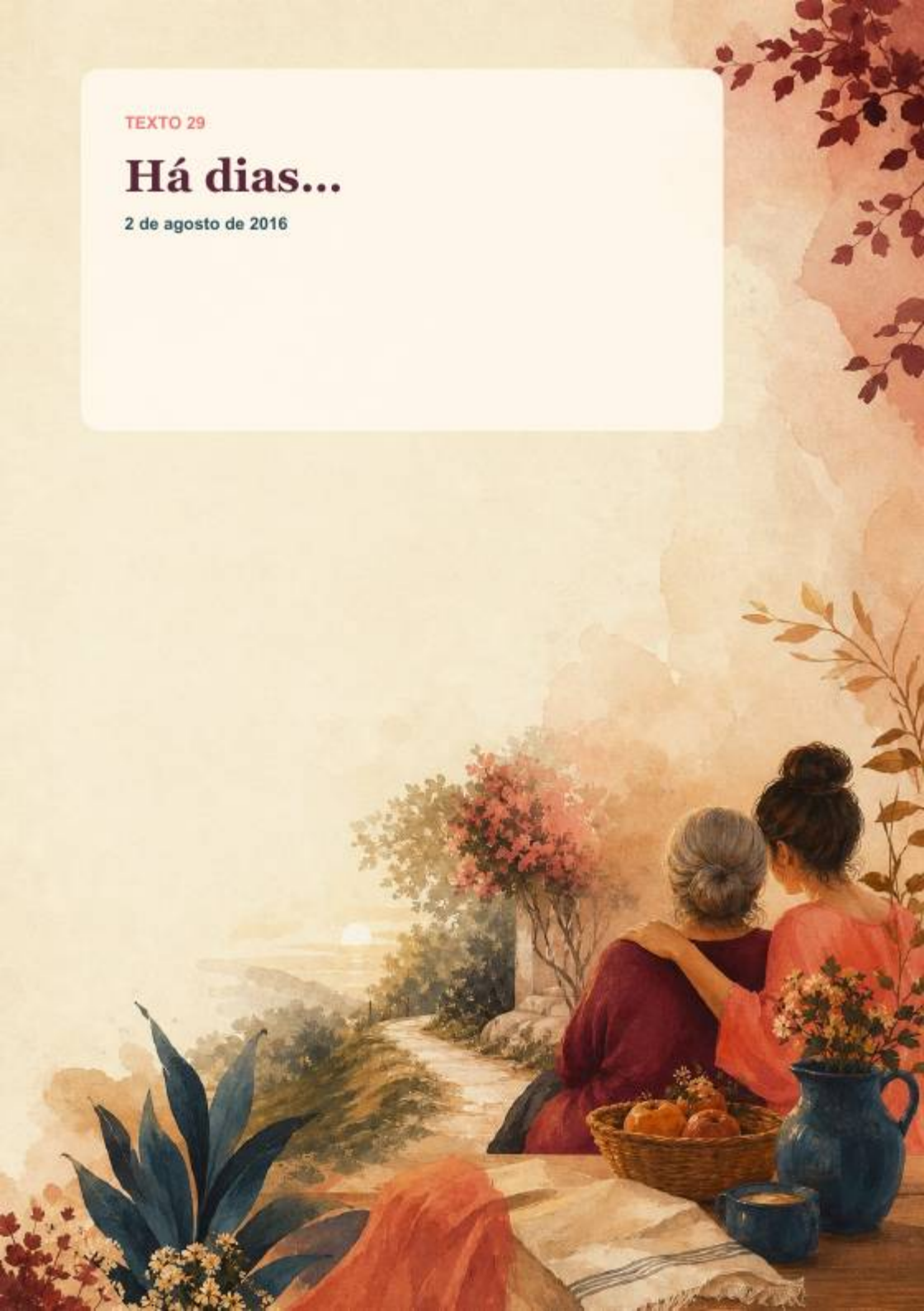
Perdoem-me a comparação esdrúxula, mas me senti como aquele ovo. Não sei quanto a você, mas particularmente me reconheço muito, muito frágil. Diante das freadas bruscas da vida (e que freada eu levei!) tudo contribuía para que eu me quebrasse, escorrendo clara e gema pela sacola. Mas o Pastor de ovelhas sabe também cuidar de frágeis ovos. Para quem está em Cristo, é possível sobreviver às maiores perdas, aos maiores desastres, às maiores decepções. Ele protege e guarda aqueles (e aquelas) que são seus (e suas)!

Não é que as freadas bruscas da vida deixarão de existir. Elas inclusive podem deixar fissuras. Marcas que não permitirão negar o que aconteceu. Fissuras doem, ainda que sejam “apenas” fissuras. Também precisam de bálsamo para cicatrizar. É chato estar fissurada. Mas quando se está em Cristo, Ele cuida, protege, guarda, não deixa que se perca quem é Dele. No final, vidas fissuradas nas mãos do Senhor ainda podem render bons omeletes.

TEXTO 29

Há dias...

2 de agosto de 2016



...em que acordo, levanto rápido da cama, tomo um banho morno e demorado, levo um bom tempo para vestir a roupa e saio para trabalhar. Canto no caminho, às vezes até canto alto, e me olho repetidamente no espelho. Mas há dias em que preciso reunir forças para pôr o pé no chão depois de acordar. Nesses dias, trabalhar é um enfado, cantar é uma missão quase impossível e chorar, quase inevitável.

Há dias em que vou à academia porque gosto de ir. Faço musculação, corro 20 ou 30 minutos com uma trilha sonora de quem parece comemorar uma grande conquista. Mas há dias em que vou à academia para fazer o relógio andar e evitar o tédio de uma vida solitária. Aliás, há dias em que tudo que eu quero é ficar só. Mas há também daqueles dias em que enxugo lágrimas na solidão.

Há dias em que ligo para alguma amiga e até saio para comer e conversar. Japonês, pizza, salada, papo bom e comida boa embalam noites de leveza. Mas há dias em que não atendo ligações, não respondo mensagens, não consigo se quer comer. Há dias que evito as amigas mas há também daqueles dias em que tudo que gostaria era a ligação de uma delas.

Há dias em que passo base, rímel, batom; me olho no espelho e tenho certeza que nunca antes na história desse país se viu uma mulher mais bonita! Faço escova

“com movimento”, compro roupa nova e trato logo de estrear a roupa nova comprada. Mas há dias em que quero quebrar o espelho e simplesmente ficar de pantufas em casa.

Há dias em que sou a mulher mais cheia de fé do mundo! Creio que tudo vai melhorar, que Deus está no controle, que tudo tem um propósito, que as coisas vão dar certo! Creio em todas essas palavras óbvias (e às vezes tanto quanto óbvias, inúteis) que as pessoas dizem quando querem te ajudar a amenizar uma grande dor. Mas há dias em que não quero falar com Deus nem que Ele fale comigo. Há dias em que, se pudesse, até jogaria Deus pela janela (se estiver me repugnando agora, leia Jó e você vai ver que ele também quis!).

Há dias com e sem TPM. Minto, no meu caso só há dias sem TPM; não sei o que é isso, graças a Deus! Mas há dias de bom e de mau humor. Há dias felizes e dias inexplicavelmente tristes. Há dias de “poderosa, rainha do...” Mas há também dias de

“abandonada por você...”. Posso não ter certeza dos meus dias futuros; nem dos próximos nem dos distantes.

Mas uma coisa é certa: “BONDADE e MISERICÓRDIA CERTAMENTE me seguirão TODOS OS DIAS da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor para todo o sempre”. (Salmo 23:6).

Amém.

TEXTO 30

#NinguémManda

8 de agosto de 2016



Tia Eron, nome político de Eronildes Vasconcelos Carvalho, arrasou quando proferiu essa frase durante o discurso que antecedeu seu voto na comissão de ética da Câmara dos Deputados quanto ao processo de cassação do então presidente da casa, Eduardo Cunha. Creio que tenha sido inspirada nela a publicação de alguns outdoors pela cidade com essa hashtag, lembrando o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, comemorado no último dia 25 de julho.

Parece que não ser mandada por ninguém é um anseio de boa parte das mulheres. Nas rodas intelectuais por vezes esse anseio é traduzido na expressão empoderamento, palavrinha em moda quando se trata do universo feminino. Ou então fala-se de liberdade. Até em propaganda de marcas de absorvente a chamada é

“compre essa marca e você terá liberdade...”. Queremos ser poderosas e livres. Parece muito legítimo, não fosse o significado que se dá a essas coisas e a maneira como as temos buscado.

Mas antes, falemos de um universo onde talvez haja uma antítese a essa aspiração. Pela interpretação que se faz do ensino bíblico, geralmente mulheres cristãs sentem-se confortáveis se forem mandadas, literalmente, pelo próprio marido. Afinal, ele é o cabeça, segundo ensina o apóstolo Paulo em sua carta aos Efésios. Penso que John Stott foi muito feliz ao usar esse texto como um dos exemplos sobre transposição cultural da Palavra em seu livro *Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo*.

Segundo ele “‘ser cabeça’ implica sacrifício e serviço. É o ‘ser cabeça’ do cuidado e não do controle. Seu propósito não é inibir, e muito

menos esmagar, mas, sim, facilitar, criar condições de amor e segurança em que as mulheres sejam livres para ser elas mesmas e desenvolver-se a si mesmas”. Afinal, Paulo usou o exemplo do próprio Jesus como cabeça da igreja, e foi assim que Ele se portou para conosco.

Voltemos então para quem não deseja ser mandada por ninguém. Há aquelas que vêm na atividade profissional o meio para alcançar esse status. Estudam muito, trabalham duro, tornam-se financeiramente independentes e, finalmente, poderosas e livres. Não vou me valer de hipocrisia e dizer que é ruim ser financeiramente independente. Mas qualquer melhora na nossa vida, seja econômica ou de status social, idealmente deve nos levar a um patamar maior de serviço ao outro (por que não, à outra). Ademais, vulneráveis que somos, para se perder o emprego ou status é daqui para ali.

Há mulheres que não são mandadas por causa da beleza que têm. Pelo contrário, essas geralmente mandam. Mandam nos homens não-de-bem, se me permitem o neologismo, que fazem de um tudo para ter as beldades só para si e exibi-las como um troféu; e ainda acabam por mandar em outras mulheres, que se desesperam para alcançar aquele referencial de beleza. Eu mesma não raramente entro na academia um pouquinho feliz e consigo sair um tanto triste porque me faltam aqueles gomos no abdome que Dona Paniquete insiste em exibir. Ainda bem que passa rápido e no dia seguinte, se me der vontade, eu como até pão. E há aquelas, hoje talvez um grupo de exceção que eu chamaria de inocentes, que até gostam de ser mandadas, desde que seja por si mesmas. Trata-se daquela historinha de “amiga, faça o que seu coração mandar”! Mal sabem

estas que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso...” (Jeremias 17:9).

Diante disso, há que se tomar uma decisão: ser ou não ser mandada, eis a questão! Eu voto SIM! Quero ser mandada! Pela pessoa certa. A única capaz de, ao mandar em mim, me dar o poder pelo qual anseio e a liberdade que tanto busco. Foi esta a última coisa que Jesus falou aos discípulos antes da ascensão, que eles receberiam poder ao vir sobre eles o Espírito Santo (Atos 1:8). Foi Ele mesmo quem também prometeu que se o Filho nos libertasse, aí sim seríamos verdadeiramente livres (João 8:36). Nada é mais eficaz para tornar uma mulher livre e poderosa do que ela ser governada pelo Espírito Santo.

Aliás, se tivéssemos mais mulheres mandadas por Ele, teríamos uma sociedade mais amorosa, alegre, pacífica, paciente, benigna, bondosa, mais crente, mais mansa e mais temperada. Esses são os resultados naturais de mulheres governadas pelo Espírito de Deus, e não por seus próprios corações, por sua beleza, por seu status profissional, nem por seus maridos.

Assim sendo, posso criar uma nova hashtag?

#MANDAEMMIM,ESPÍRITO

TEXTO 31

Gracioso

15 de agosto de 2016



Talvez o melhor título para este texto fosse Síndrome de Takotsubo. Alguns também a chamam de Síndrome do Coração Partido, já que se trata basicamente de um quadro clínico de gravidade variável, em muitos aspectos – tanto do ponto de vista de exames quanto de sintomas – semelhante a um infarto do miocárdio, porém com as artérias coronárias normais, sem obstruções. O nome Takotsubo vem da língua japonesa e é a denominação dada a uma espécie de rede que eles usam para pescar polvos; quando se faz o cateterismo o coração aparenta ter o mesmo formato dessa rede. Já a expressão coração partido vem do fato desta síndrome ser desencadeada por um estresse emocional ou físico muito intenso e, adivinhem, é mais comum em...mulheres!

Pois bem, faz alguns dias que achei que era exatamente isso que estava acontecendo comigo. Trabalhava à noite e já bem tarde, sem mais demandas para resolver, cochilei. Para minha infelicidade tive aquilo que considero ter sido o pior pesadelo da minha vida. O conteúdo do sonho basicamente era ter de volta aquilo (ou melhor, aquele) que não é mais possível se reaver. Acordei absolutamente desesperada, no quarto escuro do hospital onde mais duas pessoas repousavam. Senti uma dor no tórax com todas as características que aprendi, como cardiologista, tratarem-se da dor típica de um infarto. Coloquei a mão no peito e, contida, comecei a chorar. De imediato abri o celular e tinha uma mensagem de uma pessoa conhecida, a quem eu pedi que orasse por mim.

A dor só fazia aumentar e com o pensamento típico de uma profissional de saúde que lida frequentemente com pacientes graves em UTI, previ minhas próximas horas de vida. Me vi internada, entubada, com cateteres por todo o corpo, usando balão intraaórtico

(um dispositivo que ajuda a melhorar a circulação em pacientes com falência cardíaca por isquemia) e com algumas pessoas ao redor me olhando com aquele ar de “vai morrer”. Não que a morte me parecesse exatamente uma má ideia naquele momento, afinal me livraria desses episódios de tamanho sofrimento há um ano e meio e que, pela primeira vez, havia se convertido em sintoma físico e dos mais insuportáveis (preciso abrir esse parêntese para dizer que não sou o tipo que reclama por qualquer arranhão; logo, se eu disser que está doendo, e muito, leia-se que estou sofrendo a ponto de me desintegrar).

Comecei a pensar na agenda de exames que tinha na tarde seguinte e que não seria cumprida. Como explicaria, caso sobrevivesse, que a origem daquilo tudo havia sido, em última análise, o meu luto? Só consegui, ainda com a mão no tórax, pedir a Deus por socorro. Depois de alguns minutos me levantei e fui ao banheiro, com a dor começando a ceder. Lavei o rosto e as lágrimas, voltando em seguida para a cama. Ao que parecia, ninguém mais havia acordado. Não demorou muito eu apaguei novamente e no dia seguinte acordei com dor por todo o corpo, como se tivesse carregado muito peso o dia inteiro, com o colega que me substituiria dizendo ao telefone que havia chegado. Juntei minhas coisas e, diferente do que faço habitualmente que seria ir para a natação, voltei para casa. Triste no caminho, pedi a Deus que nunca mais permitisse que eu sonhasse ou sentisse aquilo novamente. Mas previ o meu dia encerrado naquele momento.

Depois de comer alguma coisa, fui para o salão (isso seria habitual depois da natação) e por volta do meio-dia já estava em casa novamente. Almocei e segui para o trabalho. Cumpri toda a agenda

de exames e voltei de novo para casa. Não tive mais dor ao longo do dia, obviamente também não morri. Cumpri minha agenda do dia, exceto pela natação da qual abri mão. Minhas previsões catastróficas não se concretizaram e as coisas estavam razoavelmente dentro do normal.

Pude então ver nessa situação mais uma manifestação da graça de Deus. Algumas podem ter chegado até aqui na leitura no texto e concluir que tudo não passou de uma historinha dramática sem a menor graça. Para mim foi um dia de livramento; de Deus superar as minhas expectativas, já que tudo que eu vislumbrava para as horas seguintes do meu dia foi experimentar mais dor e talvez até morte. Eu previ que não conseguiria trabalhar mas acabei por cumprir toda a agenda.

Fiquei a imaginar que esse evento foi um a respeito do qual tive plena ciência da mão do Senhor interferindo na minha vida. E conclui que em muitos outros que se quer chegam à minha mente há também uma ação poderosa de Deus construindo o que não imagino construir, provendo o que eu não suponho ter, clareando onde não consigo enxergar um palmo à minha frente, mudando realidades que suponho serem imutáveis. Talvez seja por isso que o salmista diz que a graça de Deus é melhor que a vida. Porque mesmo quando a vida nos parece faltar, ela se manifesta. Das formas mais ou menos visíveis, Ele é sim um Deus gracioso!

“ Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água.

Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória.

Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam”.

Salmo 63: 1 a 3

TEXTO 32

Mude o mundo

27 de agosto de 2016



Na idade da inocência, como alguns ainda insistem em descrever a infância, eu vislumbrava a possibilidade de fazer algo tão relevante que poderia impactar não apenas a minha geração, mas até toda a humanidade. Na verdade, eu vislumbrava a possibilidade de ter meu nome nos livros de História. Bastou crescer apenas um pouquinho para perceber que isso seria uma missão, digamos, impossível. Certamente eu não tinha genialidade suficiente para nenhuma grande descoberta nem habilidades suficientes para destacar-me em qualquer coisa. Como disse outro dia uma colega enquanto trabalhávamos e falávamos de Medicina e de esportes, “eu nunca fui muito boa em nada; sempre fui mediana em tudo”. Tive que rir e concordar com ela que essa era também minha realidade.

Mas há alguns dias, enquanto me arrumava no vestiário da academia para encontrarme com uma amiga em seguida, me vi interpelada pela moça que acabara de sair do box ao lado sobre o frio do local. Animada pela disposição dela em conversar, fiz uma pergunta retórica sobre sua especialidade e ela, surpresa, me interrogou de onde nos conhecíamos. Foi quando a lembrei que há cerca de dois anos ela teve uma pessoa próxima internada em uma das UTIs onde trabalho e, por isso, lembrava-me dela. Ela então me rememorou o nome e parentesco da moça que havia sido paciente e me disse que recentemente haviam se encontrado. E completou, para minha surpresa, que aquela mulher que esteve internada lembrava de uma médica (e me descreveu, segundo ela) que “era doce e perguntou se eu queria comer”, quando já se encontrava melhor do seu estado de saúde e lúcida.

Saltei de alegria por dentro. Não por ser tida como doce, pois definitivamente não o sou, mas por, de alguma forma, ter feito bem a

uma pessoa que poderia ser tida como apenas mais uma das pacientes da UTI. Ou, em última instância, alguém que poderia ser tido como mais um dos meus objetos de trabalho. O apelido dela é Bia. Bia esteve muito grave, com chances muito reais de morrer. Mas ao melhorar e, prestes a ter alta daquele ambiente tão inóspito, ela guardou para si uma pergunta corriqueira e piegas. Mas aquele “você quer comer?” fez diferença na vida de Bia. Despedi-me dela e deixei a academia um pouco mais leve (aquele não tinha sido dos meus melhores dias). Senti uma sensação de dever cumprido. Bia hoje está bem e lembra-se de mim.

Naturalmente, isso não vai fazer o meu nome ir para os livros de história. Mas para o mundo de Bia e para o meu mundo de pessoas entre a vida e a morte, alguma coisa, ainda que simples e aparentemente irrelevante, fez uma diferença muito positiva. Me senti como alguém que de fato mudou o mundo; aquele pequeno mundo no qual estou circunscrita. Desde então, venho com mais frequência me policiando e pedindo a Deus ajuda para ser relevante na vida das pessoas com as quais convivo, seja de forma regular ou não.

Não tenho mais a inocência (ou seria melhor dizer pretensão?) de querer ser um nome na página de algum livro. Mas se eu puder contribuir para mudar – e tem que ser para melhor – a história de alguém que está ou já esteve nem que seja nos dez metros quadrados de onde eu estou, então a minha existência terá valido a pena.

Quantas Bias ao nosso redor e muitas vezes gostaríamos de ser lembradas pela rainha da Inglaterra? Quantas Bias ao nosso redor e queríamos que Kate Middleton, quase nora da rainha, fosse nossa

melhor amiga? Quantas Bias ao nosso redor e gostaríamos de ter o telefone de Tia Eron na agenda do celular? Não precisa nem bater recordes mundiais ou descobrir a pólvora. Mudar o mundo às vezes é uma questão de tão somente perguntar: você quer comer?

TEXTO 33

Porque não chorar?

28 de agosto de 2016



Creio não ser inédito no campo da Psicologia ou simplesmente das rodas de conversas entre amigos alguém expor a estranha sensação de frustração após concluir uma tarefa difícil ou findar uma etapa desejada. É como encher a boca de água pensando em um bolo de chocolate, ter o bolo, comê-lo e no final...”mas era isso”? Já ouvi dizer que normalmente não é apenas frustração, mas também tristeza, às vezes profunda, que acompanha esse sentimento. Infelizmente não fiquei apenas no ouvi dizer.

Senti-me como uma garotinha de pé, segurando um urso de pelúcia depois de ter enfrentado e derrotado um monstro enorme que pairava todas as noites pelo seu quarto escuro, com os olhos cheios de lágrimas, pensando no que a manteria viva nas noites seguintes já que aquilo que alimentava sua força e esperança de futuro (vencer o monstro) agora não existia mais. Então, porque não chorar?

Antes de responder a esta pergunta, distrai-me com os afazeres do trabalho, ao tempo em que tentava encontrar resposta para este “e agora?” de um coração inquieto. Arranjar um novo monstro seria uma boa opção? E se este for mais forte?

Ou mudar o quarto; quem sabe conseguir um que seja menos escuro?

Devaneios à parte, encontrei algo que creio ter encerrado, ao menos por hora, o assunto. Por partes, diria que o motivo do choro pode ser absolutamente legítimo e, portanto, não há do que se envergonhar. Depois, todos precisamos de algo que nos motive a viver; para algumas, basta um novo desafio. Para outras, sobreviver depende justamente de não ter um desafio novo, pelo amor de Deus!

E nesse cenário de incerteza e insegurança, lembrei-me de uma conversa que tive com uma amiga há alguns meses em que ela, orando por mim, trouxe à minha memória algo que podia me dar esperança! No capítulo doze do livro de Romanos, o sofredor do apóstolo Paulo diz no versículo também de número doze:

“Alegram-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração”. Naquele dia o foco do pedido dela foi que eu conseguisse me alegrar na esperança, sem negar a dor do presente, mas conseguindo de alguma forma celebrar por aquilo que ainda pode (e está!) por vir.

Se alguém me perguntar se é fácil ser paciente na tribulação, eu diria sem hesitar que não, não é nem um pouquinho. Ou se é legal ser perseverante em orar, repetir várias vezes o mesmo pedido, clamar várias noites pelo mesmo socorro...não, nem sempre é legal. E alegrar-se na esperança, ter algum regozijo por algo que sequer existe diante dos seus olhos, é tranquilo? Não, não é tranquilo mas é sim, possível.

E só é possível por um único motivo: aquele que nos convida, através de Sua

Palavra, a nos alegrarmos na esperança é o mesmo Deus que “chama à existência coisas que não existem, como se existissem”. (Romanos 4:17b). Pode parecer confuso, mas é como se Deus olhasse para a garotinha com o urso de pelúcia na mão, a pegasse no colo e dissesse:

“Chore não, minha menina. Eu sei que o futuro te assusta, mas não se preocupe se haverá outro monstro ou outro quarto. Eu posso fazer

existir coisas inimagináveis para você”. E como essa mesma amiga me lembrou ontem, creio que Deus terminaria dizendo: “para minha glória e para o seu bem”.

TEXTO 34

Deus não tem nada haver com esse...

30 de agosto de 2016



...golpe! Essa foi uma das últimas frases ditas hoje por Sua Excelência, a Senadora Gleise Hoffman, em uma de suas falas de mais um dia de conturbada sessão no Senado Federal a respeito do processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff. A colocação da Senadora deveu-se à uma menção feita a Deus por uma das advogadas de acusação no processo que falara pouco antes dela.

Golpe ou não, definição esta que recai sobre ponderações de cunho político e jurídico, terrenos nos quais sou absolutamente leiga e dotada de grande ignorância, Deus tem sim, a ver. E muito! Primeiro porque Ele tem a ver com tudo que acontece na história da humanidade. E, por consequência, na história das nações. Aliás, uma das cenas mais fantásticas que me vêm à mente diante de um texto bíblico é do relato de Apocalipse 21:26: “A glória e a honra das nações lhe serão trazidas”, falando do novo tempo inaugurado pela volta de Jesus. Imagino o que seria a glória das nações

(toda a riqueza cultural, intelectual, ambiental) sendo trazida a este lugar onde “não haverá noite”.

Segundo, porque Deus é aquele que “muda as épocas e as estações; destrona reis e também os estabelece” (Daniel 2:21). Portanto todo governo de toda e qualquer nação, em todo e qualquer tempo, está sujeito à soberania do Senhor. Mas o que me fez pensar depois de ouvir essa frase é que Deus não apenas tem a ver com a história das nações, mas também com tudo que acontece no microuniverso das nossas existências.

Deus é aquele que destrona e estabelece reis, que sabe os rumos da macroeconomia, que conhece os indicadores sociais de todos os

povos da terra, mas é também aquele que tem a ver com a minha dor e a minha alegria de hoje. Ele se preocupa com a fome no planeta tanto quanto se preocupa se eu comi hoje ou não. Ele conhece as injustiças praticadas por qualquer governante tanto quanto conhece aquilo que faz gemer o meu coração e inundar os meus olhos de lágrimas.

Deus tem a ver! Embora nem sempre pareça, Ele se importa. Embora nem sempre seja tão perceptível, Ele não cochilou justo no momento em que eu mais precisava de socorro! Embora eu nem sempre consiga ouvir Sua voz quando mais gostaria, Ele ainda está a expelir palavras de Sua boca que não voltarão para Ele vazias sem cumprir o propósito para o qual foram designadas, como diz o profeta Isaías no capítulo 55 versículo onze.

Davi pediu uma vez: “Inclina os teus ouvidos, ó Senhor, e responde-me, pois sou pobre e necessitado” (Salmo 86:1). Não foi Davi quem escreveu o Salmo 113, mas nele o autor dá uma ideia da resposta de Deus a orações como essas: “Quem é como o Senhor, o nosso Deus, que reina em seu trono nas alturas, MAS SE INCLINA para ver o que acontece nos céus e na terra? ”

No Senado Federal brasileiro, na Casa Branca, no Parlamento Inglês, nos palácios dos governos ditatoriais da África e Ásia e na SUA vida, Deus está de olho! E quando Ele se inclina, acredite, ele ouve todos os nossos gritos de socorro (Salmo 40:1)! Ele tem a ver.

TEXTO 35

O que é milagre?

4 de setembro de 2016



Sem valer-me da etimologia da palavra e usando da liberdade literária vou eu mesma definir: milagre é qualquer manifestação sobrenatural da ação divina que promove um desfecho positivo, geralmente resolvendo uma situação de dor, perigo, necessidade ou embaraço. Jesus fez muitos milagres: andou sobre as águas até encontrar o barco onde estava seus discípulos no meio da tempestade; ressuscitou o filho de uma viúva; curou o empregado de um oficial romano; curou a sogra de Pedro; libertou um jovem descrito como lunático (talvez portador de algum transtorno psíquico); fez paralíticos andarem; devolveu a visão a cegos. Todos esses são fatos e não metáforas, e são apenas alguns exemplos dos que relata a Bíblia.

Talvez por atualmente ser raríssimo ver esse tipo de coisa acontecendo por aí, sobretudo no nosso mundo ocidental, algumas pessoas deixaram de acreditar em milagres. Ou pelo menos hesitam muito antes de acatar a ideia de que aquela mudança de desfecho foi devida a uma ação sobrenatural divina. Acontece que milagres ainda ocorrem, operados pelo mesmo Jesus (ressurreto e, portanto, vivo) e, ousaria dizer, diariamente.

Milagre é, por exemplo, ver sua vida profissional decolar ao invés de ir para o buraco em pleno tempo de luto. Milagre é ter emprego em uma cidade onde vivem tantos desempregados. Milagre também é ter mesa farta em um planeta onde muitas pessoas morrem de fome. Milagre é ser capaz de admitir erros e fraquezas – para algumas pessoas, como essa que vos escreve, admitir erro só mesmo por obra divina! Milagre também é percorrer uma estrada escura, deserta e esburacada à noite, uma vez por semana durante dois anos, a caminho do trabalho e, em todo este tempo, não ter tido por uma vez

se quer um pneu furado. Milagre é ver uma oração respondida através de um simples telefonema quando você nem lembrava de ter feito aquela oração.

Milagre é não desistir da vida quando se tem todos os motivos para fazê-lo. Milagre é trabalhar por mais de 48h e ainda ir fazer atividade física depois. Milagre é concluir a atividade física. Milagre é andar por tantos hospitais diariamente, mas quase nunca como paciente. Milagre é não se julgar capaz de fazer algo e anos depois se perceber não apenas fazendo aquilo para o que não se considerava apta, mas fazendo com qualidade. Milagre é ter suas orações ouvidas mesmo sabendo que não há em si mesma qualquer razão para Deus te ouvir. Milagre é ser perdoada por quem você feriu e também perdoar quem te machucou. Amadurecer, até em se tratando de botânica, é um milagre; faz parte do chamado milagre da vida!

Se olharmos com bastante atenção ao nosso redor veremos que Jesus, embora não mais encarnado, porém vivo, continua operando aqui e acolá. Talvez não sejam cegos voltando a ver, embora Ele ainda cure doenças. Talvez não sejam mortos sendo trazidos de volta à vida, embora Ele ainda possa fazê-lo. Mas certamente não fosse por Sua intervenção diária sobre nossas circunstâncias, a vida seria ainda mais dura do que de fato é. Se Deus não estivesse ainda a agir de maneira sobrenatural de forma a mudar os desfechos que estão propostos diante de nós, por mais simples que seja o cenário, poucas pessoas ainda estariam de pé.

Acredite: milagres ainda acontecem! Comigo e com você, diariamente. E se as circunstâncias postas diante dos nossos olhos foram tão desanimadoras a ponto de acharmos que só mesmo um

novo passeio de Jesus sobre as águas para mudar o cenário, fiquemos em paz. Afinal: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”. (Hebreus 13:8).

TEXTO 36

Dior

12 de setembro de 2016



Talvez seja uma exceção entre as mulheres, mas não costumo ir ao shopping exceto por uma real necessidade: comprar algo de que preciso (normalmente em lojas já pré-definidas), comer ou, por apenas duas vezes no último um ano e meio, ir ao cinema. Nem sempre considero a jornada das compras tarefa das mais prazerosas, embora eventualmente necessária. Na última empreitada havia feito um cronograma: entraria pelo primeiro piso para ida a uma loja, depois duas no segundo piso e por último duas no terceiro para, enfim, retornar ao primeiro piso, pegar o carimbo que havia encomendado e então sair de lá o quanto antes.

Uma das lojas seria para comprar perfume pois o que usava acabara. Como já sabia exatamente qual levaria minha estada ali não demoraria mais do que quatro ou cinco minutos. Isso se não tivesse sido pega de surpresa por uma vendedora cativante e muito, muito, muito educada (e provavelmente bem-intencionada também). Ela logo me disse que havia notado que minha pele era oleosa, ao que tive que concordar. Sugeriu que eu testasse uma base que resolveria o problema. Hesitei um pouco, disse que estava com pressa, o que era verdade, mas logo me vi sentada em frente a um espelho enquanto ela retirava a base que eu usava para então apresentar seu produto.

Antes de começar a aplicar, ela me mostrou o frasco com a marca devidamente estampada. “Feche os olhos”, disse suavemente, e começou a deslizar o pincel. Aproveitei aqueles segundos e comecei a orar. Lembrei-me das muitas vezes em que eu ingenuamente achei que se pudesse usar marcas como aquela eu teria mais valor agregado. Pedi perdão a Deus por isso e O agradei por me ajudar a entender que eu acreditava numa enorme mentira. Também

agradei a Deus por poder não comprar aquele produto. Isso mesmo: não fazer algo, especialmente não comprar algo que se possa, é libertador! Não me sentia mais obrigada a fazê-lo.

Pensei em quantas mulheres ainda andam frustradas simplesmente por não verem no espelho as mesmas estampas e etiquetas das moças bonitas, bem-

sucedidas e desejadas das vitrines e holofotes. E já fui, e como fui, uma dessas super frustradas! Aliás, vira e mexe ainda preciso dizer para mim mesma: “não se deixe enganar, Larissa. Você não precisa disso. Seu valor não está nisso”. Agradei a Deus por estar naquela loja mas pedi também por misericórdia sobre mulheres cujo sonho e esforço é tão somente para viver com um mínimo de dignidade. Pedi a Ele que tivesse misericórdia de mim para que não me torne leviana com o uso dos recursos materiais que Ele tem me dado.

A moça, já quase fazendo as vezes de minha amiga (cuidado, vendedoras via de regra não são suas amigas; são vendedoras!), terminou o trabalho repetindo: “ficou ótima em você! Perfeita! Perfeita! ”. Olhei no espelho e, mais uma vez, concordei com ela. Havia ficado mesmo perfeito. Disse a ela que passaria o restante da tarde com o produto no rosto para verificar se minha pele de fato não ficaria oleosa. Já no caixa, pagando o perfume, ela tentou arremeter com a mesma suavidade: “tenho certeza que você vai querer comprar; e acabei de verificar, essa é a última”. Devolvi um sorriso discreto e disse que tudo bem. Lembrei que tinha uma base em casa quase cheia, de uma marca inclusive considerada muito boa. E disse em silêncio para mim mesma:

“Larissa, você não precisa disso; ao menos não agora”.

Paguei o perfume e deixei a loja rindo para mim mesma. Quem sabe um dia ainda use aquela a base. Não para provar nada para ninguém ou para mim mesma. Não para agregar valor. Quem sabe um dia eu queira e já não possa mais usar. E se assim o for, que Deus encontre em mim um coração grato e alegre Nele.

TEXTO 37

Números

13 de setembro de 2016



Números é o quarto livro do Pentateuco, o conjunto formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia. Apesar de seu título, não trata apenas de contabilidade, mas de muitos outros temas como fidelidade, obediência, provisão e murmuração. Li recentemente os capítulos treze e quatorze deste livro. Me chamou a atenção especialmente o versículo onze do capítulo quatorze, o qual diz: **“Disse o Senhor a Moisés: até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?”**.

O contexto era mais ou menos o seguinte: o povo judeu havia sido escravo no Egito por quatrocentos anos. Deus tira sua gente de lá de forma miraculosa; eles atravessam o Mar Vermelho, o exército de faraó é afogado no mesmo mar; o povo é provido de alimento diariamente durante a peregrinação no deserto. As roupas que usavam não se estragaram neste período. Quando chegam na fronteira com a terra prometida, Moisés manda doze homens espiares a terra e trazer notícias. Apenas dois deles, Calebe e Josué, voltam animados. Os outros dez conseguem convencer todo o povo que invadir aquela terra era uma grande furada. E então o povo faz o que eu e você muitas vezes fazemos: acreditam nos dez espias, duvidam de Deus (que havia prometido dar a eles aquele lugar) e reclamam.

Foi diante desta reclamação do povo que Deus chama seu amigo Moisés para uma conversa em que diz, em outras palavras, que nada do que Ele havia feito pelo povo durante todo aquele tempo parecia suficiente para que eles cressem no Deus cujo nome carregavam. Era como se o povo estivesse provocando Deus com sua falta de fé. Algo como que “essa história de pragas no Egito para nos libertar,

mandar pão e aves do céu para nos alimentar no deserto, nossas roupas manterem-se conservadas, tudo isso é passado. Vencer esses gigantes de Canaã? Ah, isso aí, não. Ai já é demais para nós”.

Me vi no povo de Israel. Me vi duvidando do que Deus é capaz de fazer a meu favor para honrar e cumprir todas as palavras que já me disse e todas as promessas que já me fez, ainda que em dias de tamanha dor. A despeito de já ter entrado embaixo de um ônibus quando tinha cerca de dez anos de idade enquanto voltava para casa de bicicleta na cidade onde nasci, e ter saído de lá sem um arranhão; a despeito de ter visto a mim mesma e toda minha família sairmos ilesos de um carro fortemente atingido em um acidente em Recife há cerca de quinze anos; a despeito de ter passado no vestibular aos dezesesseis anos mesmo tendo feito apenas 32% da prova de Química na primeira etapa da UFBA (Deus havia me dito que eu passaria naquele ano); a despeito de ter sido aprovada em uma seleção para uma nova subespecialidade apenas nove dias após perder meu marido e ver que hoje essa subespecialidade está mudando a minha vida profissional para melhor; a despeito de ter visto estes e tantos outros sinais, ainda provooco Deus com minha falta de fé.

Um dos pedidos que mais tenho feito a Ele ultimamente tem sido o mesmo que os discípulos fizeram pessoalmente a Jesus certa vez: “Aumenta-nos a fé!” (Lucas 17:5). Mesmo porque, como disse o autor da carta aos Hebreus, “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Que Deus possa achar em mim a mesma bemaventurança que Isabel achou em Maria, logo que esta, já grávida de Jesus, saudou a prima grávida de João Batista:

“Bem-aventurada A QUE CREU porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor” (Lucas 1:45).

TEXTO 38

Djavan

20 de setembro de 2016



Gosto de ouvir Djavan. É bem verdade que já gostei muito mais, confesso. Em tempos de viuvez, esse palavrão que ainda tenho que pronunciar por vezes, não é nada fácil ouvir alguém que fala de amor com tanta maestria e sensibilidade. O outro motivo pelo qual gosto de ouvi-lo é porque, como musicista amadora e bem amadora que sou, as melodias de Djavan inspiram a tentar melhores acordes.

Em seu último álbum, intitulado “Vidas para contar”, que por sinal está belíssimo, Djavan retrata na primeira faixa as agruras da vida do povo sertanejo. A música “Vida Nordestina” traz em sua letra o seguinte trecho:

“A fé do povo é o que há de seu

Sem ela tudo vai ser pior

Nem roça nem gado existem sem Deus”.

Desde que ouvi essa música pela primeira vez, e já faz alguns meses, fiquei pensando em quanta coisa de fato seria pior sem fé em Deus e quanto não existiria sem Ele. Não são apenas gado e roça que não existem sem Deus. No contexto da vida urbana, onde esses elementos não têm o mesmo sentido, diria que trabalho, saúde, emprego, segurança, nada existiria sem Deus. Não fosse a fé em um Deus vivo e bom, o luto seria muito pior. As intempéries do universo do trabalho também. As circunstâncias financeiras do mundo também seriam piores. A violência da nossa e de tantas outras cidades também seria por demais ainda mais grave.

No contexto da vida dura e seca do sertão, onde tanta coisa falta, a fé do povo ainda é o que a omissão política e os entraves naturais não

conseguiram roubar. É a sua preciosidade, alento e esperança. Mas no nosso mundo de ipads, phones, pods, macs e tantos outros “is”, parece que fé virou artigo para os desafortunados que não têm onde buscar socorro. Acontece que os recursos tecnológicos passam; nossa capacidade de ter acesso a eles pode repentinamente mudar. O dinheiro que hoje existe na conta bancária amanhã pode não existir. O marido que se tem hoje, amanhã pode não se ter. Os filhos que são saudáveis hoje amanhã podem não ser mais.

Ouvindo Djavan descobri que nesse aspecto tenho algo em comum com o povo do sertão. Sem fé, os últimos dezoito meses da minha vida teriam sido muito piores. Sem fé, nada do que foi conquistado o teria sido. Nem paz nem qualquer ímpeto de sobrevivência existiriam sem Deus. Mas não se trata de qualquer fé ou qualquer Deus. Há que se ter fé naquele Deus que disse certa vez: **“sem mim, nada vocês podem fazer” (João 15:5).**

Djavan está certo. Nem roça, nem gado, nem eu nem você existiríamos sem Deus. E o que eu tenho de meu? Estou quase certa: fé naquele sem o qual eu nada posso fazer.

TEXTO 39

Pausa para uma reflexão – pt. 1

24 de setembro de 2016



Há coisas na Bíblia que parecem por demasiado difíceis de serem compreendidas ou até totalmente fora de contexto para o que se vive nos dias atuais. No entanto, como o apóstolo Paulo bem lembrou aos Romanos, “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Romanos 15:4).

Um desses ensinamentos que tem servido para dar-me (ao menos essa é a intenção de Deus, creio eu) esperança, ainda é a caminhada do povo do deserto à terra prometida. Nos últimos dias especialmente me chamou à atenção o envio do maná. O maná nada mais era do que uma espécie de pão que Deus diariamente fazia cair do céu – não sei se literalmente falando ou não – para suprir o povo depois que havia deixado o Egito. Interessante que a Bíblia registra que esse envio de pão foi uma resposta de Deus à reclamação que chegava aos seus ouvidos, quando o povo dizia que no Egito eles estavam “sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a nos fartar!” (Êxodo 16:3).

Incansável que era de reclamar, ao povo não bastou o pão. E Deus, incansável que é de ser misericordioso, os supriu também com proteína, carne! Deus chama novamente Moisés e pede a ele que avise ao povo que “ao crepúsculo da tarde, comereis carne e, pela manhã, vos fartareis de pão, e vocês saberão que eu sou o Senhor, seu Deus” (Êxodo 16:11). E assim o povo foi caminhando por quarenta anos. Pela manhã, carboidrato (maná), fonte primária de energia para as atividades que se desenvolveriam ao longo de todo o dia – olha como Deus é sabido! Ao final da tarde, proteína (carne de codornizes), para manter massa muscular e força – e você pagando nutricionista para aprender a comer e perder peso!

Brincadeiras à parte, essa história, que continua sendo relatada até o livro de Josué, quando finalmente o povo adentra a Terra prometida como sua, tem falado algumas coisas ao meu coração. A primeira delas é que a caminhada no deserto talvez seja inevitável. Digo talvez porque, no caso do povo hebreu, esses quarenta anos de deserto foram resultado de sua incredulidade. Eles estavam às portas de Canaã e decidiram não acreditar que Deus cumpriria o que havia dito. Talvez se tivessem sido mais crentes, o deserto não teria existido. A segunda coisa é que, ainda que caminhemos no deserto, Deus está lá. Ele mandou suprimento – pão e carne – e ainda protegia o povo do calor intenso do dia com uma nuvem e à noite os aquecia com fogo. Deus não os havia abandonado. Apesar de todas as queixas que ouvia, Deus tinha uma aliança com aquela gente e não estava, como nunca esteve tampouco estará, disposto a rompê-la. Aliás, o que nos afasta de Deus não é Ele mudar de humor nem ficar instável emocionalmente, como às vezes ficamos. O que nos afasta de Deus são simplesmente nossos pecados (Isaiás 59:2).

Foi então que me ocorreu também que, não importa o que nos leva ao deserto, seja incredulidade ou tão somente as contingências da vida (sim, por favor, tiremos da cabeça essa ideia de que problema é sinônimo de castigo por algo errado que se tenha feito!), o deserto não é o destino final. Aqueles quarenta anos à base de pão e carne de codorna foram uma fase transitória na caminhada do povo. Seu destino final era Canaã, terra que jorrava leite e mel!

No Egito, lugar de escravidão e sofrimento, havia muito mais do que pão e carne. O povo sabia disso e até jogou na cara de Deus, se podemos dizer assim. Mas em Canaã, lugar de liberdade e conquista,

havia muitíssimo mais e muitíssimo melhor do que havia no Egito. O lugar para onde Deus quer nos levar será sempre melhor do que o lugar de onde Ele nos tirou.

Continuaremos depois essa conversa.

TEXTO 40

Pausa para uma reflexão pt.2

27 de setembro de 2016



“Um bando de estrangeiros que havia no meio deles encheu-se de gula, e até os próprios israelitas tornaram a queixar-se, e diziam: ‘Ah, se tivéssemos carne para comer!

Nós nos lembramos dos peixes que comíamos de graça no Egito, e também dos pepinos, das melancias, dos alhos porós, das cebolas e dos alhos.

Mas agora perdemos o apetite; **nunca vemos nada, a não ser este maná!**’ O maná era como semente de coentro e tinha aparência de resina.

O povo saía recolhendo o maná nas redondezas, e o moía num moinho manual ou socava-o num pilão; depois cozinhava o maná e com ele fazia bolos. Tinha gosto de bolo amassado com azeite de oliva.

Quando o orvalho caía sobre o acampamento à noite, também caía o maná”. (Números 11:04-09)

Sejamos honestas. Para quem estava acostumado a alho poró, peixes e pepinos, comer algo que se parecia com resina não devia ser das coisas mais agradáveis. No entanto, o maná era aquilo que vinha sustentando o povo de Israel em todo aquele período. Apesar deles tratarem o maná como “apenas isso”, era exatamente o que os tinha impedido de morrer de inanição no deserto. Já dissemos que mesmo naquele lugar inóspito, Deus se fazia presente. E a provisão que Ele nos dá para os momentos áridos e secos da vida pode não parecer a mais agradável, a mais palatável, nem a mais razoável; mas, em

vindo de Deus, será suficiente para nos impedir de morrer de inanição, seja ela física, emocional ou espiritual.

Entre queixas do povo e atos de misericórdia e justiça de Deus, a saga pelo deserto prosseguia. Chegou então um momento em que Moisés manda doze homens para fazerem um levantamento do que de fato era Canaã. Uma das suas orientações foi bem específica: “Vejam...também qual é a terra, se fértil ou estéril, se nela há matas ou não. Tenham ânimo e tragam do fruto da terra. Eram aqueles dias os dias das primícias das uvas”. (Números 13:20). Os rapazes foram e trouxeram de lá, depois de quarenta dias espionando, “um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens numa vara, como também romãs e figos” (Números 13:21). Para o mesmo povo que elencou o cardápio egípcio diante de Moisés e de Deus foi apresentado um pequeno couvert dos frutos que havia na terra que seria deles: um cacho de uvas grande a ponto de serem necessários dois homens para carregar, além de outras frutas.

Creio sinceramente que isso não era tudo que havia Canaã, mas era apenas uma pequena amostra de Deus do que os esperava quando chegassem lá. Esses versos soam para mim como um aviso de que a caminhada no deserto era sim dura e penosa, mas aquilo que os aguardava era tão bom a ponto deles não mais sentirem falta do que comiam – não de graça, como haviam dito, mas sim à custa de sua escravidão – no Egito. Deus estava tentando dizer ao seu povo que Canaã não tinha nada a ver com a esterilidade do deserto. Como os espias atestaram, a terra “verdadeiramente mana leite e mel” (Números 13:27b). Os olhos daqueles homens haviam confirmado o que as palavras de Deus haviam antes proclamado. O fato de ser

uma terra boa era verdade, assim como o é tudo o que o Senhor nos diz.

Mas como não houve fé, quarenta anos se passaram para que finalmente Canaã fosse conquistada, desta vez sob liderança de Josué (um dos únicos dois espias que haviam confiado no Senhor nesse episódio de primeira vitória ocorrido quarenta anos antes). Moisés já havia morrido e Deus então passa as instruções para a conquista ao novo líder do povo.

Estando Canaã já sitiada, com seus reis tremendo de medo do povo de Israel pois tinham ouvido como eles haviam atravessado o Rio Jordão, Deus então pede a Josué duas coisas antes que os muros de Jericó fossem derrubados. A primeira delas foi que circuncidasse todos os homens, já que isso não vinha sendo feito nos últimos quarenta anos enquanto eles ainda estavam no caminho. A segunda, foi que celebrassem a Páscoa. Ambas as coisas, circuncisão e celebração da Páscoa, eram atos peculiares ao povo judeu. Deus os estava lembrando que eles eram SEU povo, diferente de todos os outros, e que a aliança com Ele era o que os tinha levado até ali e os faria viver a realidade de povoar aquele território. Há conquistas nas nossas vidas que não ocorrerão sem antes termos discernimento da nossa aliança com o Senhor e a celebrarmos, com atitudes de obediência.

Pois bem, essa Páscoa foi celebrada no dia quatorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. Parêntese aberto aqui para enfatizar que Jericó já era um lugar de campinas, bem diferente do deserto. E então, “no dia seguinte ao da Páscoa, nesse mesmo dia, eles **comeram pães sem fermento e grãos de trigo tostados,**

produtos daquela terra. Um dia depois de comerem do produto da terra, o maná cessou. Já não havia maná para os israelitas, e **naquele mesmo ano eles comeram do fruto da terra de Canaã". (Josué 5:10-12).**

Além de uvas grandes, romãs e figos, Canaã também tinha pães e grãos de trigo tostados (não era mais pão com aparência de resina, tampouco deixava em nada a desejar ao menu egípcio). E foi exatamente um dia depois de terem comido aquilo que havia no seu destino final que o maná deixou de chegar para os israelitas. O maná foi uma provisão específica para um tempo específico, o tempo de deserto. Mas chega um momento em que Deus quer que comamos o produto da terra. Nesse momento, o maná não se faz mais necessário. Não há porque continuar carregando na bagagem providências de Deus que serviram apenas para um momento específico da vida. Se o deserto não é o destino final, mas apenas uma parte da trajetória, a provisão para sobreviver a ele não deve ser perene, mas temporária.

Do maná do deserto para os frutos da terra prometida! Comamos todo maná (ou, em outras palavras, façamos uso de toda provisão) que Deus enviar enquanto estivermos no deserto. Mas graças a Ele porque chega o tempo de comer do produto da terra! E é maravilhoso também notar que, em um e em outro lugar, a provisão veio do Senhor! Não haveria maná se Ele não o tivesse feito surgir. E não haveria uvas, pães, grãos de trigo tostados e tudo o mais que havia em Jericó se Ele não os tivesse feito chegar lá!

TEXTO 41

VIPode

10 de outubro de 2016



Desconheço quando e em que circunstância, alguém ou eventualmente um grupo de pessoas de língua inglesa cunhou a expressão VIP, uma sigla para Very Important People. Traduzindo para o nosso português, pessoas muito importantes! Hoje fala-se em festas VIP, lojas VIP, restaurantes VIP. Os bancos têm suas alas VIPs, cada um com uma denominação própria. Até empresas de transporte rodoviário intermunicipal têm nas rodoviárias suas salas VIP. Tudo para diferenciar e dar exclusividade a quem quer, podendo ou não, um pouco mais de conforto, luxo ou destaque.

Filosofando ou “teologicando”, todo e qualquer ser humano na face da terra é muito importante! Mas os tratados como VIPs são aqueles que têm ou parecem ter uma conta bancária pouco mais farta ou uma aparência cabível em qualquer mídia social. E se existem os VIPs, existem os VIPóides. Parece, mas não é. Tratado com uma certa distinção aqui e ali o VIPóide vai, via de regra, inflando o ego até esquecer que a vulnerabilidade e o abismo da idiotice moram logo ao lado. Descobri, para meu desespero e vergonha, que sou dessas!

Faz alguns meses voltava para casa próximo às sete da noite depois de um dia de trabalho e pouco mais de uma hora na academia. Chovia bastante, mas ainda assim decidi parar em uma loja no caminho. Nunca havia estado lá mas aproveitaria a localização estratégica no trajeto usual para voltar para casa. Fui me aproximando do local quando percebi, ainda de dentro do carro, duas funcionárias no caixa que pareciam arrumar alguma coisa. Havia uma vaga bem na entrada do estabelecimento. Posicionei o carro de forma precisa e, antes que desligasse os faróis, vi as duas funcionárias se entreolharem e uma delas correr para a porta de

vidro que dava acesso à loja e virar a placa que nela estava pendurada. De repente, o ABERTO se mostrou para mim FECHADO! Eram exatamente dezoito horas e cinquenta e três minutos, faltavam sete minutos para o horário oficial em que a loja deveria fechar.

Fiz sinal com as mãos questionando se a loja havia mesmo fechado e a moça de lá assentiu que sim. Engatei a marcha ré, sai da vaga e segui para casa. Com raiva. Tive como absurdo o fato dela virar a placa só ao perceber que havia parado o carro.

Sou cliente, tenho direitos, em tempo de crise a loja precisa vender e eu estava ali para comprar. Ensaiei até o que diria ao ligar para lá no dia seguinte reclamando com a gerente sobre o que havia acontecido na noite anterior.

Porém alguns metros depois, de dentro do meu carro confortável, sem uma gota de água dentro dele em meio àquela chuva torrencial; com o ar condicionado na temperatura que eu havia escolhido; as marchas sendo trocadas automaticamente pelo próprio veículo e ouvindo alguma música que provavelmente falava alguma coisa sobre Deus, senti vergonha. Aquelas duas moças talvez fossem voltar para casa de ônibus. Talvez fossem se molhar muito até chegar ao ponto ou mesmo enquanto esperassem o transporte. Talvez só fossem chegar em casa algumas horas depois, encharcadas e exaustas, diferente de mim que estaria seca e em poucos minutos dentro de um apartamento belo e bem decorado.

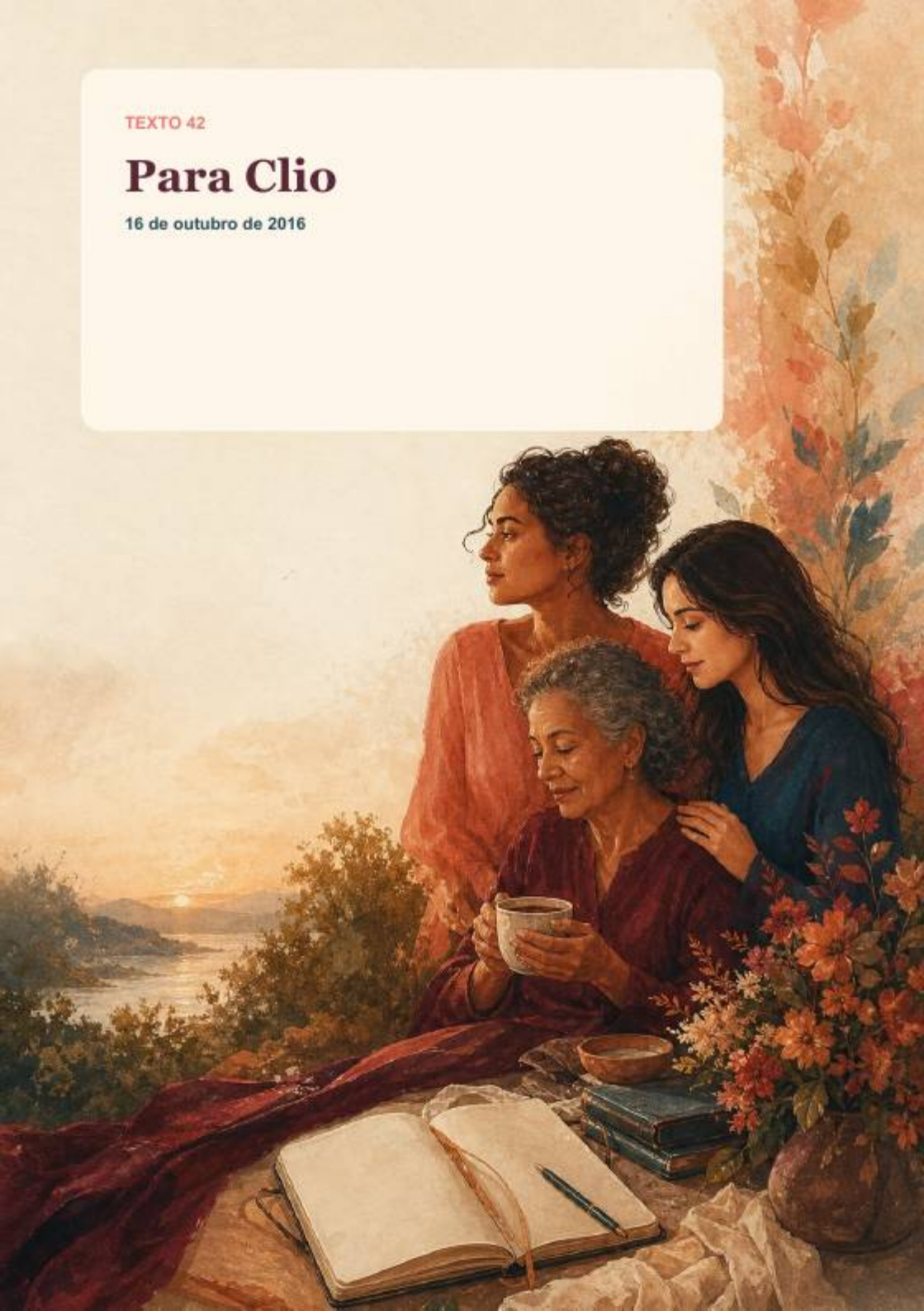
Não era uma farmácia. Eu não precisava de uma medicação urgente ou que pudesse salvar uma vida tampouco aliviar uma dor. Era

supérfluo o que precisava comprar. Pedi perdão a Deus e me vi precisando fazer, uma vez mais, a oração do publicano: “Senhor, tem misericórdia de mim, que sou pecador” (Lucas 18:13). Quando as posições que ocupamos esmagam as pessoas e nos impedem de olhar com sensibilidade a necessidade alheia, não passamos de hipócritas e arrogantes. E assim posso parafrasear mais uma oração, desta vez do apóstolo Paulo: “Miserável mulher que sou! Quem me livrará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! ” (Romanos 7:24).

TEXTO 42

Para Clio

16 de outubro de 2016



Prezada Clio, falar sobre perdão é falar sobre algo delicado. Se conceder perdão for uma virtude cristã, e assim o considero, talvez seja das que mais me falta. Perfeccionista que sou, detesto errar e também, talvez Freud ou outrem consiga explicar, não gosto que errem para comigo. O pior é que no meu coração ainda carente de tantos consertos e reparos a coisa funciona mais ou menos assim: se eu pisar na bola para com alguém, por favor, perdoe logo, rápido. Mas se alguém pisar na bola comigo...melhor não arriscar fazê-lo.

A primeira grande experiência que tive quanto a perdoar, ao menos das que me recordo, se deu aos meus treze anos. Tão logo eu havia descoberto o que era estar apaixonada descobri também o que era estar desapontada. Me senti traída quando nossos colegas de escola descobriram que tínhamos “ficado” e ele veementemente negou a todos. Se eu dissesse que mal conseguia olhar em seu rosto estaria mentindo. Porque eu não conseguia mesmo, em hipótese alguma. Éramos vizinhos de parede, como se diz no interior, e também colegas de escola. E me dei conta que até ouvir a voz dele causava-me arrepio de tamanha aversão.

Foi então que em uma noite, sozinha no meu quarto, orando, comecei a chorar dizendo a Deus que sabia que precisava perdoá-lo, mas não conseguia fazê-lo. Sabia porque, “...se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também perdoará vocês. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não perdoará as ofensas de vocês” (Mateus 6:15); foi o que Jesus ensinou concluindo a famosa oração do Pai Nosso (e ficar sem o perdão do Pai celestial...impossível!). E não conseguia, bom, pelo motivo óbvio: “...o que faço não é o bem que desejo...”, (Romanos 7:19) como o apóstolo Paulo também constatou de si próprio.

Mas como Deus é bom e misericordioso, Ele sempre nos dá uma maneira, na verdade a Sua maneira, de fazer aquilo que quer que façamos. Voltando àquela noite sozinha no quarto, depois de fazer essa confissão, o Senhor me deu o escape.

Lembrou-me que “toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada” (Mateus 15:13). Aquela árvore frondosa de rancor, mágoa e raiva que estava tão enraizada no meu coração não havia sido plantada pelo Pai celestial e, portanto, seria arrancada. Assim, durante três meses (isso mesmo, três meses!) orei repetidamente esse versículo toda vez que lembrava que precisava perdoar aquele rapaz.

Quando menos imaginei, de forma muito natural, me vi conseguindo olhar para ele novamente, ouvir sua voz sem que viesse ao meu coração um ímpeto enorme de vingança. Até voltamos a estudar juntos. Mas “ficar”, claro, nunca mais. Às vezes quem nos machuca precisa de perdão tanto quanto nós precisamos de sabedoria para evitar repetir erros passados. Dezessete anos se passaram deste fato, mas aqui e ali, ainda preciso recitar para mim mesma Mateus 15:13. Ainda preciso pedir a Deus que arranque as árvores – de mágoa e tantas outras coisas – que não foram plantadas por Ele em meu coração.

Se errar é humano, como dizem, perdoar é divino. Não somos deuses, mas o Deus que se faz habitar em nós através do seu Espírito é Aquele que “efetua em vocês tanto o QUERER quanto o REALIZAR” (Filipenses 2:14). Deus é capaz de gerar em nós o desejo de fazer o que precisa ser feito e a execução do que precisa ser

executado. Para mim, perdoar é dessas coisas que só mesmo Ele é capaz de me fazer querer...e realizar!

Espero conhecê-la pessoalmente em breve! Um abraço!

TEXTO 43

Nódulo de tireóide

18 de outubro de 2016



Não me recordo exatamente quanto tempo faz mas lembro-me do dia em que acompanhei meu então marido à sua primeira consulta à Endocrinologista. O motivo do atendimento havia sido um ganho de peso relativamente rápido que implicou em aumento nos níveis de glicemia e colesterol, somado à uma história familiar não desprezível de doenças cardiovasculares. Como cardiologista só pensava na possibilidade de ele ter um infarto miocárdico ainda muito novo. Tentei prevenir. Acontece que saímos da consulta com um diagnóstico a mais: havia também um pequeno nódulo na tireóide.

Fazendo jus à fama que os médicos têm de pensarem sempre no pior, em três segundos eu já tinha um prognóstico traçado: esse nódulo era maligno (em homens, a chance de nódulos tireoidianos serem malignos é maior que nas mulheres), talvez já tivesse metástases pelo corpo e talvez não haveria tempo hábil sequer para ele enfartar. Temi. Escondi a ansiedade, mas só descansei depois de termos o laudo da biópsia em mãos, que confirmava tratar-se de um nódulo benigno, não demandando mais do que uma ultrassonografia anualmente.

Lembro-me também, em época mais ou menos próxima, de acompanharmos a luta de uma moça jovem, bonita e saudável contra um tumor que repentinamente havia surgido em sua boca e que em aproximadamente um ano após o diagnóstico a matou. Lembro-me de Jorge frequentemente me perguntar em casa, a cada notícia que recebíamos dela, muito consternado: “será que ela vai ficar bem”? Respondia sempre a mesma coisa: “não sei”. Jorge morreu seis meses antes dela.

Eu julgava que o sobrepeso e seu colesterol alto eram uma ameaça à nossa expectativa de um futuro longo e feliz juntos. Temi o nódulo de tireóide até ter uma prova de que aquilo não o mataria. Mas nada do que parecia colocar em risco a nossa felicidade foi o que de fato a levou subitamente de mim. Foi um acidente muito inexplicado em um domingo de sol no litoral norte baiano.

É certo que vivemos cercados de ameaças, em todos os níveis. Se não é uma guerra civil, pode ser a violência na cidade. Se não é a crise econômica, pode ser uma doença. Se não é a possibilidade de um fracasso profissional, pode ser a ruína de um relacionamento. Mas estou quase certa de que a maior ameaça à sobrevivência de uma pessoa não é o tangível aos olhos nem escrito em laudos médicos. É a falta de esperança. Posso reconhecer que os meus momentos de maior dor e angústia em tempos de luto, os quais foram também os momentos em que a minha própria vida esteve em risco, se deram quando eu havia perdido a esperança de ser feliz.

Talvez este seja um privilégio de quem sofre muito: agarrar-se a qualquer possibilidade de salvação e alívio, por mais pífia que pareça, com mais facilidade do que quem navega em águas tranquilas. Talvez por ter experimentado maus bocados, o apóstolo Paulo concluiu que: “Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão” (I Coríntios 15:19).

Aquele nódulo na tireóide que parecia ser um monstro de boca aberta que engoliria meu futuro a qualquer momento não deveria ser nem de longe motivo de preocupação. O rapaz jovem com nada além de sobrepeso e colesterol pouco elevado morreu seis meses

antes da moça consumida por um tumor tão agressivo. O que o nosso coração acolhe como ameaça muitas vezes nada mais é do que um revés da vida. Revezes podem passar. Falta de esperança, literalmente, mata.

Esperança há em Cristo. Para o aqui e agora, mas também para o porvir. E enquanto estivermos expostos aos revezes do aqui e agora, façamos como o chorão do profeta Jeremias: “quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (Lamentações 2:21).

TEXTO 44

Labor

8 de novembro de 2016



Formada há pouco mais de oito anos, não consigo recordar ao certo por quantos empregos já passei. Provavelmente mais do que a média da maioria dos profissionais, mas talvez menos do que a maioria dos meus pares. Na minha profissão, mudar de emprego pode ser questão de poucos meses, semanas ou até mudança de humor. Para minha felicidade, nenhuma das transições se deu na obrigatoriedade gerada por uma demissão, a não ser aquelas por mim mesma solicitada. E fico a pensar: o que poderia estar e não estar fazendo de mim uma profissional bem-sucedida?

Volto então à minha infância, aos meus anos de escola, com os estudos regidos pela sábia batuta sobretudo da minha velha mãe. Se a primeira coisa que aprendi sobre Deus é que ele não mente, a primeira coisa que aprendi sobre o que a Bíblia tem a dizer para a caminhada profissional, conquanto ainda fosse estudante, está em Provérbios 22:29: “Você já observou um homem habilidoso em seu trabalho? Será promovido ao serviço real; não trabalhará para gente obscura”. Gosto mais da tradução que diz (e é aquela que me foi ensinada): “viste um homem diligente em sua obra...”? Diligência! Essa era a palavra de ordem quando o assunto eram os estudos. E continuou a ser na vida laboral.

Segundo definição do Dicionário Aurélio, diligência quer dizer “cuidado ativo; zelo; aplicação; atividade, rapidez, presteza; providência, medida; investigação, pesquisa, busca”. Tudo isso me era cobrado dentro de casa quando ainda criança e se tornou a ação natural, ao menos a tentativa em que assim fosse, quando já mulher portando um diploma de médica – e muitas responsabilidades – aos 23 anos. Uma vez, em uma discussão calorosa com uma amiga sobre este versículo, tentava explicar-lhe que a Bíblia não faz uma apologia

ao sucesso e prosperidade gratuitos. Meu argumento foi de que, uma vez que o autor dessa frase foi um rei, Salomão, ele estava falando com absoluto conhecimento de causa. Os homens que trabalhavam para o seu serviço real eram aqueles encontrados diligentes.

Mas não basta esforço e proatividade. Creio que uma das maiores preocupações hoje dos especialistas em recursos humanos seja reunir boa capacidade para relações interpessoais ao talento nato ou habilidade adquirida. Ser gente boa, no sentido mais estrito da expressão, é muito mais difícil do que ser um técnico perfeito na atividade profissional que se abraçou. Mas a Bíblia nos ensina, e especialmente a nós mulheres, a lançar mão de uma arma poderosíssima: discrição! Obviamente, discrição não tem a ver (necessariamente) com tom de voz baixo ou falta de firmeza nas palavras. É uma postura de não amplificar problemas e sim tentar resolvê-los; não expor fracassos alheios, mas ser parceiro na reconstrução do caminho; não propagandear para além do espaço cabível o próprio sucesso. Uma das definições do mesmo Aurélio para discrição é “discernimento, sensatez”.

Sensatez me remete a sabedoria. Sabedoria, aliás, é uma das qualidades da mulher virtuosa citada em Provérbios: “Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua”. (Provérbios 31:26). E qual fonte de sabedoria não há naquele que, com ela, criou todas as coisas (Provérbios 8:22)?

Volto à minha infância e à capa que escolhi para o meu caderno em um dos anos escolares. Naquela época costumada comprar cartões do Smilinguido. Quando finalmente entendi o que um versículo significava, achei um cartão com ele escrito. Tirei xerox colorida do

tamanho da capa do caderno. Colei e plastifiquei. E deixei lá, um ano inteirinho diante de mim:

“Respeitar a Deus é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10). E, por consequência, da discrição, da diligência...de uma caminhada profissional bem sucedida. Espero chegar lá.

TEXTO 45

Última lição – pt. 1

22 de novembro de 2016



Poderia valer-me da célebre frase do poeta Carlos Drummond de Andrade e dizer que “havia uma pedra no meio do caminho”. Em verdade, trazendo para a situação real, deveria dizer que havia muitas pedras no caminho. Em Noronha sempre há pedras no caminho, mas em recompensa, elas sempre levarão a um lugar de beleza talvez incomparável. Mas não há só pedras. Há ladeiras, areia, sol quente, trilhas desertas no meio da mata, tudo isso escondendo cenários que, quando vistos, arrancarão um suspiro de valeu a pena.

Poderia usar então esses elementos e, como metáfora, dizer que assim é a vida. Cheia de obstáculos, caminhos tortuosos, às vezes difíceis de serem percorridos. Mas, se é por algo que se valha a pena, justifica-se o sacrifício. Clichê? Sim, concordo.

Clichê. Deve haver algumas centenas de livros de autoajuda com ideias do tipo “seu esforço será recompensado”; “tudo de real valor exige algum grau de sofrimento e renúncia antes de ser conquistado”.

Poderia também lembrar-me dos albatrozes que agilmente mergulhavam nas águas transparentes e quase que com a mesma velocidade saíam de lá com um peixe na boca. Poderia lembrar-se dos golfinhos que dançavam ao redor do barco no qual fizemos um passeio quase perfeito não fosse a chuva que nos surpreendeu brevemente no caminho. Ou lembrar-me dos dois tubarões que fizeram pouco caso dos mergulhadores que estavam sendo batizados nas águas Noronhenses (dentre estes esta que vos escreve) ao seu redor. E poderia usar todos esses encantos da natureza para dizer que a grande lição trazida de lá é que se Deus alimenta esses bichos

todos, quanto mais nós, mulheres de pequena fé, para usar a mesma expressão que Jesus usou em Mateus 6.

Mas a maior lição que trago, e a última delas, não foi sobre perseverar diante dos obstáculos da vida pois, uma vez vencidos, levarão a um lugar melhor. Tampouco foi sobre crer na provisão de Deus, já que pude contemplar bem diante dos meus olhos Ele sustentando um habitat tão incrivelmente belo, harmônico e grandioso, lembrando-me que valho mais do que cada tartaruga tão bem cuidada pelos profissionais do projeto Tamar.

Ao acordar no dia de arrumar as malas, preguiçosa, cansada e até em dúvida se queria ficar um pouco mais, agradei a Deus por ter me proporcionado a realização de mais este sonho e perguntei a Ele qual lição Ele gostaria que eu levasse dali.

Resposta que obtive: “Nenhuma”. Não havia nenhuma tarefa de casa a ser feita. Não havia nenhuma missão que deveria ser rigorosamente cumprida. Não havia decreto divino (a não ser os ordinários) da semana para seguir.

Por mais que eu negue, para mim mesma e para os outros, ainda ajo como se precisasse de penitências para agradecer a Deus. Ainda me porto para com Ele com o toma lá dá cá. Ainda me vejo como um soldadinho enrijecido dentro de um uniforme pronto a cumprir ordens do seu (Ser) superior, sem que este superior nutra por mim qualquer grau de afeto. Meus olhos ainda parecem embaçar quando tento ver Deus como Papai.

Então, se não havia nenhuma lição, o que aprendi?

Conto depois.

TEXTO 46

Última lição – pt.2

29 de novembro de 2016



Meu último dia em Noronha começou com a tarefa de arranjar um plano B para o final da estada por lá. O plano A seria fazer um passeio à praia de Atalaia onde ficam, dentre outras coisas, a maior quantidade de filhotes de tubarão. Uma vez que este passeio exigia reserva prévia, a qual não foi feita com a devida antecedência, tive que me contentar com os seres marinhos visto no mergulho de dois dias antes.

Após o café da manhã, decidi então fazer uma corridinha. Ladeira abaixo, ladeira acima, sol ficando a pino, percorri cerca de 4Km. Voltei à pousada, tomei banho e segui novamente o mesmo trajeto, desta vez caminhando a passos lentos, até a praia do Porto. Lembrei que havia visto na primeira ida até lá anúncios de aluguel de pranchas de Stand Up Paddle.

Sentei-me solitária, requisitei a prancha e alguns minutos depois se me apresenta Fifio. Não me pergunte o seu verdadeiro nome, mas Fifio era o dono e locatário das pranchas. Após averiguar o meu nível de experiência no esporte e, a despeito da resposta, ainda assim consentir em alugar o equipamento, Fifio amarrou a prancha a um dos meus pés e me acompanhou até a água. Deu algumas instruções e pediu que eu tentasse colocar-me de pé. Executei a façanha de me levantar sem cair da prancha, embora oscilando bastante de um lado para o outro. Fifio deu mais orientações e interrompeu meu treino dizendo: “Relaxe; você está tensa! Eu vejo isso nos seus olhos! Você está de férias, Larissa. Relaxe”!

Fifio pediu que eu relaxasse enquanto propositadamente sacudia a prancha de um lado para o outro. Consegui me equilibrar novamente, mantendo-me sequinha em cima da água. E ele

finalizou: “tá vendo? Lá no mar vai ter onda e vai balançar assim também. Viu como você não caiu?”. E me largou aos gritos de “reme, comece a remar”. Remei durante vários minutos. Tantos a ponto de gostar, descansar um pouco e voltar à água novamente para remar um pouco mais, sair dali, almoçar e começar a sentir saudades de um lugar tão encantador. Foi no dia seguinte a esta experiência que perguntei a Deus qual lição Ele gostaria que eu levasse dali, obtendo aquele simples “nenhuma” do qual já falei.

Misericordioso que é, Ele não parou nesta curta e objetiva resposta. Lembrou-me do dia em que fui por via terrestre à Baía do Sancho, considerada por muitos a praia mais bonita do Brasil, dizem alguns até do mundo. Lá deparei-me com uma família alemã composta pelo casal e dois filhos pequenos, o menor deles com cerca de dois anos de idade. Este se divertia correndo da areia até a água, dando meia volta rápida assim que seus pés tocavam a primeira onda. Neste vai e vem, apostou corrida com o pai, a mãe e o irmão maior, um por vez.

Lembrando-me dessa cena, o Senhor então me perguntou se eu achava que aquele senhor alemão havia levado seus filhos pequenos àquele lugar para ensiná-los alguma lição. Será que aquele pai esperava das suas crianças alguma performance ou retribuição a tudo que lhes dava; algum malabarismo intelectual? Ou será que aquele homem tinha prazer em ver seu filho abrir uma gargalhada ao tocar os pés nas águas tropicais daquela ilha e isto lhe bastava?

Então a voz suave calou em meu coração lembrando-me que muito mais amoroso e bom do que aquele pai alemão ou qualquer outro na face da Terra é o Papai do Céu. Uma vez que Ele havia me permitido estar ali, realizando um sonho que eu tinha há alguns anos, era

apenas pelo prazer que tem de me ver desfrutar daquilo que Ele, como pai, pode me proporcionar. Deus não esperava de mim nenhum desempenho espiritual ou emocional. Há coisas que Ele me proporciona apenas pelo prazer de me ver gargalhar.

Era como se Ele tomasse as palavras de Fifio e dissesse: “Lição, filha? Que nada, você está de férias! Relaxe”.

TEXTO 47

Processos

7 de fevereiro de 2017



Das várias mensagens que eu e os demais colegas da turma da faculdade tivemos que redigir em 2008 para os nossos convites de formatura, além da minha, apenas de uma outra eu ainda guardava o conteúdo, ao menos parte dele, em mente. Um dos colegas escreveu: “para muitos, a formatura é tida como um verdadeiro marco, o ponto final de uma longa trajetória. Eu prefiro encarar a vida como um continuum...uma arbitrária sucessão de momentos...tristes, alegres, especiais, banais...que evoluem e dão sentido (ou não) à existência”.

De vez em quando, e por diversas razões, o tal do continuum me vem à mente. Costumo, no entanto, chamá-lo de processo. Creio que a vida seja uma sucessão de processos que nos levam a diferentes lugares (não necessariamente físicos) pelas mudanças que provocam. A mais recente ocasião em que pensei a respeito foi tratando-se do relacionamento das pessoas com Deus, inclusive o meu próprio. Pensei que, por um tempo, muitas vezes nos relacionamos com Ele considerando sua bondade e amor de Pai mas também sua autoridade suprema sobre tudo e todos, o que deveria gerar, imagina-se, um certo medo – medo mesmo, e não temor, o que é bem diferente. Embora, felizmente, não tenha sido essa a maneira como fui ensinada a respeito de quem Deus é, a expressão “Deus castiga” para alguns parece sempre estar por perto. Assim, muitas vezes caminhamos como que querendo seguir suas regras, que nem sempre parecem fazer sentido, apenas para não acabar no temido inferno (tenho uma história muito icônica sobre esse aspecto, mas melhor contar pessoalmente).

Basta conhecê-lo um pouquinho melhor para logo perceber que medo é algo incabível no relacionamento com Deus. É impossível ter

medo de quem amamos e de quem temos certeza também nos amar. E se esse alguém que nos ama for Todo Poderoso então, melhor ainda! Trocamos o “Deus castiga” pelo “pedi e ser-lhes-á dado”, não importa o quê, quando e como. Eu quero, Deus é pai não é padraсто (outra expressão corriqueira), eu peço (até mereço!) e Ele vai dar! Eu diria que é a fase da inocência, da ignorância gerada por imaturidade, ou da imaturidade gerada pela ignorância a respeito da pessoa de Deus.

Alguns anos mais à frente, conhecendo-O um pouco mais, continuamos crendo em Deus Pai e sua bondade, conhecemos mais do seu amor, o que nos faz querer obedecê-lo; sabemos do seu poder e autoridade, e conhecemos melhor a sua soberania. Alcançamos liberdade até para discordar Dele e expor isso em oração sincera. Mas submetemo-nos também aos seus “sins” e “nãos”; e até ao seu silêncio. Podemos não entender o que nos ocorre; podemos querer fugir do que nos ocorre. Mas sabemos que Ele continua ali. Pronto a ouvir, entendendo nossas birras, não satisfazendo a todas as nossas vontades (como todo bom pai assim deve agir) e, aleluia por isso!, trabalhando em nosso favor até enquanto dormimos (Salmo 127)! Acho que meus processos nesses quase trinta e dois anos me colocaram neste último lugar citado.

Faço minhas as palavras da canção de Juninho Black (ouça quando puder, é linda!):

“Pode passar, eu sigo crendo
Pode mudar, eu sigo crendo
A fé que existe em mim ninguém pode roubar
Quanto mais o tempo passa, mais eu creio em Deus

Ele sopra o vento e traz tudo no seu tempo
A tristeza me aperfeiçoou
Nas dificuldades Cristo me marcou (...)
Move as águas, vem me curar, abrevie o tempo
Esperei com paciência no Senhor porque Ele me inclinou os seus
ouvidos”

TEXTO 48

Redenção

21 de fevereiro de 2017



Do latim *redemptione*, que significa, segundo o Dicionário Aurélio da Língua

Portuguesa, dentre outras coisas **“ajuda ou recurso capaz de livrar ou salvar alguém de situação aflitiva ou perigosa”**. Recentemente tenho me visto pensando sobre as muitas situações nas quais já fui e continuo sendo redimida.

A mais recente e óbvia delas é a redenção da dor. Há dores que matam. Dor de luto pode matar. Mas nos dias de maior aflição e perigo lá se mostra a mão redentora e poderosa, capaz de fazer chegar na outra margem do rio a despeito da tempestuosidade da correnteza. Por mais escuros e desesperançosos que os dias sejam, há redenção para eles.

Já fui redimida da insegurança pessoal quanto à profissão. Há daquelas que, sem dificuldade olham-se no espelho e dizem convictas que nasceram para brilhar. Fui daquelas que, com o diploma em mãos, me perguntava o que seria de mim. Mas a ajuda livrou-me também dessa aflição. Não há caminhada profissional frustrada ou frustrante que seja imune à ação redentora. Daquele que pode todas as coisas.

Vejo-me também sendo redimida da inveja. Ah, a inveja! Não sei qual foi o espinho na carne o qual o apóstolo Paulo disse possuir; o meu não deixa dúvidas do que se trata. Mas ano após ano, experiência após experiência, súplica após súplica, consigo enxergar a grama da vizinha não tão mais verde do que a minha. Aliás, e ainda melhor, estou aprendendo que 1) a minha grama não precisa necessariamente ser verde – em verdade, nem sempre será! e 2) caso

a da vizinha o seja, posso dar graças pelo jardim dela e também pelo meu, ainda que este seja apenas um pequeno vaso.

Já fui redimida na minha saúde. Em situação de incerteza diagnóstica e condutas difíceis a serem tomadas, passados alguns anos de cirurgia e biópsias, hoje basta um comprimido pela manhã em jejum, exames regulares e...vida que segue. Diante da aflição do diagnóstico e do perigo da conduta, veio a ajuda que trouxe tranquilidade e paz.

A terceira e última definição que o Aurélio traz de redenção é “**a salvação oferecida por Jesus Cristo na cruz, com ênfase no aspecto de libertação da escravidão do pecado**”. Se pecado for o que nos afasta de Deus, e assim o creio, então Jesus nos redimiu em última instância para estarmos eternamente próximas dele. E é perto dele ou, na linguagem poética do Salmo, à sombra do Todo-Poderoso que “**ele a cobrirá com as suas penas, e sob suas asas você encontrará refúgio; a fidelidade dele será o seu escudo protetor. Você não temerá o pavor da noite...**” (Salmo 91: 4-5a).

É perto de Jesus que tenho encontrado redenção.

TEXTO 49

Deus do improvável

2 de março de 2017



Uma das verdades que os cristãos talvez mais cantem e apregoem sobre Deus é que ele é o Deus do impossível. Há muitos anos nas igrejas já se cantava “o meu Deus é o Deus do impossível...liberta encarcerados das prisões, faz da estéril mãe de filhos...”. O Diante do Trono mais recentemente gravou “creio em um Deus pra quem tudo é possível; creio em um Deus que tudo pode mudar...”. Lá fora também se canta “nothing is impossible”, a mesma expressão em inglês.

Vou confessar-lhe agora um segredo; na verdade uma tese que criei há alguns dias (desde já, sinta-se à vontade para discordar dela). Será que não seria mais fácil crer no Deus do impossível do que no Deus do improvável? Explico: diante de algo que está absolutamente fora do nosso alcance ou controle, algo que não podemos sob qualquer hipótese ou perspectiva humana realizar, logo lembramos que para Deus nada é impossível, conforme está escrito em Lucas 1:37. Vejamos por exemplo o povo de Israel diante do Mar Vermelho. Atrás deles, subia a poeira dos cavalos do exército egípcio avançando em sua direção. Diante deles, água. Ou o mar se abria ou eles morreriam. Não havia rota de fuga, túnel escondido sob as areias do deserto. A única chance era Deus fazer aquilo em que é especialista: o impossível.

Mas e se houvesse plano B? Sara foi uma mulher que pensou nisso. Ela sabia que o marido, Abraão, tinha uma promessa de Deus: seria pai, e de muita gente. Mas o tempo passava, ambos envelheciam, e nada da criança nascer. É óbvio que do ponto de vista biológico a chance de um casal centenário gerar uma criança é quase zero. QUASE. Não é zero, é quase. Nenhum especialista em reprodução humana, se sensato for, pode abrir a boca para afirmar ser

impossível uma mulher na menopausa voltar a ovular; é muitíssimo pouco provável, mas não impossível. Sara então fez a parte dela, por assim dizer, ao pedir que Agar oferecesse um ventre fértil a Abraão. O que é quase impossível é o dito improvável, e nos deixa incrivelmente tendenciosas a fazer algo, por menor que seja, porque aí sim, Deus só precisa complementar com o restante que falta às nossas capacidades, habilidades e recursos.

Aqui mora um grande problema. Confiamos que Deus pode fazer o impossível.

Mas diante do improvável, queremos (aliás, deixe-me colocar o verbo no singular afinal, sou eu quem padeço desse problema; não posso dizer o mesmo sobre você) – quero – fazer o que me cabe, o que sei; usar o que supostamente está ao meu alcance para Deus então só dar o complemento, o toque final. Mas o convite diário dele é para que, mesmo diante do improvável, eu tenha fé suficiente para descansar que Ele fará 100% do que for preciso, ainda que haja recursos que pareçam ser meus. Mesmo estes são fonte da provisão do Senhor para serem usados à Sua maneira e em Seu tempo (ah, o tempo de Deus, ô negócio difícil de aceitar!).

Voltando às músicas que há anos se cantam nas igrejas, lembra desta? A letra na verdade é como se fosse Ele, nosso Bom Pastor, dizendo pra nós:

“Não tenha sobre ti, **UM SÓ** cuidado, **QUALQUER QUE SEJA**
Pois um, **SOMENTE UM**, seria **MUITO** para ti.

É MEU, SOMENTE MEU, TODO (TODO, MINHA GENTE, TODO!!!!!!) o trabalho,

E o teu trabalho é descansar em mim...”

Plagiando a expressão do Talmidim, do Pastor Ed René Kivitz, a minha oração de hoje é que eu e você creiamos em Deus não apenas diante do impossível, mas também e principalmente, diante do improvável. Crer apenas diante do impossível pode ser sinal de uma fé alicerçada em desespero e falta de esperança. Crer diante do improvável é sinal de confiança.

TEXTO 50

Uma coisa é uma coisa...

5 de março de 2017



...outra coisa é outra coisa. Já ouviu esse ditado antes, não é? Se preferir, “o que Chico tem a ver com Francisco?” também serve. Coisas que pareçam similares ou com relação óbvia entre si podem em verdade ser absolutamente distintas. Fazer coisas para Deus ou em nome de Deus e conhecê-lo, por exemplo, só podem estar em íntima correlação, não é mesmo? Infelizmente, não.

Leia o primeiro livro de Samuel. Se estiver muito ocupada, leia ao menos os três primeiros capítulos. No versículo dezoito do segundo capítulo está registrado o seguinte: “Samuel ministrava perante o Senhor sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho”. Talvez uma parte dos meninos da idade de Samuel o achessem o cara! Naquela idade já usava uma estola sacerdotal de linho, que suponho ser uma roupa muito bonita; era o aprendiz do sacerdote e ainda ministrava perante o Senhor!

Apesar de tudo isso, no capítulo três vemos este Samuel ouvir alguém chama-lo por três vezes durante a noite. Ele corre a Eli todas as vezes em que ouve o próprio nome e o seu líder insiste em dizer que não o havia chamado (Samuel já convivia com Eli há algum tempo e certamente era familiarizado com sua voz), até que na última vez o instrui a como responder. E então nos versículos seis e sete entendemos o motivo: “Tornou o Senhor a chamar: Samuel! Este se levantou, foi a Eli e disse: eisme aqui pois tu me chamaste. Mas ele disse: não te chamei, meu filho, volte a dormir. PORÉM SAMUEL AINDA NÃO CONHECIA O SENHOR, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do Senhor”.

Percebe que uma coisa é ministrar perante o Senhor e outra coisa é conhecê-lo? Percebe que uma coisa é usar uma estola sacerdotal de

linho e outra coisa é saber reconhecer a voz de Deus? Neste nosso mundo onde se valoriza tanto a aparência corremos o sério de risco de estarmos mais preocupadas com nossas estolas sacerdotais do que em saber dizer “fala, Senhor, porque tua serva ouviu”, como Samuel finalmente disse no versículo dez.

Usar estolas sacerdotais (entenda essa expressão como representando qualquer coisa que traduza uma vida religiosa) não faz a menor diferença sem obediência à voz de Deus. A insistência de Deus em chamar o menino era porque queria, pela primeira vez, conversar com ele a respeito do que faria. O versículo 11 relata “Disse o Senhor a Samuel: eis que vou fazer uma coisa em Israel...”. Deus estava ali tornando Samuel um homem de sua confiança, alguém com quem Deus poderia compartilhar os seus segredos, as suas decisões, o seu coração.

Sabe como o terceiro capítulo termina? Assim: “Crescia Samuel, e o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor. Continuou o Senhor a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o Senhor se manifestava ali a Samuel”.

À medida que Deus falava com Samuel (quando Deus fala, ele está se manifestando), este passou a conhecê-lo mais e a nação inteira foi impactada por causa do relacionamento daquele outrora menino com o Senhor. Mais adiante no livro há o registro de um episódio em que Israel entrou em guerra e o povo pede a Samuel que clame a Deus por eles. Samuel clamou ao Senhor por Israel “e o Senhor lhe respondeu” (I Samuel 7:9).

Uma coisa é você ser crente, católica, espírita, budista, atéia. Outra coisa é você crescer, passar os seus dias, na companhia Daquele que não deixa nenhuma de suas palavras cair em terra. Aí sim, pode clamar. Pode dizer “fala, Senhor”. Ele lhe responderá. Quem sabe, até não diz o que Ele está prestes a fazer?

TEXTO 51

Santander

14 de março de 2017



Pessoas que, como eu, eventualmente prestam atenção a coisas sem a menor importância, talvez tenham notado que recentemente o Banco Santander estreou uma campanha publicitária para a televisão. Nela, após abordar todas as limitações ao orçamento que uma crise financeira normalmente impõe e propor alternativas que permitam aos seus clientes economizar, mas ainda assim viver, a voz firme e atraente de Lázaro Ramos conclui: “Santander. O que podemos fazer por você hoje”?

Pessoalmente, ainda acho que o publicitário que elaborou essa propaganda leu a Bíblia. Afinal, essa pergunta deveria ser uma das mais feitas por cristãos a outras pessoas. Sempre que me lembro dessa propagando imagino aquela cena de uma celebração cristã de domingo pela manhã. A igreja está cheia, as pessoas animadas, o louvor foi entusiasmado. Antes de começar o sermão, o celebrante então sugere que as pessoas se virem umas para as outras e abençoem-se mutuamente. A resposta mais comum a este chamado normalmente é um sorriso para quem está ao lado seguido de um leve toque no ombro acompanhado de um sereno e doce “Deus te abençoe (ou até eu te abençoo), meu irmão”.

De fato, essa simples frase é uma oração a qual Deus responde. Mas se voltarmos para a Bíblia (precisamos ter uma fé bíblica!), o que será que o apóstolo Tiago, que escreveu em sua carta “a religião pura e sem mácula, para com o vosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tiago 1:27) diria quando visse os nossos desejos deabençoar os outros resumidos ao “Deus te abençoe” da celebração dominical? Quando ele usa a figura do órfão e da viúva, estava trazendo aquilo que representava as pessoas mais frágeis e

vulneráveis da sociedade de sua época, especialmente do ponto de vista material.

Talvez hoje nem todos os órfãos e viúvas sejam materialmente vulneráveis, mas sempre haverá perto de nós alguém com alguma necessidade (que muitas vezes não é financeira) a qual podemos suprir. Faz alguns meses recebi uma mensagem de uma pessoa perguntando como eu estava seguida de um pedido de oração. Respondi agradecendo a preocupação e comprometendo-me a orar pela situação posta. De fato, o fiz por umas duas ou três vezes na semana que se seguiu; até que eu estava em casa só e me veio um insight de que eu poderia ser a resposta àquela oração. Era tão óbvio que a necessidade pela qual eu estava orando a respeito daquela pessoa podia ser respondida por Deus através da minha vida.

Em Provérbios 3:28 Salomão sabiamente diz “não diga ao seu próximo: ‘volte amanhã e eu darei algo a você’ se pode ajudá-lo HOJE”. Voltando à carta de Tiago, ele vai indagar: “Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer entre vocês lhes disser: ‘vá em paz, aqueçam-se e fartem-se’, sem contudo lhes dar o necessário para o corpo, qual o proveito disso”? Em outras palavras, Tiago está perguntando de que adiantaria dizer Deus te abençoe sem dar o que, de fato, a pessoa precisa.

Nada tenho contra o Deus te abençoe do domingo pela manhã. Ao contrário, sempre respondo com um convicto Amém! Mas podemos, e precisamos, ir além. Precisamos reconhecer as fragilidades e vulnerabilidades de quem está ao nosso alcance e saber para quais delas nós podemos ser a resposta do Senhor.

Talvez você conheça alguma viúva (talvez, quem sabe, de repente você conhece alguma...), cuja necessidade não é roupa nem alimento cotidiano, mas companhia para um sábado à noite, por exemplo. Talvez você conheça um órfão que aguarda ansiosamente um convite para um final de semana diferente do habitual. Talvez você tenha uma colega de trabalho que esteja precisando HOJE de uma oração e de um ombro para derramar lágrimas. Que sejamos mulheres bíblicas. Que possamos ir além. Da próxima vez em que alguém nos sugerir que abençoemos quem está ao nosso lado, poderíamos responder assim: eu não sou o Santander mas...o que eu posso fazer por você hoje, minha irmã?

Deus te abençoe.

TEXTO 52

Tome posse!

21 de março de 2017



De quê? Da bênção? Não é disso de que tanto se pede para que tomemos posse? Sim, podemos tomar posse da bênção. Mas antes, precisamos tomar posse da palavra de Deus! Assim como o código penal brasileiro diz que “não há crime sem lei anterior que o defina e não há pena sem prévia cominação legal” também não há bênção, nem uma sequer, sem palavra anterior de Deus que a ordene.

É assim desde Gênesis. Toda a bênção que é a criação só veio a existir depois de um “haja” que saiu da boca de Deus. E como a palavra de Deus não deixa de cumprir o propósito para o qual foi designada, conforme aprendemos em Isaías 55:11, para cada haja que Deus proferiu algo de extraordinário e belo se tornou real. Para que a bênção fosse vista, antes uma palavra de Deus foi ouvida.

Foi assim em Gênesis e assim o é até os dias de hoje. Antes de Isaque nascer, **Deus falou** a Abraão que ele seria pai de uma grande nação (Gênesis 12:2). Antes do mar se abrir, **Deus falou** a Moisés que mandasse o povo marchar (Êxodo 15:15). Antes de Maria conceber Jesus, o anjo (mensageiro de Deus) **falou** que desceria sobre ela o Espírito Santo e o poder do Altíssimo a envolveria (Lucas 1:34-35), explicando-lhe como a bênção daquela maternidade tão especial se tornaria real. Antes do paralítico que pedia esmolas na porta do templo ser capaz de andar, Pedro **falou** “em nome de Jesus, anda”! (Atos 3:1-6).

Precisamos entender que mais importante do que nos apropriarmos das bênçãos é avidamente nos apropriarmos das coisas que Deus diz. Não quero com isso dar a entender que devamos, por exemplo, esperar uma permissão de Deus para comprar as passagens todas as vezes que quisermos viajar (e que bênção é fazê-lo!) se é algo que

gostamos e podemos fazer. Embora não esteja também negligenciando que em algumas situações, por mais triviais que sejam, é preferível ter uma garantia celestial para dar um passo. Voltando ao exemplo dado, viajar é lícito, convém (I Coríntios 10:23-24) e posso fazê-lo para a glória de Deus (I Coríntios 10:31). Mas falo de desejar e buscar ardentemente a palavra de Deus antes mesmo de me apossar de suas bênçãos.

Também não quero cair no clichê de “busque mais o Deus da bênção do que a bênção de Deus”. Para além disso, quero incentivá-la a amar, depender, ouvir, se interessar, aprender, pregar, obedecer, mergulhar na palavra de Deus. Fazendo isso, inevitavelmente as bênçãos virão e nós seremos capazes de reconhecê-las. Mais uma vez repito: não há bênção de Deus, nem uma sequer, sem palavra anterior Dele que a ordene. Deus leva a sério as coisas que Ele diz! Foi o que Ele ensinou ao profeta Jeremias depois de ter dado a este uma visão e perguntado o que o profeta enxergara. Diante da resposta de Jeremias, o Senhor disse que ele havia entendido bem, porque “eu (Deus) **velo** sobre minha palavra para a cumprir” (Jeremias 1:12).

Lançando mão uma vez mais das definições Aurelianas, velar significa passar a noite acordado; conservar-se aceso; estar alerta; vigiar. Em outras palavras, Deus não pisca o olho, vara as madrugadas alerta para que Sua palavra se cumpra! Que sejamos capazes de crer que “tudo de bom que recebemos e tudo o que é perfeito vêm do céu, vêm de Deus, o criador das luzes. Ele não muda, nem varia de posição” (Tiago 1:17).

É o que sai da boca desse Deus constante e perfeito, são os seus muitos “hajas” ditos a nosso respeito que fazem com que as coisas boas, suas bênçãos, cheguem até nós.

É o que aprendo quando, lendo trechos do Novo Testamento, vejo a ênfase dada quando é dito que algo aconteceu **para que se cumprissem as escrituras**. Quer ser abençoada por Deus? Então tome posse...da Sua Palavra! Falando nisso, já me ocorreu aqui outra coisa. Mas deixemos para as cenas dos próximos capítulos.

TEXTO 53

O pulo do gato

4 de abril de 2017



“Quer ser abençoada por Deus? Então tome posse...da Sua Palavra!” Assim terminamos a última conversa. E ao pensar nisso, lembro-me de ter rebobinado alguns anos na minha memória, quando me dei conta que havia achado o segredo, o tal pulo do gato do sucesso na vida! Não do sucesso apenas no amor ou nos

negócios/trabalho, mas na vida! Foi na Bíblia que descobri que isso existia; não que já o tenha alcançado, como diria o apóstolo Paulo, mas ainda estou correndo essa carreira.

Daquilo em que sou capaz de recordar, a primeira vez que encontrei essa expressão foi lendo a história de Davi. No primeiro livro de Samuel, essa história está bem descrita. Desde o dia em que o profeta o unge como rei de Israel, contrariando as expectativas do próprio pai, o qual talvez tenha julgado que um dos seus irmãos, todos mais velhos e de melhor aparência, seria melhor candidato ao cargo, passando pela épica luta com Golias, incluindo também as várias fugas do inconsistente Saul que tanto desejou matá-lo. Foi no capítulo dezoito, verso quatorze deste livro, que lembro de pela primeira vez ter visto a fórmula mágica: “Davi lograva bom êxito em **todos os seus empreendimentos pois o Senhor era com ele**”.

Mas Davi não foi o primeiro, tampouco o último a desfrutar dos resultados dessa fórmula do sucesso. Antes dele, José também o soube. **“O Senhor era com José, que veio a ser homem próspero”** (Gênesis 39:2). Ezequias, um dos reis mais prósperos de Israel também deu o pulo do gato, ao menos durante um tempo de sua vida: **“Fez ele o que era reto perante o Senhor(...)confiou no Senhor, Deus de Israel(...) Assim, foi o Senhor com ele; para onde quer que saía, lograva bom êxito”** (2 Reis 18: 3a,5a,7a).

Voltando a Davi, outra tradução do texto já citado diz “ele tinha êxito em tudo o que fazia pois o Senhor estava com ele”. Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje está ainda mais simples: “e tudo o que fazia dava certo, pois o Senhor estava com ele”. Seria simplista demais, e ingênuo por demais também, acharmos que não haveria pedras nos caminhos daqueles que andam em companhia de Deus. A própria Bíblia dá conta de relatar os muitos desafios, ameaças, angústias e crises pelos quais

Davi passou. O dar tudo certo aqui significa que o saldo final da caminhada é positivo.

Portando, se quisermos ter esse mesmo saldo na nossa caminhada, o segredo não é ficar cantarolando por aí “vai dar tudo certo”, como muitos cristãos têm feito. Tampouco é ler os muitos livros de autoajuda gospel. Pode-se também preterir participar de vinte mil cursos e congressos, ler ‘O Monge e o Executivo’ ao menos duas vezes ou consultar os magos da fama. O pulo do gato, o próprio Jesus se encarrega de reiterar: basta entrar no teu quarto, fechar a porta, orar a teu Pai que está em secreto (Daniel fazia isso três vezes ao dia – grifo da autora), e teu Pai, que vê em secreto te recompensará (Mateus 6;6).

Sabe o que mais? Relendo esses textos, descobri que uma possível tradução para

I Samuel 18:14 é “Davi se conduzia com prudência...” ou ainda “era muito sábio em tudo o que fazia, pois o Senhor era com ele”. Creio que no final das contas, para se ter sucesso é imprescindível que se tenha sabedoria.

Então tá aí o pulo do gato: quer ser bem sucedida? Lembre-se: **e o Senhor era com...**

Por isso, busque-O; mas busque-o enquanto você pode achá-Lo.
Invoque-O enquanto Ele está perto (Isaias 55:6).

TEXTO 54

Deus sabe o que faz

11 de abril de 2017



Pare um pouco e pense com cuidado. Na sua opinião, a frase “Deus sabe o que faz” deveria terminar com um ponto de interrogação ou um ponto de exclamação? Deveríamos interrogar “Deus sabe o que faz”? Ou deveríamos entusiasticamente afirmar que “Deus sabe o que faz”!?

Se alguém me fizesse essa pergunta antes de quinze de fevereiro de 2015 eu certamente colocaria não apenas um, mas cinco pontos de exclamação ao final e ratificaria com um sorriso no rosto que sim, Ele sabe o que faz! Mas depois da referida data, os pontos de exclamação foram um a um caindo e houve dúvida em muitos momentos, no íntimo do meu coração, se Deus de fato sabia o que estava fazendo.

Nada como o sofrimento para gerar dúvida em nosso coração se aquele que detém domínio sobre tudo, conhece todas as coisas e tem poder para interferir em todo o curso da existência é mesmo tão sábio e bondoso assim. Parece que quando a tragédia bate à nossa porta nós começamos a duvidar da integridade da soberania de Deus. Mas, como bem diz o Pr. Ed René Kivitz, as minhas dúvidas não me impedem de crer.

O problema não é questionar Deus diante do sofrimento. O problema não é perguntar para Ele por muitas vezes repetidas o porquê de algo ruim ter nos sucedido. Abro aqui parênteses para dizer que, pessoalmente, nunca fui muito fã dessa história de não perguntar a Deus o porquê, mas sim o para quê – pergunto tudo, inclusive porque. Aliás, Jó fez isso, e apesar de não ter dado a ousadia de responde-lo em todas as suas indagações, Deus testificou

ser ele um homem íntegro, mesmo depois de todos os questionamentos que fez durante seu tormento.

A questão é conseguir, a despeito das dúvidas que nos sobrevêm com o impacto da tragédia, não apenas continuar crendo em Deus, mas confiando em sua bondade. Vou explicar melhor usando uma frase do Pr. Ronaldo Lidório que muito me impactou há alguns dias: nenhuma tragédia é maior do que a bondade do Senhor. Você pode chorar, gritar, esmurrar a parede perguntando a Deus onde Ele estava quando aquilo te acontecia; Ele aguenta essas coisas. Como o salmista conseguiu perceber, Deus “sabe do que somos formados; lembra-se que somos pó” (Salmo 103:14).

A grande questão é continuar confiando que Ele não deixou de ser bom apesar do mundo desabar sobre sua cabeça. Devo admitir que há alguns meses, não muitos, se alguém olhasse para mim com cara de santo, sorrindo, e repetisse essa frase do Pr. Ronaldo meu primeiro desejo seria dar um murro e retrucar perguntando se a pessoa sabia o significado de tragédia.

Mas hoje posso não apenas experimentar mas reconhecer que, de fato, nenhuma tragédia é maior do que a bondade do Senhor. Ou, como diz a música do Paulo César Baruk, Ele continua sendo bom, Ele continua sendo Deus. E ainda, como diz o salmista, bondade e misericórdia têm me seguido todos os dias da minha vida, o que inclui os dias maus e tristes.

Naturalmente, nem sempre o resultado dessa tão grande bondade divina é notável de forma clara e imediata. Poderíamos tomar emprestada a expressão do apóstolo

Paulo “agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho...” (I Coríntios 13:12). Ver a bondade de Deus em meio ao sofrimento é muitas vezes como ver algo de forma nublada, um reflexo obscuro. Mas ela está lá. Talvez leve algum tempo para crermos e conseguirmos enxergar. Para algumas coisas, quem sabe, isso só será possível na eternidade.

Porém, a cada novo dia, diante da imprevisibilidade da dor e da tragédia, podemos dizer, como o fez Davi enquanto estava preso em Gate, sob domínio dos filisteus:

“quando meu coração temer, confiarei em Ti” (Salmo 56:3). Ainda que não esteja claro que o que Deus está fazendo é mesmo bom; ainda que não seja possível discernir isso de forma cristalina, que possamos confiar em sua bondade.

Portanto, em minha opinião, nem interrogação nem exclamação. A frase deve terminar com reticências. Posso não ter certeza hoje, mas um dia terei.

Deus sabe o que faz...

TEXTO 55

Elas duas

18 de abril de 2017



Foi depois de uma conversa com duas amigas muito queridas, numa noite de sábado, degustando vinho italiano e saboreando risoto com frutos do mar, que novamente passei a pensar de forma frequente sobre redenção. Descobri que faz quase dois meses que redigi algo a respeito, mas agora o significado dessa palavra parece mais vívido.

Durante nossa animada conversa, fomos descobrindo que temos mais semelhanças do que imaginávamos. Semelhanças estas que, em certo sentido, vêm da nossa cor de pele e todas as implicações – emocionais, sociais, físicas – que ela carrega consigo. Elas duas, assim como eu, viveram uma história de dor (talvez não necessariamente de perda), de rejeição, de preterimento. Histórias de “essa roupa é linda, mas não fica tão bem em você”. Histórias de “você é linda, inteligente, bem-sucedida...mas só serve como amiga”.

Um dos grandes problemas de colecionar essas histórias é que não raramente elas nos levam a um ponto de cansaço. Uma certa exaustão emocional que vai enchendo o saco até que você se encontra com o mesmo cheio, à beira do precipício da incredulidade. Esperar, ainda que seja só um pouco mais, é desesperador. Não ter nada de concreto em mãos é torturante. Talvez ninguém consiga entender essas histórias tão bem quanto aquelas que já passaram por elas.

E quantas de nós, mulheres, não temos ao menos uma história de vida para a qual desejamos ardentemente a redenção, aquela que compensa, repara, indeniza, ressarce? A redenção que tira do cativeiro, que resgata; a redenção que adquire de novo nossa dignidade, nosso valor, nossa esperança.

Foi pensando em mim, nelas e na nossa agradável noite de sábado, que entrei no quarto, fechei a porta e abri a Bíblia. Li Isaías 35. Foi para elas duas que mandei porque talvez ainda haja em algum lugar dentro de mim uma ponta de fé, menor que um grão de mostarda, capaz de crer que o Jesus ressurreto celebrado na Páscoa é o mesmo Deus que prometeu o que está registrado nesse texto. Eu e elas seguimos a este Jesus. Mande para ambas, e agora o envio a você.

“Diga às desalentadas de coração: sejam fortes; não temam! Seu Deus virá, virá com vingança; com divina retribuição virá para salvá-las. Então os olhos dos cegos se abrirão e os ouvidos dos surdos se destaparão. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria. Águas irromperão no ermo e riachos no deserto. A areia abrasadora se tornará um lago; a terra seca, fontes borbulhantes. Nos antros onde antes havia chacais, crescerão a relva, o junco e o papiro. E ali haverá uma grande estrada, um caminho que será chamado Caminho da Santidade. Os impuros não passarão por ele; servirá apenas aos que são do Caminho; quem quer que por ele ande não errará, nem mesmo o louco (...) AS RESGATADAS DO SENHOR VOLTARÃO E VIRÃO A SIÃO COM CÂNTICOS DE ALEGRIA; DURADOURA ALEGRIA COROARÁ SUA CABEÇA; GOZO E ALEGRIA SE APODERARÃO DELAS, E DELAS FUGIRÁ A

TRISTEZA E O GEMIDO”. (Isaías 35:4-8;10).

Tenho pedido a Deus ajuda para crer nisso. Espero que elas duas também.

TEXTO 56

Uma certa mulher

25 de abril de 2017



Eu sou fã da Bíblia, o que a essa altura não deve ser mais uma surpresa para você. Posto isto, para fins da nossa conversa; vou precisar resumir um pouco a história, mas leia com calma, quando for possível. Se você abrir o livro de Juízes, o sétimo livro da Bíblia e segundo após o pentateuco, verá que a nação de Israel passou a viver um tempo bem confuso depois da morte de Josué. Deus então “suscitou juízes, que os livraram das mãos dos que os pilharam. Contudo, não obedeceram aos seus juízes; antes, se prostituíram após outros deuses e os adoraram”. (Juízes 2:16b,17).

E nessa de não obedecer, o povo sofreu. Então no capítulo seis começa a ser contada a história de Gideão, o homem que Deus usou para livrar Israel da opressão dos midianitas, os quais “se acampavam, destruindo os produtos da terra até à vizinhança de Gaza, e não deixavam em Israel sustento algum, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos”. (Juízes 6:4-5). Gideão não era exatamente um Aécio Neves de sua época. Era o mais jovem, da família mais pobre, da menor tribo de Israel. Cenário perfeito para o fracasso.

Entretanto, como normalmente são as coisas de Deus, contrariando o óbvio, foi esse cidadão que junto com apenas trezentos homens destruiu um exército de mais de vinte mil (acredite você ou não). Gideão fez quase tudo certo, mas depois de muitas conquistas fez para si uma manta sacerdotal “que ele colocou em sua cidade, em Ofra. Todo o Israel prostituiu-se, fazendo dela objeto de adoração; e veio a ser uma armadilha para Gideão e sua família” (Juízes 8: 27-28). A família de Gideão era bastante grande! Ele se casou com umas duas dúzias de mulheres e teve setenta filhos (também acredite você ou não; isto está registrado no versículo 30 do capítulo

8)!

Um desses filhos, nascido de uma das concubinas de Gideão (que não era considerada esposa) foi Abimeleque, que teve a brilhante ideia de matar os seus irmãos para assumir a liderança do povo no lugar do pai. O único que sobrevive ao massacre é Jotão, o filho mais jovem, que usa de uma parábola para profetizar que Abimeleque seria derrotado e morto. Depois de três anos vivendo por cima da carne seca em Israel, Abimeleque sofre uma conspiração por parte de Gaal e os homens que o seguiam.

Eles brigam, Abimeleque ganha, percorre a terra invadindo várias cidades até que chega a Tebes, “e a sitiou, e a tomou” (Juízes 9:50). Acontece que no meio da cidade havia uma torre forte, e a Bíblia registra que “todos os homens e mulheres, todos os moradores da cidade, se acolheram a ela, e fecharam após si as portas da torre, e subiram para o seu telhado” (Juízes 9:51).

Você consegue imaginar a cena? Um aglomerado de pessoas no telhado de uma torre tentando escapar da morte por um homem tirano, que havia sido capaz de matar todos os seus irmãos pelo poder, que já havia conquistado outras cidades e dizimado muitas pessoas nelas (Juízes 9:45)? Parece desesperador; aliás, parece morte certa.

“Abimeleque veio até à torre, pelejou contra ela e se chegou até à sua porta para a incendiar. **PORÉM CERTA MULHER LANÇOU UMA PEDRA** superior de moinho

sobre a cabeça de Abimeleque e lhe quebrou o crânio” (Juízes 9:53). Abimeleque teve um TCE (traumatismo crânio-encefálico) que não o matou de imediato, porque ele ainda teve tempo de pedir a um dos seus soldados que o atacasse com uma espada para que não corresse a história de que ele havia sido morto por uma mulher (cap. 9 vers 54)!

Sabem o que eu aprendo com essa certa mulher, anônima, mas cujo ato consta no livro mais importante do mundo? Há situações na vida em que eu não posso lidar com o Abimeleque atirando ovos ou pedras de bodoque em sua cabeça. Quando o Abimeleque da vida pode incendiar a torre e me matar, eu preciso ter coragem suficiente para atirar uma pedra superior de moinho direto no crânio. É óbvio que não estou falando aqui de matar ninguém.

Mas penso nas situações que nos ameaçam, a exemplo de Abimeleques (e aqui podem ser realmente homens) que nos rondam sem nenhum interesse no nosso coração; relacionamentos destrutivos; práticas do dia a dia que nos afastam do caminho de vida (a exemplo de falta de perdão); atitudes que tomamos apenas para satisfazer essa ou aquela pessoa, mas que nada têm a ver com nossa integridade interior. São Abimeleques que podem incendiar a torre e matar não só a nós mesmas como também aqueles que conosco estão refugiados no telhado da dela.

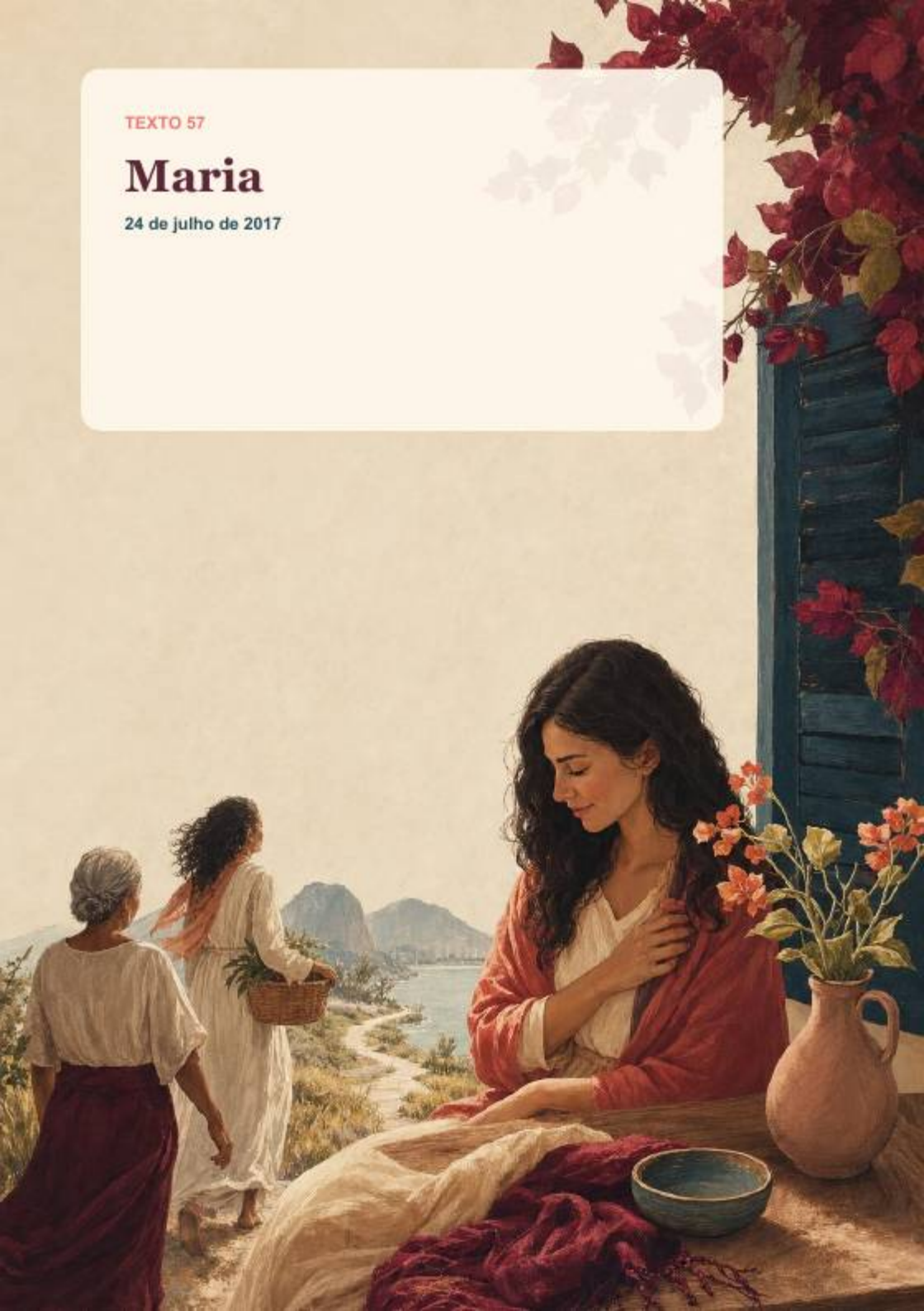
Com esses, não brinque de pedrinhas; não atire água quente; não trate com leviandade. Se essa situação é um Abimeleque, peça a Deus coragem para atirar uma pedra superior de moinho bem no crânio. Acabe de vez. Aparte-se de vez.

E saia do telhado.

TEXTO 57

Maria

24 de julho de 2017



Maria, mãe de Jesus. Falada, cantada, representada. Sem dúvidas, distinta – teve um privilégio que nenhuma outra mulher na face da terra teve ou terá. Recentemente, lendo o evangelho de Lucas me deparei com o relato da aparição do anjo Gabriel a esta mulher para anunciar-lhe que ela teria um filho. Interessante que a primeira palavra que o anjo lhe dirigiu foi “alegra-te”!

Antes mesmo de dizer o motivo, Deus estava dizendo, através do anjo, a Maria para ela se alegrar (Lucas 1:27). “Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo”. Profetas do antigo testamento, a exemplo de Isaías, já haviam previsto a existência dessa virgem que conceberia o Salvador. Mas quando Deus fala diretamente com ela, a carta de apresentação foi: alegre-se, agraciada! O Senhor está com você! Mas Maria, como muito provavelmente a maioria de nós, ao invés de se alegrar conforme o anjo havia sugerido, “perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria essa saudação” (Lucas 1:29). Honestamente, penso que Maria foi bem razoável. Quem de nós, recebendo a visita de um desconhecido nos mandando ter alegria porque somos agraciadas e Deus é conosco, antes de saber o motivo, colocaria um sorriso grande na boca e diria um simples “tudo bem”? Acho que Maria, assim como eu, queria explicações – ela ficou pensando (usou seu raciocínio) para entender o que acontecia.

Sou como Maria. Facilmente me perturbo, e muito, diante de palavras de Deus, por mais lindas que soem aos ouvidos, as quais eu não consigo entender. Uso meu raciocínio. Avalio as possibilidades reais. Faço contas. Invoco a lógica da dura existência humana, nua e crua, para saber se posso alegrar-me ou não. Diante do susto de Maria, Gabriel pacientemente acolhe sua angústia: “não tenha medo,

Maria; você foi agraciada por Deus” (Lucas 1:30). E aqui começa então a detalhar àquela jovem moça o que estava por acontecer. Maria, embora talvez já um pouco menos assustada, ainda questiona: “como será isto?” (Lucas 1:34). Maria pensava! Gabriel ainda com paciência novamente dá explicações, começando com uma afirmação poderosa: “descerá sobre ti o Espírito Santo” (Lucas 1:35) e mais adiante arremata a conversa: “porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas” (Lucas 1:37). Só então Maria se rende, já sem perturbação interior, sem medo e sem questionamentos. Ela simplesmente diz “aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lucas 1:37).

Não me lembro ao certo qual foi a primeira coisa que ouvi de Deus. Talvez não tenha sido “alegra-te”, embora me recorde com precisão como meu coração celebrou quando descobri o significado do meu nome: cheia de alegria! Mas me recordo bem de como, assim como Maria, perturbei-me muito diante de algumas coisas que ouvi de Deus. Lembro-me também de sentir medo e de questionar “como vai ser isto” em diversos momentos. E sei, pela misericórdia de Deus, que quando desce sobre nós o Espírito Santo coisas extraordinárias podem acontecer.

Quando o Senhor é conosco isso por si só já é motivo para nos alegrarmos. Quando achamos graça diante de Deus, Ele vem com poder e remove os nossos medos. Quando desce sobre nós o Espírito Santo, coisas impossíveis começam a ter lugar na experiência humana. E se depois de tudo isto formos capazes de dizer “aqui está a tua serva...” então quem sabe escreveremos novos Magnificats, o famoso canto de Maria após este encontro com o anjo de Deus.

Começaremos a cantar:

“Minha alma engradece ao Senhor

E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...”

TEXTO 58

Um dia, muitos dias

15 de setembro de 2017



Há um ditado popular que diz que nada é tão ruim que não possa piorar. Há uma mulher, dentre as várias citadas na Bíblia, que creio ter vivenciado isso bem de perto. Ela havia ficado viúva (não há especificação de há quanto tempo isso ocorrera e desnecessário é dizer o quão terrível é ver-se nessa situação), com um filho para criar.

Viuvez, um filho...ruim, não é mesmo? Ficou pior: eles estavam prestes a morrer de fome. Elias, um dos mais destacados profetas da história de Israel, depois de um tempo de reclusão é orientado a dirigir-se para a cidade onde esta mulher morava, Sarepta, porque Deus o havia dito que lá ordenara “que uma mulher viúva te dê comida” (I Reis 17:9). Você não entendeu errado. É isso mesmo: Deus havia ordenado a uma viúva que não tinha comida suficiente para si e seu próprio filho a alimentar um homem que ela não conhecia.

Elias chegou à porta da cidade e, diz o texto, viu uma mulher apanhando lenha. Ele a chamou e pediu uma vasilha de água para beber. Ao voltar com a vasilha Elias então pede um bocado de pão. Não sei se aquela mulher atendeu ao primeiro pedido de Elias por educação ou constrangimento (era um homem quem a pedia, numa sociedade absolutamente patriarcal). Mas diante do segundo pedido ela não hesitou em dizer: “tão certo como vive o Senhor, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para meu filho; comeremos e morreremos” (I Reis 17:12).

A resposta que Elias deu a ela foi a mesma que Deus muitas vezes nos dá diante de situações de absoluto desespero: “não temas” (I Reis 17:13). E ainda foi mais longe; pediu à mulher que, depois de preparada a comida, trouxesse primeiro para ele e só então ela e o filho comeriam! Se Elias tivesse parado por aqui confesso que o teria como um homem arrogante e mal-educado. Mas em seguida, esse homem de

Deus proferiu: “porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: a farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até o dia em que o Senhor fizer chover sobre a terra” (I Rs 17:14). Aqui abro parêntese para explicar que fazia três anos não chovia em Israel e, portanto, a produção de alimentos estava prejudicada.

Honestamente não consigo explicar como, mas aquela mulher creu e obedeceu.

Os dois versículos seguintes dizem: “foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa **MUITOS DIAS. Da panela a farinha não se acabou e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do Senhor...**”. Gostaria de enfatizar: ela teve apenas um dia para obedecer, e o fez. Mas a repercussão disso se deu não por um, mas por muitos dias!

Faz algumas semanas que li esse texto novamente e fiquei a pensar como a decisão que aquela mulher tomou no dia em que Elias se apresentou a ela, pôde abençoá-la por muitos dias! E a decisão foi obedecer à palavra do Senhor, pois não era simplesmente um capricho de Elias. Você já se perguntou o quanto decisões tomadas em dias ímpares da sua vida podem afetá-la por muitos dias? Já

parou para pensar o quanto decidir obedecer a Deus em um dia único pode te abençoar por muitos dias? E, ao contrário, já pensou o quanto negligenciar suas ordenanças em um único momento pode ter repercussões diárias, semanais, mensais e até eternas?

Às vezes basta um único dia de decisão de obedecer e crer para ter longos dias de paz e provisão. Como meu sobrinho cantava para eu dormir há pouco mais de dois anos, “obedecer a Deus é sempre o melhor, pois Ele é fiel e cumpre o que diz”. Amanhã ele completa seis aninhos. Tomara que essa música ainda esteja no coração e nos lábios dele. Tia Lari está mesmo precisando ouvir isso. Afinal, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus.

TEXTO 59

Como assim?

22 de janeiro de 2018



Na manhã de 11 de Setembro de 2001 eu estava sentada em uma das cadeiras da sala de aula. cursava o terceiro ano do ensino médio. Era a aula de história e nós fomos surpreendidos pela notícia de que dois aviões haviam colidido contra as torres gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos. A reação quase que unânime daqueles adolescentes ansiosos com o vestibular foi quase unânime: “como assim”? Ninguém acreditava ser possível. Mas foi verdade, fato incontestável.

Naturalmente, não foi a primeira tampouco a última vez desde então que me vi perguntando “como assim” diante de notícias que não gostaria de ter recebido. Mas você já se permitiu ser também surpreendida com algo tão positivo mas ao mesmo tempo tão inesperado? Algo que você nem de longe teria capacidade de criar ou promover – nem para si mesma nem para outros – e, simplesmente, acontece? No segundo dia de 2018, após anunciar para uma pessoa, diga-se de passagem um profissional da saúde mental, a chegada de uma viagem definitivamente não planejada, ouvi de lá um quê de muita surpresa. Depois de retornar, quem continuava a se perguntar como fui eu mesma. Como foi possível viver dias tão preciosos logo após um período longo de afastamento, dor e solidão? Como foi possível sorrir de maneira leve e natural se nem as ocasiões recentes mais bem preparadas para tal eram capazes de gerar isso? Como foi possível encontrar uma alma descansada se poucos dias antes ela estava inquieta?

Boas surpresas...elas ainda acontecem. E acontecem por um motivo: porque aquele “que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera (Efésios 3:20)” está vivo e continua, como

diz a canção, “sempre reinando, soberano”. Isso não precisa nos tornar ingênuas em achar que tudo será flores, mas nos permitir abrir uma oportunidade para crer que a graça de Deus está sim disponível.

Desejo que seu 2018 seja cheio de oportunidades para que você seja pega desprevenida, sem planejamento, sem capacidade própria de gerar gozo e, justamente por isso, alcançada pelas “boas dádivas e dons perfeitos que vêm do Pai das luzes, em quem não há mudança...” (Tiago 1:17). A vida, por difícil que seja, ainda nos permite receber essas coisas boas que vêm do PAI! Sim, as melhores, certamente virão Dele. Desejo que você registre muitos “como assim” marcados por vibrante alegria e satisfação. Cabe lembrar, “o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão. (Salmo 84).

TEXTO 60

Nem só, nem mal acompanhada

30 de janeiro de 2018



É bastante provável que quando do surgimento do ditado “antes só do que mal acompanhada”, a intenção era tratar da companhia conjugal: é melhor lidar com as agruras da solidão do que com aquelas de um companheiro inadequado. É verdade também que a afirmação de não ser bom que o homem esteja só veio de Deus (Gênesis 2:18) e não do próprio homem. Penso que justamente por isso, de forma geral, a maioria das pessoas, especialmente nós mulheres, deseja uma companhia para a vida.

Mas ela mesma, a vida, às vezes não dá esse companheiro. Algumas mulheres nunca chegam a tê-lo. Outras o têm por um tempo e depois o perdem – não preciso explicar os diversos motivos. Nesses casos, passa então a ser bom estar só? Creio que não. Então há que se garimpar a todo custo e com menos exigências um novo amor?

Pessoalmente, também acredito que não.

Nem toda solidão é resolvida única e exclusivamente na relação conjugal. Tanto sim que casamento não significa fim de amizades. Aliás, há amizades que se tornam melhores, mais maduras, algumas até mais necessárias, depois do casamento. A

Bíblia aliás fala bastante de amizade. No antigo testamento: “...descendente de Abraão, **meu amigo**” (Isaías 41:8); “não abandones **o teu amigo**, nem o amigo de teu pai” (Provérbios 27:10); “em todo o tempo ama o **amigo** e na angústia se faz o irmão” (Prov. 17:17) e uma que pessoalmente gosto bastante: “Como o ferro com ferro se afia, assim um **amigo a outro amigo**” (Prov. 27: 17).

No novo testamento há o relato de quatro homens, provavelmente amigos, que tiraram o telhado de uma casa e baixaram um paralisado pelo centro da sala para que este pudesse ter acesso a Jesus e ser curado (relato dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas). Percebe então que se você não tiver um *crush* (só pra eu fazer as vezes de moderninha), isso não é motivo para você andar sozinha? Aliás, um dos versículos da Bíblia que tenho guardado desde a adolescência dada a minha frequente inclinação em isolar-me é Provérbios 18:1: “o que se isola busca seu próprio interesse e insurgese contra a verdadeira sabedoria”. Isolar-se o tempo todo, minha cara, não é sábio!

Reitero: o tempo todo; o mesmo Salomão que escreveu isso também registrou que há tempo de “afastar-se de abraçar” (Eclesiastes 3:5).

Mas não tenha apenas amigas. Também não se preocupe em ter muitas. Tenha boas amigas. E como definir o que é uma amizade boa? Poderia citar inúmeros critérios mas vou me deter aqui a apenas um: a qualidade dos conselhos que você recebe. Na Bíblia há um exemplo bem interessante disso: no primeiro livro dos reis, capítulo 12, conta-se a história de Roboão, que era filho de Salomão, quando assumiu o reinado no lugar do pai. Uma parte da população trouxe uma demanda a ele. Roboão começou bem: **“Tomou o rei Roboão conselho com os homens idosos que estiveram na presença de Salomão, seu pai, quando este ainda vivia..” (1 Rs 12:6)**. Até aqui ele não podia ter tomado decisão melhor logo no início do seu reinado: pedir conselho a gente com experiência no assunto.

Porém ele terminou mal: **“Porém ele desprezou o conselho que os anciãos lhe tinham dado e tomou conselho com os jovens que haviam crescido com ele e o serviam”**. O resultado, leia depois o capítulo, foi a população se rebelar contra a casa de Davi e a nação de Israel ficou dividida. Roboão trocou a experiência pela conveniência. Trocou o círculo de maturidade pra ir pra sua galera.

Não é bom que o ser humano esteja só. Mas também não é bom estar mal acompanhada. E não precisa ser necessariamente um relacionamento conjugal. Se isso ainda não aconteceu ou por qualquer motivo se desfez, lembre-se das amigas!

Concluo lembrando as palavras muito acertadas de Tom Jobim: “fundamental é mesmo o amor – *não necessariamente de um homem** – é impossível ser feliz sozinho”.

TEXTO 61

Cara ou coroa

20 de fevereiro de 2018



A vida é feita de decisões. Algumas multifacetadas, outras do tipo isso ou aquilo. Há daquelas decisões, como no cara ou coroa, em que a opção por uma coisa necessariamente implica a exclusão de outra. Assim, por insistir muito com Deus para que Ele me concedesse sabedoria – para o trabalho, para os relacionamentos com os outros e comigo mesma, e mais um pouco para o trabalho – um dia me vi tomada por um pensamento do tipo: “será que temor não é melhor do que sabedoria”?

Antes de ousar responder a esta pergunta, deixe-me tentar explicar o que entendo por temor do Senhor. Lembro que no início da minha adolescência comprava cartões do *Smilinguido* (um personagem de desenho infantil que era uma formiguinha crente) e em um deles o famoso texto de Provérbios 9:10 – “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” – estava descrito como **“respeitar a Deus é o princípio da sabedoria”**. Pronto. Ali eu aprendi: temer a Deus significa respeitá-Lo.

Na verdade, a própria Bíblia define o que significa temer a Deus. No capítulo oito de Provérbios, verso 13, o autor diz: “O temor do Senhor consiste em (1) aborrecer o mal, (2) a soberba, (3) a arrogância, (4) a boca perversa e (5) o mau caminho”. Por consequência, aborrecer, detestar, evitar essas cinco coisas significa respeitar Deus e, finalmente, ser sábia. Posto assim parece bem simples. E de fato, o é.

O problema é que o autor da maioria dos Provérbios, o rei Salomão, foi alguém que experimentou ser o homem mais sábio da terra – sabedoria esta dada por Deus a pedido do próprio Salomão (leia depois o capítulo 3 do primeiro livro dos Reis – mas também soube a

desgraça que foi deixar de temê-Lo. No capítulo onze deste mesmo livro, verso quatro, está escrito a respeito de Salomão que **“o seu coração não era de todo fiel para com o Senhor, seu Deus...”** e, mais adiante no verso nove, **“...pois desviara o seu coração do Senhor, Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecerá”**. Isso aconteceu por conta do envolvimento do rei com mulheres de povos com os quais Deus tinha orientado que Seu povo não se envolvesse.

Analise bem. Deus apareceu a Salomão e disse a ele que pudesse pedir qualquer coisa que quisesse e seria dada. Salomão toma uma decisão acertada, pedindo coração compreensivo para julgar e para que fosse prudente em discernir entre o bem e mal. Deus se agrada do pedido dele e concede não só isso mas até o que ele não havia pedido, “tanto riquezas como glória; que não haja igual entre os reis por todos os teus dias”. Mas o Senhor continua falando com ele: “SE (olha a condição!) andares nos meus caminhos e guardares os meus estatutos(...) prolongarei os teus dias” (I Reis 3:14).

Quanto favorecimento da parte de Deus! Até que Salomão deixou de ser sábio? Em um primeiro momento, não! Até que ele deixou de respeitar o seu Deus, o Deus com quem ele se encontrou pessoalmente por duas vezes! Foi só aí que “o Senhor se indignou contra Salomão” (I Reis 11:1). Salomão perdeu muita coisa a partir do momento em que ele deixou de temer a Deus, a começar pela paz que seu reinado havia estabelecido com outros povos. E junto com a paz, foi também a sabedoria.

Não tenho sombra de dúvida de que a mulher sábia edificou sua casa (entendo esse versículo significando que a sabedoria de uma

mulher edifica sua família, seus negócios, seus relacionamentos, seu próprio coração). Mas se um dia você estiver diante de uma moeda de duas faces, em que uma seja TEMOR DO SENHOR e a outra SABEDORIA, opte pela primeira! Respeitando a Deus, tenha certeza, sabedoria não vai faltar.

TEXTO 62

Mudei

27 de fevereiro de 2018



Há alguns dias, creio que quase uma semana, já havia decidido sobre o que escrever hoje. Mas, no apagar das luzes, mudei. E mudei depois de ouvir, na tranquilidade e silêncio do fim da tarde do último sábado, o dedilhar de um violão. Ele estava sendo tocado por um músico cristão brasileiro que não faz muito tempo teve diagnóstico de linfoma. Não reconheci a melodia logo de cara, apesar da música ser bastante conhecida, mas fiquei imediatamente encantada por aquele som. Só quando ele verbalizou “é meu, somente meu, todo trabalho; e o teu trabalho é descansar em mim” é que fui tomada de um sobressalto de alegria e uma lembrança.

Lembrei-me de Dezembro de 2017. Não recordo em que dia exatamente, mas lia o evangelho de João quando me deparei no capítulo seis com a seguinte expressão de Jesus: “**...quem de mim se alimenta, por mim viverá**” (Jo 6:57b). Mexeu comigo. Fui buscar outras traduções. Encontrei “...aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa” (Nova Versão Internacional) e “quem se alimenta de mim terá vida por minha causa” (Nova Tradução na Linguagem de Hoje). Uma tradução em inglês traz algo como “quem se alimenta **em mim**, viverá por minha causa”. Registrei no meu caderninho de anotações. Compartilhei com alguns amigos e tomei essa expressão como lema para 2018: neste novo ano, quero me alimentar de Jesus.

Lendo os versículos anteriores, vemos que Jesus fazia um discurso sobre o fato dele ser o pão da vida. Era preciso que os judeus cressem nisso e, indo além, comessem de sua carne e bebessem do seu sangue, uma alegoria para a realidade de que precisavam assumir em si mesmos a vida de Jesus. Gostaria muito de poder te falar quais as palavras usadas no original em hebraico deste texto, o

que elas literalmente significavam, qual a melhor hermenêutica para essa porção da Bíblia. Infelizmente, não sou teóloga e não estudei hebraico. Apenas guardei que preciso, e muito, me alimentar de Jesus.

Uma das pessoas com quem compartilhei me perguntou o que essa expressão significava, na minha opinião. Até hoje não pude respondê-la pessoalmente (e vou ganhar bronca por isso assim que ela ler este texto!), mas o que primeiro me ocorre é a palavra dependência. Alimentar-se de Jesus significa depender Dele – e para tudo!

Para ir e vir, para trabalhar, para conquistar, para decidir, para relacionar-se. É como se não existisse vida fora da comunhão, da presença de Jesus. Na verdade, o versículo começa com Jesus dizendo “assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai”, conclui Ele, “quem de mim se alimenta, por mim viverá”. Parece que Jesus queria que seus ouvintes tivessem com Ele uma relação igual à que este mantinha com o Pai.

É necessário alimentarmo-nos de Jesus. É necessário que nos alimentemos em Jesus. Ter nele as nossas fontes de energia para viver. Buscar nele os recursos para lidar com a vida em toda sua complexidade. Marido é bom, trabalho (até certo ponto) é bom, filho dizem ser bom, correr 5Km de vez em quando é bom, comprar umas roupinhas e comer torta de vez em quando é bom. Mas nada disso gera vitalidade tanto quanto ir até Jesus e buscar Nele não apenas sentido, mas também recurso para a vida.

Então como fazer isso; como se alimentar de Jesus? Não sei se ainda ensinam assim, mas na escola bíblica dominical das crianças na minha época aprendíamos a seguinte musiquinha: Leia a Bíblia e faça oração, faça oração, faça oração. Leia a Bíblia e faça oração, se quiser crescer”. Creio que seja por aí. Creio que é lendo a Bíblia, fazendo oração, pedindo a Ele que nos ensine e ajude a conhecê-lo, é que nos alimentamos Dele.

Uma vez alimentadas, partimos para a vida. Partimos para amar o outro; partimos a perdoar. Partimos a discernir o tempo e o modo, como o sábio faz. Seguimos reconhecendo erros, assumindo falhas. Ficamos em silêncio, calmas (sim, calmas!), até que Dele venha resposta e direção. Não nos arvoramos em empreitadas na qual Ele não nos tenha colocado. Obedecemos. Mulheres alimentadas de Jesus são mulheres obedientes a Ele e, por consequência, mais abençoadas. Então escolha o prato certo.

Com atraso, feliz 2018!

TEXTO 63

Medida certa – pt.1

6 de março de 2018



Na Cardiologia, costumamos orientar pacientes portadores de insuficiência cardíaca avançada que estes podem consumir no máximo 2g de sal por dia. É natural que a pergunta sobre como medir dois gramas de sal logo venha, já que dificilmente alguém disporá de uma balança com tal precisão. A resposta que quase todo médico já tem na ponta da língua é: a quantidade que cabe no bocal de uma caneta Bic®. Pronto, aí fica fácil medir. Já ouvi dizer de famílias que separam uma tampa dessas canetas só para isso e vão usando aquela quantidade de sal ao longo do dia.

Para outras coisas, entretanto, não é tão simples encontrar a medida certa. Vou compartilhar com você algumas das quais me parecem especialmente desafiadoras neste aspecto. Veja o texto de **Eclesiastes 7: 15-18**: “Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há ímpio que prolonga os seus dias na sua maldade.

Não sejas demasiadamente justo, nem demasiadamente sábio; por que te destruirias a ti mesmo? **Não sejas demasiadamente perverso,** nem sejas tolo; por que morrerias antes do teu tempo? Bom é que retenhas isso, e que também daquilo não retires a tua mão; porque quem teme a Deus escapa de tudo isso”.

O que é ser demasiadamente justo? Ou melhor, quanto é ser demasiadamente justo? E demasiadamente sábio ou perverso? Como quantificar isso? Existe alguma medida de perversidade que parece boa e alguma medida de justiça e sabedoria que parece desarranjar mais do que melhorar?

Penso muito sobre essa quantificação, por assim dizer, especialmente aplicada ao mundo do trabalho. A Bíblia valoriza (e muito) o trabalho. O apóstolo Paulo, por exemplo, vai dizer aos Tessalonicenses em sua segunda carta a eles: “Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2 Ts 3:10). Voltando ao livro de Eclesiastes, Salomão vai dizer “tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Ec 9:10). Ou seja, trabalhar é necessário e importante. Mas a mesma Bíblia também traz no Salmo 127 que é “inútil levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados Ele o dá” (ou seja, dá o pão, o sustento) “enquanto dormem” (Salmo 126: 2). Ora, é para trabalhar já que se precisa comer ou é para dormir e deixar tudo por conta de Deus? A melhor resposta me parece ser que deve-se fazer as duas coisas: trabalhar o máximo que se pode, mas também descansar na provisão do Senhor.

Creio que devemos trabalhar até o ponto em que isso não nos prive de escolher a melhor parte. Lembra de Marta e Maria, as duas irmãs de Lázaro e amigas de Jesus? A casa devia ter ao menos trezes homens a serem alimentados (Jesus, seus doze discípulos e Lázaro). Marta estava louca na cozinha tentando fazer o melhor. Mas Jesus disse que a irmã, Maria, que estava aos seus pés ouvindo-o, era quem tinha escolhido a melhor parte. Trabalhe, mas não deixe que sua atividade lhe roube o seu tempo de estar aos pés de Jesus.

Trabalhe também até o ponto em que isso não faça com que você coloque na sua profissão (vale também para as atividades domésticas) o seu coração. Lembre-se do alerta de Jesus: onde estiver o seu tesouro, ali vai estar o seu coração (Mateus 6:21). Se o

seu trabalho se tornar o seu tesouro, você passará a viver em função dele, porque nós vivemos em função daquilo que domina os nossos corações.

Mas porque então esse versículo do Salmo 126 existe? Porque você pode trabalhar muito (quer comer, então mãos à obra!) e trabalhar muito bem (fazer conforme todas as suas forças), mas se o Senhor não for o seu provedor, tudo não vai passar de cansaço e fadiga, um eterno ciclo vicioso de colocar comida na mesa e pagar impostos.

Sobre os outros “demasiadamente”, vão ficar para as cenas dos próximos capítulos.

TEXTO 64

Medida certa – pt.2

12 de março de 2018



Na última semana, quando saía do estacionamento onde costumo colocar o carro às tardes de quarta e manhãs de quinta no local em que trabalho, entreguei ao funcionário uma nota de dois reais e mais dois reais em moedas, estas dadas como troco do pagamento do dia anterior. O valor do estacionamento é três reais, mas no dia anterior (na quarta) eu achei que tivesse entregue quatro reais e que, portanto, só deveria receber um real de troco. Disse ao funcionário que achava que o colega dele havia se equivocado e me dado um real a mais e que por isso eu estava devolvendo esse valor excedente das moedas. No fundo, eu não tinha certeza se o funcionário havia se equivocado. Mas, na dúvida, preferi não ficar com algo que talvez não fosse meu. Só depois me ocorreu que havia pago cinco reais no dia anterior, e que o troco correto seriam mesmo aqueles dois reais.

Fui assim demasiadamente justa? Resposta simples: não! Creio que não era de situações como esta que o autor de Eclesiastes falava ao considerar sobre os riscos de ser demasiadamente justo. Precisamos primeiro entender o contexto em que isso foi escrito. Para os estudiosos que acreditam ser Salomão este autor, o livro deve ter sido escrito no final de sua vida. Neste momento, Salomão era um homem mais maduro e também, ao que parece, mais pessimista quanto à realidade nua e crua. Ele provavelmente havia visto de (quase) tudo e não tinha como negar, portanto, que a vida é sim muitas vezes injusta: o mocinho muitas vezes sofre muito e o vilão se dá bem. É uma sensação parecida com a que o salmista expressou no Salmo 73. Asafe, o autor deste Salmo, vai dizer “eis que são estes os ímpios; e, sempre tranquilos, aumentam suas riquezas. Com efeito, **inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência. Pois de contínuo sou afligido...**” (Salmo 73:

12-14a). Asafe era outro que sabia que ser puro e limpo nem sempre significava se dar bem. Ainda vai mais adiante: “Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim” (vs 16).

Colocando lado a lado esses dois textos, parece-me que o ensino é de que, se nos considerarmos justas demais (o verbo **considerar** aqui é proposital; podemos até nos considerar muito justas e corretas, mas provavelmente de fato nunca seremos o tanto que devemos ser), pode-se chegar a um ponto em que julgamos o sofrimento inadequado e impróprio para nós. E é tão difícil compreender e aceitar estes fatos que acontece o expresso por Salomão: destruímo-nos a nós mesmas; a tarefa fica pesada, como disse Asafe no Salmo. Anderson Paz, no site www.conexaoeclesia.com.br, vai dizer que “o exageradamente justo não é aquele que exige justiça de si mesmo, mas sim o que exige ser tratado conforme sua própria justiça”. Alguns usam Jó como exemplo disso. Um homem que segundo depoimento de ninguém menos que o próprio Deus era íntegro e reto a ponto de não haver na terra semelhante a ele. Mas na hora do aperto, Jó reivindicou de Deus não ser merecedor de tamanho sofrimento.

Talvez algo como “sou justo demais para sofrer assim”.

A Vida, minha cara, não necessariamente irá tratá-la em consonância com o tamanho da sua integridade. Ela não necessariamente irá tornar-se mais fácil à medida que você aperfeiçoa o seu caráter. Então não queira correr o risco de se auto destruir ao criar expectativas assim. Seja justa e seja sábia o máximo que conseguir.

Aliás, o Pregador atesta em Eclesiastes 7 que “a sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor” (Ec 7:12). Porém não acredite que isso é moeda de troca para uma existência de sombra e água fresca o tempo todo.

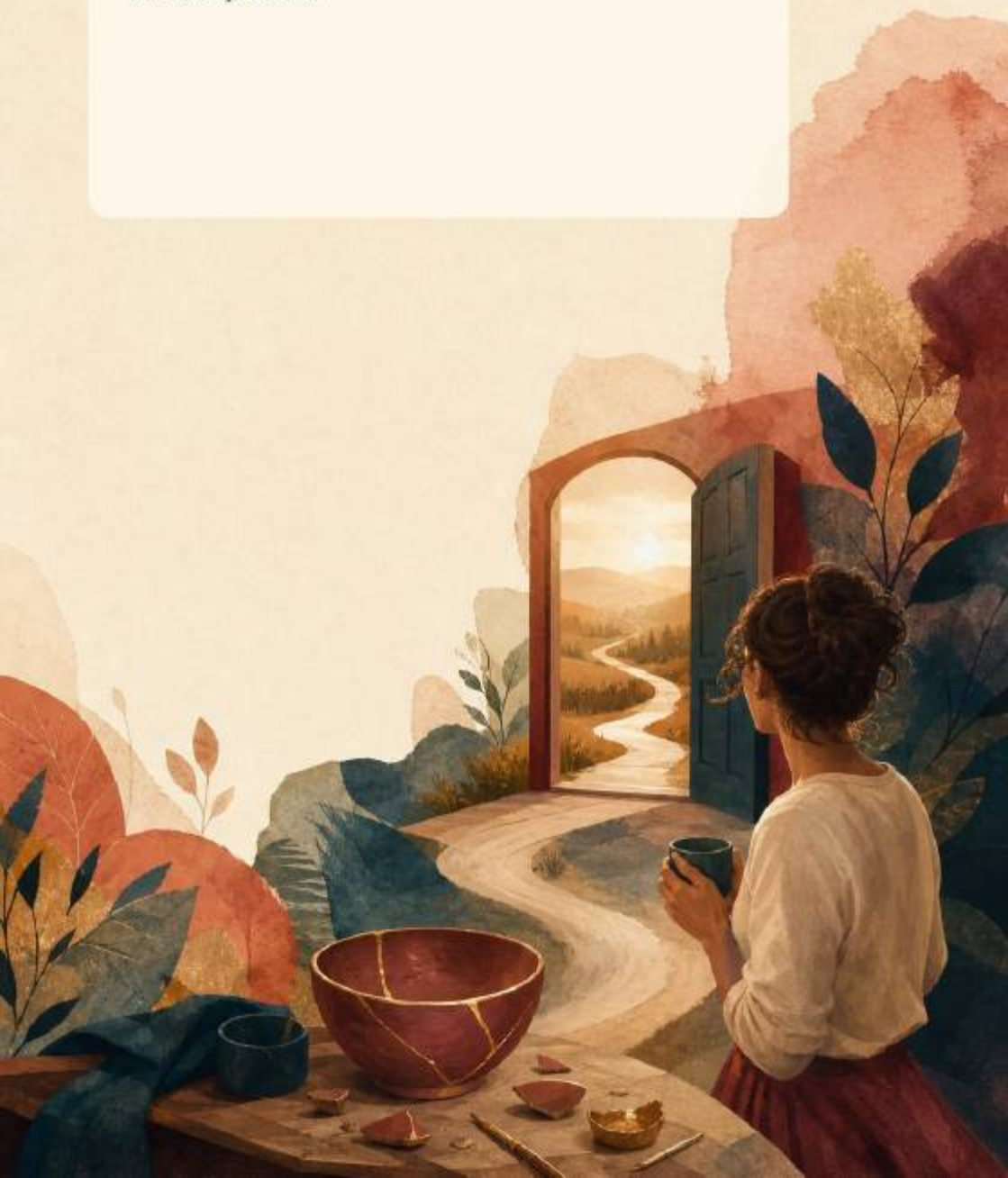
Lembremos também das palavras de Jesus em Mateus 5:20. Ele já havia pregado o famoso Sermão do Monte, fala com dos discípulos sobre como eles deveriam ser importantes para o mundo – ser sal e luz, adverte-os que toda a Lei (as Escrituras) irão se cumprir e no final alerta: “se a vossa justiça não exceder, **EM MUITO**, a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”.

Seja muito justa (íntegra). Seja muito correta. Seja muito sábia. O máximo que você puder. Deixe o resto com Aquele que é “**a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre**” (Salmo 73:26). Mesmo depois de tanta angústia por ver que os ímpios se davam bem, a conclusão a que Asafe chega sobre Deus é essa aí.

TEXTO 65

Re-co-me-çar – pt. 1

27 de março de 2018



Inspirada por uma das últimas leituras que fiz de John Stott, confesso não ter certeza se em seu livro Para Entender a Bíblia ou no Desafios da liderança cristã, decidi ler novamente o livro de Neemias. Para Stott, uma das maneiras de se iniciar a estudar a Bíblia é lendo os seus quatro grandes começos: Gênesis (começo do universo), Mateus (começo da vida e ministério terrenos de Jesus), Neemias (começo da reconstrução de Jerusalém) e, salvo engano, Apocalipse (seria o começo do fim).

Optei por reler Neemias, já que havia passado pelos outros três não faz muito tempo. Logo no primeiro capítulo, me dei conta de que tenho muito a aprender sobre o que significa e como se deve RE-CO-ME-ÇAR. Faço questão de escrever assim, em letras maiúsculas e com separação de sílabas, para dar ênfase no quanto este processo é importante, necessário e algo complexo, embora não necessariamente difícil. E pude perceber também que a história protagonizada por Neemias e descrita no livro que leva seu nome tem muito a nos ensinar.

A primeira coisa que aprendi é que boa parte dos recomeços começa por choro e lamento, às vezes por alguns dias. Neemias, um copeiro do palácio real do império Persa, o qual havia conquistado Israel e levado muitos de seus cidadãos cativos, depois de ter ouvido sobre o estado desolador no qual se encontrava sua terra natal disse: “...assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus”. (Neemias 1:4).

Caso tenha chamado a sua atenção o fato dele jejuar e orar, voltaremos especificamente a este tema no próximo estudo. Mas aqui queria dar ênfase sobre a reação de Neemias. Infelizmente nos

nossos dias, sobretudo no meio cristão protestante, as lágrimas de lamento e tristeza têm sido muitas vezes condenadas a uma natureza quase maldita. Triunfalistas que somos, negamos a nossa humanidade (que neste aspecto nada tem de maligna) que nos leva a sentar, chorar e lamentar às vezes por vários dias, diante do que nos aflige. Creio que Neemias fez o que o profeta Jeremias sugere no livro das suas lamentações: ele derramou o coração como água diante de Deus.

Mas Neemias trouxe diante de Deus não apenas o seu pranto, mas também um claro reconhecimento de quem Ele é: “E disse: ah, Senhor, Deus dos céus, Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos” (1:5). Neste início de oração, Neemias reconhece quem Deus é: grande, temível, e fiel àquilo que Ele diz (ou, dito de outra forma, fiel às alianças que Ele faz). Saiba, minha cara, que o (re)conhecimento que você faz de Deus define muito da maneira com a qual você irá empreender os seus recomeços. Se você sabe quem Deus é e o quanto Ele é confiável, isso reduz em muito a sua susceptibilidade a uma das maiores ameaças aos recomeços e reconstruções da vida: o medo. Quem conhece Deus não teme!

Em seguida, após chorar e reconhecer quem Deus é, Neemias pede que o Senhor ouça à oração que ele está prestes a fazer em favor do seu povo: “Estejam atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para acudires à oração do teu servo, que hoje faço à tua presença, dia e noite, pelos filhos de Israel...” (vs 6a). Nada nos custa pedir a Deus que acuda à nossa oração. E a oração de Neemias, anunciada por

uma petição – “pelos filhos de Israel” – na verdade continua com confissão.

Eis aqui um ponto delicado, porém muito importante. Não é sempre assim, mas muitas vezes aquilo que nos faz sentar, chorar e lamentar e ir buscar socorro em Deus, só aconteceu por conta de pecados cometidos. Preste bastante atenção: não é sempre assim! Às vezes sofremos porque viver nos deixa susceptíveis a isso. Mas às vezes sofremos porque pecamos. Quando é este o caso, não há como recomeçar e reconstruir de forma bem-sucedida, sem que antes haja confissão e arrependimento.

Nosso protagonista vai dizer “...e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, os quais temos cometido contra ti; pois eu e a casa de meu pai temos pecado. Temos procedido de todo corruptamente contra ti...” (vs 6b e 7a).

Recomeçar, então, se inicia por sentar e chorar (faz-se necessário!), reconhecimento de quem Deus é – **Deus GRANDE E TEMÍVEL** – seguido de arrependimento e confissão de pecados, quando é este o caso.

TEXTO 66

Re-co-me-çar – pt. 2

3 de abril de 2018



Se houve algo que não faltou a Neemias durante sua tarefa de liderar a reconstrução de Jerusalém foi oração. No primeiro texto, comentamos que boa parte dos recomeços se inicia por choro e lamento, às vezes por alguns dias. Neemias assim o fez, mas não parou por aí. Logo depois de chorar, ele esteve “jejuando e orando perante o Deus dos céus” (Neemias 1:4). Nessa oração, como já comentamos, Neemias reconhece quem Deus é (grande e temível) e faz confissão de pecados.

Parece que Neemias não tinha muita dúvida de que, para recomeçar – o que muitas vezes implica em tomar decisões importantes – era preciso, antes de tudo, orar. Quando estava diante do rei e este o indagou porque encontrava-se triste, Neemias primeiro tem medo: “então temi sobremaneira” (Capítulo 2, verso 2b). E para dar uma resposta adequada à proposta do rei (“que me pedes agora?” – capítulo 2, verso 4a), Neemias prontamente orou ao Deus dos céus (versículo 4b). Diante dessa grande oportunidade, que deveria ser muito bem aproveitada, antes de responder qualquer coisa que lhe viesse à mente, Neemias ora.

Toda reconstrução, para ser bem-sucedida, deve ser regada por muita oração. Não só as orações de arrependimento e confissão, bem como de reconhecimento de quem Deus é, mas também aquelas que precedem a tomada de decisões e a emissão de respostas. Ao responder à pergunta do rei, depois de ter orado, Neemias é claro com ele quanto ao que queria (“peço-te que me envies a Judá...para que eu a reedifique” – capítulo 2, versículo 5) e ainda ousa fazer pedidos diplomáticos e financeiros (versículos 7 e 8) que seriam fundamentais para que seu projeto tivesse êxito. A oração nos ajuda a sermos precisos quanto às respostas que devemos dar. Se Neemias

tivesse feito apenas o pedido diplomático, teria chegado a Jerusalém a salvo, porém sem madeira para trabalhar. Se tivesse pedido apenas a madeira, talvez não conseguisse chegar com ela em Jerusalém.

Oração temente e sincera é o que faz com que a boa mão do Senhor seja conosco.

“E o rei as deu a mim, porque a boa mão do meu Deus era comigo” (2:8b). Orando, reconhecemos que as portas que nos são abertas não o são pela simples benevolência dos homens, mas pela bondade e soberania do Senhor. Neemias sabia que aquele rei tão poderoso não atendeu aos seus pedidos porque era um homem legal, mas porque Deus estava com ele (Neemias) naquele projeto.

É orando também – e aqui me parece haver um grande desafio, ao menos para mim, nos dias atuais – que conseguimos discernir o que é que Deus coloca no nosso coração para fazer. Depois da grande vitória de ter conseguido do rei persa autorização diplomática para viajar a Jerusalém, além de madeira para o trabalho que faria, Neemias tinha tudo para chegar fazendo barulho, expondo que uma vez que estava na cidade as coisas começariam a ser diferentes. Mas ao invés de estardalhaço, Neemias escolhe o silêncio. “Cheguei a Jerusalém, onde estive três dias. Então, à noite me levantei, e uns poucos homens, comigo; não declarei a ninguém o que o meu Deus me pusera no coração para eu fazer em Jerusalém” (capítulo 2, versos 11 e 12).

Aprendo aqui que há coisas que Deus coloca no meu coração para fazer e que não necessariamente preciso anuncia-las aos quatro ventos. Às vezes, a decisão mais inteligente é ser discreta, chamar

pouca gente para estar contigo, fazer quase sem ser notada. Mas só há uma maneira de discernir o que é que Deus coloca no meu coração para fazer: orando! Se o nosso coração é enganoso mais do que todas as coisas, como a Bíblia diz que é (Jeremias 17:9), só há como discernir o que é de Deus e o que não é ouvindo-o. Ore também para ouvir Deus. Ore para saber o que Ele está colocando no seu coração para fazer.

O resultado de reconstrução regada a oração, quando sabemos o que Deus colocou no nosso coração, é um só. Mesmo diante dos questionamentos e afrontas do inimigo, poderemos responder como Neemias: “o Deus do céu é quem nos dará bom êxito; nós, seus servos, nos disporemos e reedificaremos” (capítulo 2, versículo 20a).

TEXTO 67

SURF

17 de outubro de 2018



Você se recorda do Gabriel Medina? Ele é um jovem surfista brasileiro que há alguns poucos anos foi campeão mundial de surf. Lembro-me que depois disso ele apareceu em alguns programas de televisão, deu muitas entrevistas, virou garoto propaganda de algumas marcas. Foi por este tempo em que ele estava mais em evidência, num dos raros momentos em que eu paro diante de uma televisão, que vi uma reportagem sobre o treinamento dele.

Uma das partes que mais me chamou a atenção foi quando mostraram Gabriel andando debaixo da água, no mar, carregando uma pedra pesada o suficiente para ter de ser segurada com as duas mãos. A profundidade não era absurda mas aquela necessária para mantê-lo por completo imerso na água, com o corpo discretamente curvado. O exercício consistia em caminhar alguns passos, com o corpo todo coberto pela água e, portanto, sem respirar, carregando a pedra. O padrao e treinador de Gabriel explicou que esse era um dos principais exercícios de surfistas profissionais.

E qual a finalidade disso? Para o surfista de grandes ondas, é necessária uma alta capacidade de conseguir permanecer um período mais longo debaixo d'água, caso aconteça dele cair antes da onda quebrar, e também força física para voltar à superfície. Portanto, era um exercício de treinamento de apnéia e força. Talvez para mim e para você andar alguns passos debaixo da água carregando uma pedra pareça loucura, mas para quem almeja ser campeão mundial de surf, fazer isso é absolutamente necessário.

Tenho me lembrado bastante dessa cena do treinamento de Gabriel Medina nesses últimos dias. Isso porque olhando só um pouco para trás, vejo que Deus me colocou em situações de vida que mais se

parecem com esse treinamento. Não dá pra querer estar na crista da onda, nem literalmente falando, sem ter capacidade de apnéia e sem ter força. E o que gera essa capacidade e essa força é um tempo prévio de desconforto, aperto, talvez até certa angústia, carregando pedra debaixo d'água.

Não se pode querer estar em uma boa posição no ranking da vida – e aqui não estou nem de longe falando em dinheiro ou status social – sem a fase árdua de antes. E vejamos que curioso – essa fase árdua só vem à tona quando o resultado que ela gera fica evidente. Talvez se Gabriel nunca tivesse sido campeão, apenas pouquíssimas pessoas saberiam o que lhe custou chegar lá. Vou ser redundante: não se fazem campeões que antes não carregam pedras.

Você já se perguntou se uma fase árdua da sua vida, de situações adversas, desconfortáveis, angustiantes, não podem servir para que você adquira as habilidades necessárias, quaisquer que sejam, para o que virá depois? De maneira geral nós queremos evitar essas situações. Nada mais natural, ninguém gosta de sofrer ou sentir dor. Não pretendo aqui também fazer apologia ao sofrimento – se tem alguém que detesta sofrer, sou eu. Creio sim que precisamos abrir os nossos olhos para reconhecer que algumas posições simplesmente não podem ser ocupadas por quem não foi preparado para estar lá. E muitas vezes o jeito que a vida (ou Deus) nos prepara não é nada simpático.

Quer um exemplo bíblico? Porque você acha que José passou um tempo sendo mordomo na casa de Potifar? Ali o Senhor o estava ensinando a ser um administrador – primeiro, de uma casa; depois, de um grande reino. Porque Davi ficou um tempo esquecido nos

pastos cuidando das ovelhas do pai? Ali o Senhor o estava ensinando a defender a si mesmo e suas ovelhas de urso e leão, porque depois ele teria que defender a si e a seu povo de Golias e exércitos inimigos.

Uma das orações de Davi que minha mãe me ensinou ainda nova até hoje eu repito com certa frequência: “Bendito seja Senhor, rocha minha, que treina as minhas mãos para a batalha e os dedos, para a guerra” (Salmo 144:1). Deus nos treina para a batalha da vida! Precisamos reconhecer que esse treinamento dificilmente será tomando água de côco na areia. Na maior parte das vezes, chega uma hora que teremos que carregar pedra debaixo da água, sem respirar. Dali vem nossa habilitação para estar na crista das maiores ondas e no topo do ranking.

Larissa Santos Novais

TEXTO 68

LIDIA

23 de outubro de 2018



“Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia”. Atos 16: 14.

Assim Lídia é apresentada na Bíblia por Lucas, médico e autor do livro de Atos, bem como do evangelho que leva seu nome. Neste contexto em que Lídia é apresentada, nos versículos anteriores é dito que eles estavam na cidade de Filipos, junto de um rio, em um lugar que parecia ser de oração onde falavam “às mulheres que para ali tinham ido” (vs 13b). Lídia, então, era uma dessas mulheres.

É interessante o destaque que Lucas dá às mulheres na sua narrativa. Um pouco mais adiante no livro de Atos, já em Tessalônica, é descrito que “**muitas distintas mulheres**” e numerosa multidão de gregos piedosos haviam se unido a Paulo e Silas (Cap 17. Vs 4). No versículo doze do mesmo capítulo é registrado que “**mulheres gregas de alta posição**” e não poucos homens também creram na mensagem de Paulo.

Voltando a Lídia, depois de ter aberto o coração para as coisas que Paulo dizia, ela e toda sua família foram batizadas e sua casa passou a ser o lugar de hospedagem dos apóstolos (vs 15 do capítulo 16). Lucas fala da origem de Lídia (da cidade de Tiatira) e fala do seu ofício, vendedora de púrpura. Àquela época, a púrpura era uma tinta bastante valorizada comercialmente, o que indica que Lídia provavelmente era uma mulher rica. Na Bíblia de Estudo da Mulher, o comentário sugere que Lídia deve ter sido uma mulher batalhadora, inteligente e ousada para ter alcançado tal sucesso. Se isso for verdade, e provavelmente o é, Lídia é muito parecida com

muitas de nós, ainda que nossas contas bancárias talvez não sejam tão fartas quanto a dela provavelmente o era.

Lídia, portanto, não carecia de necessidades materiais. Ela tinha uma profissão rentável, uma casa ampla o suficiente para receber visitas (veremos que ela não só hospedava Paulo e Silas mas passa a ter sua casa como lugar de reunião da igreja naquela localidade) e uma posição de liderança e influência na sua família. Já vimos acima que não apenas ela, mas toda sua casa, foram batizadas.

Porém a super Lídia, ousada, inteligente e rica era mais do que isso. Era temente a Deus a ponto de atender, obedecer, seguir, às coisas que o apóstolo Paulo estava ensinando. Se você ler a trajetória de Paulo relatada em Atos verá que basicamente ele ensinava sobre Jesus. Super Lídia reconheceu que nada do que era ou possuía podia ser mais importante do que seu temor a Deus, a ponto de ela abrir sua casa como local de reunião dos cristãos. Foi para lá que Paulo e Silas dirigiram-se ao serem miraculosamente libertos da prisão pelo Senhor (vs 40 do cap 16).

Lendo este trecho recentemente, fiquei me perguntando o que alguém escreveria sobre mim. Será que minha breve biografia se resumiria a algo como: Larissa, nascida em Itapetinga, morou a maior parte da vida em Salvador, médica cardiologista? Por alguns instantes me perguntei se o meu temor a Deus seria digno de nota como o de Lídia o foi. Por alguns instantes me perguntei se o conforto material de que desfruto me impede de amá-lo mais. Por alguns instantes me perguntei se o ser batalhadora, ousada, um mínimo inteligente, me impede de atender às coisas que o Senhor me diz.

A maior riqueza de Lídia não era a púrpura que vendia. Era seu coração devotado a Deus. O que garantiu a ela e à sua família alegria plena não foram as cifras bancárias, mas a comunhão com Jesus e sua igreja.

Super Lídia. Que essa mulher destacada nas Escrituras nos ajude a entender que não adianta ganhar o mundo inteiro e perder a alma.

Espero que, se um dia, alguém resolver falar de mim, fale de qualquer coisa, mas não deixe de registrar meu temor a Deus, se é que o tenho. Nem que essa seja a única lembrança a meu respeito: Larissa, temente a Deus, escutava às coisas que Ele lhe dizia.

Larissa Santos Novais

TEXTO 69

RENOVO

22 de novembro de 2018



RENOVO

Novos ventos, novo tempo.

Nova caminhada. Novos dias. Novas risadas.

Novo cheiro. Nova cor. Novo sabor.

Nova vida.

Novos tropeços. Novos recomeços.

Nova estrada. Novo raiar de sol.

Novas conversas.

Novas saídas. Nova chegada.

Novo olhar. Novo ouvir. Novo “vai lá”.

Contemplar um mundo novo. Viver uma nova vida.

O RENOVO faz novas todas as coisas.

“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que tudo se fez novo!” II Coríntios 5:17

Larissa Santos Novais

TEXTO 70

PARA O ANO NOVO

26 de dezembro de 2018



Estamos a poucos dias de mais uma virada de ano e nada mais natural do que o de sempre (ou quase sempre), ao menos para os mais otimistas: fazer planos, traçar metas, sonhar novas conquistas, abandonar hábitos ruins, iniciar os bons...

Queria deixar aqui o meu conselho para essa próxima virada de ano. Não que meus conselhos sejam pertinentes ou necessários; a arrogância que por vezes me assalta ainda não me levou até esse lugar de achar que o sejam. Compartilho apenas porque até aqui tem dado certo.

Era meado de 2018 e eu estava completamente imersa em tudo que envolve a compra de um apartamento novo. Depois de dois anos aguardando a venda do espaço físico que havia abrigado meu antigo lar, chegara a hora de sair. Embora muito desejada, foi uma saída repleta de esquisitices. Por dentro e por fora.

Finalmente, depois de muita andada, havia escolhido o novo imóvel. Exatamente o que sonhei. Muito longe da realidade dos meus recursos, até onde eu conseguia enxergar. Então orei. E Deus respondeu: “é esse que você quer? Pode ir. Eu vou te dar”. E assim fui dando passos. O famoso “sinal” no ato da assinatura do contrato de compra e venda; depois mais partes da entrada. Impostos de cartório, alguns que eu nem imaginei existirem. Mas no dia do pagamento, o recurso estava lá.

E cada vez que eu me via inquieta pela proximidade de um pagamento, lembrava do que Deus havia me dito tão logo eu assinei o contrato de compra e venda (nessa ocasião, eu mesma dava por certo que precisaria vender o carro para dar conta do apartamento).

Mas o conselho que veio do alto foi: “viva um dia de cada vez. Se você se preocupar com o que pode ou não acontecer, você não vai dar conta. Viva um dia de cada vez”.

E assim, vivendo o hoje permitido pelo Senhor, toda a entrada foi dada, os impostos pagos, as prestações do financiamento estão todas em dia. A obra está em andamento, com todos os fornecedores até aqui pagos sem atraso. Nenhum boleto ou prestação atrasada mesmo quando algum salário meu eventualmente não foi pago na data prevista. Pude ainda assim ajudar algumas pessoas e manter a entrega regular de determinados valores. Porque sou rica? Em hipótese; fui presenteada, inclusive, nesse período! Mas porque Deus é bom e fiel. Escrevo isso em um momento que ando até meio zangada com Ele por outros motivos. Mas não posso negar que Ele é BOM e FIEL.

Então, se eu tiver que te dar um conselho para 2019, seria reproduzir o que ouvi e tenho experimentado de forma muito especial neste ano que se encerra: viva um dia de cada vez; se Deus é seu Senhor, é também seu provedor, seu sustento. Jesus disse que basta a cada dia o seu mal (Mateus 6:34). Uma amiga minha, outro dia desses me escreveu lembrando que o dia de amanhã trará suas próprias dores, mas também suas próprias alegrias. Viva um dia de cada vez!

Feliz Ano Novo!

TEXTO 71

A GRAÇA DELE BASTA... (parte 1)

12 de fevereiro de 2019



...PARA TE FAZER FELIZ!

Este deveria ser o último texto desta série, mas passou a ser o primeiro. Talvez começando pelo fim você entenda melhor o começo. Afinal, ser feliz é uma busca tão constante e trilhada por meios os mais distintos, mas que esbarra em pedras no caminho – aquelas que realmente existem e aquelas que nós mesmas decidimos colocar. E são justamente essas pedras que fazem a felicidade parecer fugaz quando não irreal.

Mas a Bíblia registra uma revelação preciosa que o apóstolo Paulo recebeu. Diante da luta que travava consigo mesmo por conta de um espinho na carne (não iremos aqui explorar o significado disto), algo que intensamente o incomodava e afligia e que, portanto, ele pedia a Deus que tirasse de si, a resposta divina foi: **“a minha graça de basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12:9).**

Isso não é novo. Já falamos sobre isso outrora. Mas faz-se necessário repetir: são nas nossas circunstâncias de maior fragilidade, vulnerabilidade, fraqueza e incerteza, ou seja, naquelas circunstâncias que em teoria nos impediriam de ser felizes, que o poder de Deus se torna ainda mais perfeito!

Como graça de Deus, pessoalmente gosto de definir como um frescor vindo da parte Dele; um sopro, uma chuva, uma bênção ou, como muitos gostam de dizer, um favor não merecido. Quando você está ressequida interiormente, Deus manda (e pode fazê-lo de diferentes formas) um orvalho de alívio para a alma. Quando você supõe que nada irá mudar para tornar seu dia um pouco melhor, Deus sopra

algo de bom sobre sua vida, te dando um novo impulso, um novo ânimo, um novo vigor. Quando você tem convicção de que não merece nada de bom dos céus, Deus te presenteia e te favorece. Tudo isso é graça!

Percebe que a graça de Deus para se manifestar da forma mais nítida o possível precisa encontrar um ambiente de humildade e em certo sentido, de aflição e angústia? Pessoas que se sentem muito “bem resolvidas, obrigada” sem Deus nunca serão alvo da Sua graça. Aliás, a Bíblia diz isso explicitamente: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tiago 4:6, citando Provérbios 3:34). Humilde aqui não quer dizer, necessariamente, pobre materialmente. Significa antes um reconhecimento de total dependência do Alto, independente de quanto entra na conta ao final do mês.

A Graça de Deus é suficiente para sobrepujar toda circunstância capaz de roubar sua alegria. E Ele sabe como demonstrá-la a cada uma de nós. Eu posso recordar nitidamente a reação de uma colega de trabalho quando liguei para ela avisando que, em função do trânsito, talvez me atrasasse um pouco para o processo de seleção para o estágio de Ecocardiografia no hospital onde estava terminando a residência de Cardiologia. Foi uma reação de surpresa inegável (“mas você vem fazer a prova?!”) mas absolutamente compreensível. A prova ocorreu apenas nove dias depois da morte do meu então esposo.

Nem eu sabia direito porque estava indo para lá. Eu estava um zumbi no carro enquanto meu irmão dirigia. Chorei muito antes e depois da prova. Recebi abraços carinhosos dos colegas. E o resultado foi que alcancei aprovação. E essa benção (graça de Deus)

concedida pelo Senhor em um momento de absoluta fragilidade mudou radicalmente, e para melhor, o meu exercício profissional. Até hoje desfruto dos benefícios de ter sido aprovada naquele dia de dor e escuridão na alma.

Não tenha medo dos seus momentos de fraqueza. Dependendo do Senhor. Dê a Ele a chance de surpreendê-la com a maravilhosa GRAÇA que só ELE tem para dar! O que te impede de ser feliz não é a doença, nem a situação financeira longe da que você queria que fosse; tampouco o fracasso profissional e/ou familiar. Essas coisas podem nos abater mas, para quem as vive em humildade aos pés da cruz, a GRAÇA do PAI será suficiente para, apesar delas, te fazer sorrir.

Dependa do Senhor. Confie Nele e desfrute da sua GRAÇA.

TEXTO 72

A GRAÇA DELE BASTA (parte 2)

19 de fevereiro de 2019



...PARA TE FAZER FLORESCER NO DESERTO!

Poucas coisas podem soar mais grotescas do que pedir ou esperar que alguém dê bons resultados quando as circunstâncias não são favoráveis. Esperar que uma criança que cresceu em um ambiente social e emocional inóspito seja um adulto muito bem equilibrado, por exemplo. Ou que uma mulher que vive sendo violentada física e verbalmente esteja frequentemente de bom humor. Aguardar o dia em que um(a) jovem que cresceu nas ruas, à mercê da sorte, se torne um profissional exemplar, de uma carreira humanamente brilhante e salário estratosférico. Tudo isso, conquanto não seja impossível afinal, nada na vida o é, passa longe do escopo do razoável.

Mencionei situações extremas que talvez retratem um deserto perene na vida ou até uma vida que é definida por deserto; pura aridez. Mas trazendo para a realidade de provavelmente boa parte das que leem agora; realidade de gente “normal”, que segue a rotina com as intempéries cotidianas que se apresentam a todas nós porém não vivem nos extremos de sequidão mencionados antes – realidade de gente que vai encontrar pelo caminho motivos para chorar e que transformarão o viver, ainda que temporariamente, seco e árido. É possível esperar que vá sair algo de bom de nós, quando a realidade for esta?

Aos olhos humanos, novamente, passa longe do escopo do razoável. Mas, segundo a Bíblia, é possível sim. Tudo depende de onde estamos plantadas. Tudo se define por apenas dois aspectos: onde se encontram nossas raízes e onde se encontra o nosso olhar. A depender desses aspectos, o tempo de deserto pode ser fatal ou pode

ser uma oportunidade para sermos surpreendidas pela maravilhosa GRAÇA de Deus.

Sobre as raízes, há dois textos que me chamam muito a atenção. O primeiro é o Salmo 1, muito conhecido entre a cristandade. Ele vai dizer (e aqui tomei a liberdade de colocar o sujeito no feminino): “Bem-aventurada a mulher que não anda no conselho dos ímpios...Ela é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto e cuja folhagem não murcha” (versículos 1 e 3). Jeremias em seu livro vai dizer algo muito semelhante, mas com um detalhe extra que torna essa metáfora da árvore ainda mais enfática: “Bendita a mulher que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor. Porque ela é como árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, **no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto**” (Jeremias 17:7).

Percebe que quando as raízes estão junto às águas – que segundo a Bíblia, é Jesus, a fonte de águas vivas (João 4) – o tempo de calor e sequeidão vem, mas apesar disso, a folha continua verde e os frutos ainda aparecem? Percebe que isso não depende da espécie da árvore, mas de onde ela está plantada? O deserto chega para todas; mais ou menos intenso, ele chega. Sobreviver a ele depende, em primeiríssimo lugar, de onde estão suas raízes.

Depende também de onde está o seu olhar. Quem olha para a força das ondas, das circunstâncias nas quais se encontra (e confesso aqui fazê-lo frequentemente, como Pedro o fez) tende a naufragar. Quem opta por seguir os conselhos do apóstolo Paulo atravessa o deserto.

Pode até chegar do outro lado um pouco queimada, marcada pela travessia extenuante, mas chega. Em Hebreus 12:1-2, ele vai dizer: “...e corramos com perseverança a corrida que nos está proposta, **olhando fixamente para o Autor e Consumador da fé: Jesus**”. E em Filipenses 3:13,14: “...esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo”. O olhar estava no alvo não no que havia ficado para trás.

Os desertos inevitavelmente virão. Se nossas raízes e nosso olhar estiverem nos locais certos, acredite, até bons e vistosos frutos de nós, pela graça de Deus, sairão.

Salvador, 19 de Fevereiro de 2019

TEXTO 73

MEMÓRIA CURTA

25 de setembro de 2019



Nos últimos meses, por mais de uma vez, ouvi de diferentes formas e por diferentes pessoas sentenças que juntas se resumiriam no seguinte: “Lembre-se, Larissa: ELE, o SENHOR, é O MESMO...”. Essa expressão aparece em Deuteronômio 32:39, Isaías 43:3, Isaías 45:3. Em Isaías 46:4, Deus parece ser ainda mais enfático: “**Até à vossa velhice**, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregarvos-ei e vos salvarei”. A tradução da Nova Versão Internacional, mais sintética e singela diz: “**Mesmo na sua velhice, quando tiverem cabelos brancos, sou eu aquele, aquele que os susterá**. Eu os fiz e eu os levarei; eu os sustentarei e eu os salvarei”.

E por que Deus precisa me lembrar tanto disso? Porque tenho memória curta. Ela parece ser do tamanho do espaço de tempo que compreende a velocidade da mudança das circunstâncias – pequeno. E, como diz a vinheta da Band News FM, em vinte minutos tudo pode mudar, parece que muitas vezes minha fé também é assim: em vinte minutos, mudam-se as circunstâncias, eu esqueço de quem é o Senhor.

Um fato muito curioso do meu passado me faz pensar de novo nisso. Em Janeiro de 2001, com apenas quinze anos de idade, prestes a me mudar para Salvador para concluir o ensino médio e prestar vestibular, às vésperas da viagem, eu chorava muito no meu quarto e dizia pra Deus o quanto eu estava com medo de tudo que essa mudança implicaria. Uma das coisas que o Senhor me falou naquela noite foi que eu passaria no vestibular de Medicina da UFBA (era a Universidade que eu deseja cursar) naquele mesmo ano. Na verdade, para aquela adolescente medrosa o Senhor falou assim: “não se preocupe que uma das vagas do vestibular desse ano já é sua”.

Pronto! Pense numa vestibulanda tranquila? Fui eu. Não que isso tenha me feito estudar pouco, baixar a guarda...em hipótese alguma! Eu tinha certeza que aquele aviso prévio não era carta branca de Deus para eu não estudar. Muito pelo contrário. Estudei muito, terminei o terceiro cansada, mas com a firme convicção de que eu passaria naquele vestibular da Federal. Findada a primeira etapa do vestibular (sim, eu tenho idade para não ter pego a fase de prestar apenas ENEM), com o gabarito em mãos, corriji minha prova. Me saí muito bem não fosse por um detalhe: pontuei apenas trinta por cento na prova de química, uma das disciplinas de maior peso para os cursos da área de saúde. Lembro como hoje da fisionomia da minha mãe quando contei que só tinha acertado trinta por cento das questões de química. O chão dela abriu. Por dentro, eu ri. Porque eu lembrava daquela palavra. Deus falou, Ele vai fazer.

Passei para a segunda etapa e quando saiu a lista final de aprovados, lá estava o meu nome. Pulamos, gritamos em casa, agradecemos. Mas o tempo todo “eu sabia” pelo simples fato de o Senhor ter me dito. E, conforme mamãe já havia ensinado anos antes, Deus não mente.

Anos se passaram. Eu estou envelhecendo. E parece que a fé insiste em também querer caducar. Parece que a fé vai querendo se tornar mais amiga das circunstâncias do que do Senhor da verdade. Uma das minhas características que mais chama a atenção de algumas pessoas, inclusive das que me conhecem há pouco tempo, é a minha memória. Consigo lembrar de coisas tão inúteis e às vezes de tanto tempo atrás. Mas minha memória frequentemente insiste em desconsiderar que ELE é o mesmo. O Deus que sustentou a adolescente de 2002 continua sustendo a mulher de 2019.

Ainda em Isaías 46, versículos 9 e 10, Ele volta a insistir:

**“LEMBRAI-VOS DAS COISAS PASSADAS DA ANTIGUIDADE:
QUE EU SOU DEUS, E NÃO HÁ OUTRO, EU SOU DEUS E NÃO
HÁ OUTRO SEMELHANTE A MIM;** que desde o início anuncio o
que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não
sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé; farei toda
a minha vontade.

Que eu e você possamos envelhecer sem encurtar a memória, crendo
firmemente nas palavras daquele que é o mesmo ontem, hoje e o
será eternamente!

TEXTO 74

CHUVA DE “BENÇA”

1 de outubro de 2019



Lembro de quando ele me cumprimentou no corredor do hospital pela primeira vez; fazia bem pouco tempo que eu estava trabalhando lá. Sorriso fácil, largo, com algumas unidades dentárias faltando, empurrando uma cadeira de rodas – não me lembro ao certo se com paciente sentada ou não. Eu, de jaleco e estetoscópio, provavelmente calçando saltinho ou sapatilha. Batom nude e bom perfume. Ele, com a farda marrom usada por todos os funcionários que exercem a mesma função. Eu ouço o quase grito feliz: “Bom dia, ‘Bença’!!! Eu devolvo um bom dia provavelmente não tão entusiasmado quanto o dele, mas também gentil, tentando me lembrar de qual serviço anterior o conhecia pois, para me cumprimentar daquele jeito, devia me conhecer de algum outro hospital. Não consegui recordar.

Havia acabado de conhecer “Bença”. Não sei o seu nome verdadeiro pois lá no trabalho ele é conhecido apenas pelo apelido carinho. É assim que ele se dirige a todos: médicos, equipe de enfermagem, funcionários da limpeza, pacientes, acompanhantes. Bença abençoa, acho que até sem querer, o dia de todo mundo. Lembro-me de ter chegado um dia para trabalhar não tão animada quanto gostaria. Enquanto esperava o elevador, lá vinha ele andando célere no sentido oposto do corredor. Ao passar por mim, como de praxe, deseja que Deus abençoe meu dia, sorrindo. Sempre, sempre sorrindo!

Ontem, na primeira metade da manhã, me deparei com uma mensagem no grupo do Corpo Clínico deste serviço. Havia uma lista cujo título era “Geladeira para Bença”. Cada um que colocava o nome se dispunha a contribuir com cinquenta reais. E os comprovantes de transferência logo começaram a aparecer, um a um. Meu nome foi o de número trinta e cinco da lista, mas bem

rápido já havia mais de sessenta nomes. Alguém perguntou: “quem é Bença”? Algumas das respostas que surgiram: “Impressionante como Bença é uma unanimidade! Ele é muito gente boa e merece”. Outra disse: “ele é uma pessoa maravilhosa”. E uma outra complementou: “é único!”.

Há algumas semanas, talvez mais de um mês, por conta de uma enchente, Bença perdeu não só a geladeira, mas boa parte do que tinha em casa. Duas colegas se mobilizaram para reunir outros médicos e levantar o necessário para a aquisição. Ao final do dia, a geladeira já tinha sido comprada e o saldo residual de R\$ 2.173,00 (dois mil cento e setenta e três reais) foi transferido para a conta dele para que administre como julgar melhor na aquisição de outros móveis.

Bença é pobre. Talvez não tenha concluído o ensino médio, não sei. Mas Bença também é filho de um Deus bondoso, poderoso, que provê os seus. O Deus de Bença enche a terra com Sua bondade (Salmo 119:64); também chama à existência as coisas que não são como se elas já fossem (Romanos 4:17). Não fomos nós que demos a geladeira nem o valor que ele recebeu. Foi o Senhor que, como diz a canção, derrama chuva de bênçãos, chuvas de bênçãos dos céus. O Deus que cuida de pobres e necessitados, sejam esta pobreza e necessidade de bolso ou de alma.

“Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu!” (Salmo 40:17).